

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**SER PROFESSOR NO ENSINO PRIVADO CATÓLICO
UMA EXPERIÊNCIA DE 20 ANOS**

Relatório Profissional de Mestrado em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário



Candidato: João Mário Matos Magalhães (aluno nº61746)

Orientadores: Professor Doutor Artur Manuel Lourenço Tavares dos Anjos Martins

Professor Doutor Francisco José Félix Saavedra

Vila Real, junho de 2016

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**SER PROFESSOR NO ENSINO PRIVADO CATÓLICO
UMA EXPERIÊNCIA DE 20 ANOS**

Relatório Profissional de Mestrado em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário



Candidato: João Mário Matos Magalhães (aluno nº61746)

Orientadores: Professor Doutor Artur Manuel Lourenço Tavares dos Anjos Martins

Professor Doutor Francisco José Félix Saavedra

Vila Real, junho de 2016

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

**SER PROFESSOR NO ENSINO PRIVADO CATÓLICO
UMA EXPERIÊNCIA DE 20 ANOS**



Relatório Profissional apresentado à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, como requisito para a obtenção do *grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*, cumprindo o estipulado no ponto 5 do artigo 10º do regulamento CRUP da UTAD, sob a orientação do Professor Doutor Artur Manuel Martins e do Professor Doutor Francisco Félix Saavedra.

*A nossa vida é um caminho, quando paramos
não vamos para a frente.*

(citação do Papa Francisco)

Agradecimentos:

A amizade não se busca, não se sonha, não se deseja; ela exerce-se é uma virtude. (Simone Weil)

Para a realização deste relatório foi muito importante o grupo de pessoas pelas quais estou rodeado. Amigos, que apenas a troco da minha felicidade, retiraram horas do seu tempo que poderiam ser de lazer, para me ajudarem na elaboração e concretização deste projeto.

Começo por salientar, sem dúvida, aquele que foi e é o meu orientador Professor Doutor Artur Manuel Martins. Mais uma vez, e sem qualquer interesse que não o meu sucesso, disponibilizou horas de dedicação para me acompanhar neste exaustivo trabalho. Foi a minha referência como professor quando tirei a licenciatura, e não deixa de ser curioso que passados vinte anos continua com a mesma vivacidade, alegria e empenho em cultivar quem com ele trabalha. Mais do que um orientador e um Amigo, é um exemplo a seguir. Um grande bem aja.

Também ao Professor Doutor Francisco Saavedra, o meu sentido agradecimento, pois desde o primeiro momento que o contatei, se mostrou disponível para colaborar comigo neste projeto, disponibilizando tudo o que me seria necessário à concretização do mesmo. Aceitou também ser meu orientador, valorizando por isso este trabalho, pois passei a ter a opinião e o ensinamento de dois professores que são referências educacionais e que muito me ajudaram na elaboração deste trabalho.

Agradeço igualmente aos meus colegas que me facultaram algumas fotos de atividades de anos mais distantes, em que as máquinas ainda não eram digitais, bem como às Irmãs que gentilmente me cederam vários dados relativos à instituição. O meu obrigado.

Não me esqueço da minha colega Teresa Serra que me prestou grande colaboração na tradução do *Abstract*. O meu agradecimento.

Índice

Agradecimentos	i
Índice	iii
Índice de Tabelas	v
Índice de Figuras	vii
Resumo	xi
Abstract	xiii
Introdução	1
Secção 1. Ensino Privado em Portugal	5
Secção 2. Colégio Nossa Senhora da Assunção	15
2.1 A Origem da Congregação	16
2.2 A Congregação no Mundo	17
2.3 A Província Portuguesa	18
2.4 Colégio Nossa Senhora da Assunção	20
2.4.1 Resumo Histórico	20
2.4.2 Filosofia e Cultura de Escola	21
2.4.3 O espaço físico	24
2.4.4 Os alunos	26
Secção 3. Análise de Vinte anos de trabalho	31
3.1 Atividade Letiva (1995/2015)	32
3.2 Atividade Exta Letiva	34
3.2.1 Atividades Desportivas	44
3.2.2 Funções Administrativas e Pedagógicas	57
3.2.3 Visitas de Estudo	59
3.2.4 Desporto Federado	62
3.2.5 Outras atividades	64
Secção 4. O ano letivo 2013/14	67
4.1 Atividade Letiva	69
4.1.1 Caraterização das turmas	69
4.1.2 Caraterização das aulas	71
4.1.3 Planeamento	73
4.1.4 Condição Física	74

4.1.5 Avaliação Diagnóstica	75
4.1.5.1 Desportos Coletivos	75
4.1.5.2 Desportos Individuais	78
4.1.6 Avaliação Final	81
4.1.6.1 Desportos Coletivos	81
4.1.6.2 Desportos Individuais	85
4.1.6.3 Domínio Comportamental	88
4.1.6.4 Avaliação Final com todos os Domínios	90
4.2 Atividade não Letiva	93
4.3 Desporto Federado – Treinador de Ténis	97
Secção 5. Reflexão Final	99
Secção 6. Bibliografia	105

Índice de Tabelas

Tabela 1. Número de turmas atribuídas por ciclo em cada ano escolar	32
Tabela 2. Trabalho desenvolvido de 1995 a 1999	34
Tabela 3. Trabalho desenvolvido de 1999 a 2003	36
Tabela 4. Trabalho desenvolvido de 2003 a 2007	38
Tabela 5. Trabalho desenvolvido de 2007 a 2011	40
Tabela 6. Trabalho desenvolvido de 2011 a 2015	42
Tabela 7. Distribuição dos alunos por turmas em função do sexo	69
Tabela 8. Percentagem de rapazes e raparigas	70
Tabela 9. Distribuição da carga horária semanal por turmas ao longo do ano	71
Tabela 10. Modelo de aula de 45 minutos	71
Tabela 11. Modelo de aula de 90 minutos	72
Tabela 12. Resultados obtidos pelos alunos no teste da milha	74
Tabela 13. Elementos avaliados durante a avaliação diagnóstica	75
Tabela 14. Distribuição dos alunos por níveis: I-introdutório; E- elementar; A- avançado	75
Tabela 15. Elementos avaliados durante a avaliação diagnóstica	78
Tabela 16. Distribuição dos alunos por níveis: I-introdutório; E- elementar; A- avançado	78
Tabela 17. Percentagem atribuída na avaliação final dos JDC, nos diferentes ciclos	81
Tabela 18. Distribuição dos alunos por níveis: I-introdutório; E- elementar; A- avançado	81
Tabela 19. Distribuição dos alunos por níveis: I-introdutório; E- elementar; A- avançado	85
Tabela 20. Médias do domínio comportamental ao longo dos períodos para cada ano escolar	89
Tabela 21. Comparação das classificações na turma do 5º ano (2º ciclo)	91
Tabela 22. Comparação das classificações na turma do 7º ano (3º ciclo)	91
Tabela 23. Comparação das classificações nas turmas do 11º e 12º ano (secundário)	92

Índice de Figuras

Figura 1. Número de alunos que frequentaram o ensino público e privado entre 1961 e 1974	9
Figura 2. Percentagem de alunos que frequentaram o ensino público e privado entre 1961 e 1974	10
Figura 3. Número de alunos que frequentaram o ensino público e privado entre 1975 e 1994	10
Figura 4. Percentagem de alunos que frequentaram o ensino público e privado entre 1975 e 1994	11
Figura 5. Número de alunos que frequentaram o ensino público e privado entre 1995 e 2014	11
Figura 6. Percentagem de alunos que frequentaram o ensino público e privado entre 1995 e 2014	12
Figura 7. Total de escolas privadas católicas e não católicas em 2014	12
Figura 8. Províncias Cluny no mundo	17
Figura 9. Foto de grupo de um encontro	19
Figura 10. Encontro de jovens cluny	19
Figura 11. A frente do colégio	24
Figura 12. O pátio	24
Figura 13. A sala 6	24
Figura 14. A mediateca	24
Figura 15. A cantina	24
Figura 16. A biblioteca	24
Figura 17. O bloco do 1º ciclo	25
Figura 18. Uma sala para os exames	25
Figura 19. O pavilhão	26
Figura 20. O campo exterior	26
Figura 21. Número de alunos por ciclo	26
Figura 22. Número médio de alunos por turma em cada ciclo	27
Figura 23. Concelhos do distrito de Aveiro	27
Figura 24. Concelhos do distrito de Coimbra	27
Figura 25. A Festa de Natal	30
Figura 26. Abertura solene aos encarregados de educação	30
Figura 27. Número de turmas atribuídas por ciclo nos 20 anos	33
Figura 28. Trabalho não letivo realizado entre 1995 e 1999	35
Figura 29. Trabalho não letivo realizado entre 1999 e 2003	37
Figura 30. Trabalho não letivo realizado entre 2003 e 2007	39
Figura 31. Trabalho não letivo realizado entre 2007 e 2011	41
Figura 32. Trabalho não letivo realizado entre 2011 e 2015	43
Figura 33. Distribuição do trabalho não letivo durante os 20 anos de docência	43
Figura 34. Caminhos de S. Tiago (chegada á praça obradoiro 2012)	45
Figura 35. Caminhos de S. Tiago (chegada a Tui 2015)	45
Figura 36. O grupo na pista de Manteigas	47
Figura 37. O troféu de campeões da fase CAE (2002)	48
Figura 38. O troféu de campeões regionais em Viseu (2001)	48
Figura 39. 3 alunos num torneio	49
Figura 40. Uma aluna num torneio social	49
Figura 41. Exercícios de drible	50
Figura 42. Situação de 1x1 com finalização	50
Figura 43. Atividade de BTT (2005)	52
Figura 44. Karting (2008)	52
Figura 45. Canoagem na Ria de Aveiro (2010)	52
Figura 46. Atividades aquáticas (2010)	52
Figura 47. A preparação de uma final	55
Figura 48. Os prémios	55
Figura 49. O grupo em Andorra (2005)	56

Figura 50. O grupo em Baqueira (2006)	56
Figura 51. Um aluno com João Sousa	60
Figura 52. O grupo no centralito (court do torneio)	60
Figura 53. Entrada no relvado do Estádio	62
Figura 54. O grupo em frente à Torre Eiffel	62
Figura 55. A nossa 1ª presença no PNDT (programa nacional deteção talentos)	63
Figura 56. A Marta Fernandes com os troféus que ganhou	63
Figura 57. Entrega do prémio treinador do ano	66
Figura 58. O horário com as turmas, atividades e clube de Ténis	68
Figura 59. Organograma da distribuição de serviço	69
Figura 60. Total de rapazes e raparigas	70
Figura 61. Percentagem de população masculina e feminina	70
Figura 62. Fase inicial da aula (flexibilidade)	72
Figura 63. Fase fundamental da aula	72
Figura 64. Percentagem obtida na milha por zona	74
Figura 65. Avaliação diagnóstica dos JDC na turma do 5º ano (2º ciclo)	76
Figura 66. Avaliação diagnóstica dos JDC na turma do 7º ano (3º ciclo)	76
Figura 67. Avaliação diagnóstica das 4 turmas dos JDC no ensino secundário	77
Figura 68. Avaliação diagnóstica dos DI na turma do 5º ano (2º ciclo)	79
Figura 69. Avaliação diagnóstica dos DI na turma do 7º ano (3º ciclo)	79
Figura 70. Avaliação diagnóstica das 4 turmas dos DI no ensino secundário	80
Figura 71. Avaliação final dos JDC na turma do 5º ano (2º ciclo)	82
Figura 72. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos JDC na turma do 5º ano (2º ciclo)	82
Figura 73. Avaliação final dos JDC na turma do 7º ano (3º ciclo)	83
Figura 74. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos JDC na turma do 7º ano (3º ciclo)	83
Figura 75. Avaliação final das 4 turmas dos JDC no ensino secundário	84
Figura 76. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos JDC nas turmas do secundário	84
Figura 77. Avaliação final dos DI na turma do 5º ano (2º ciclo)	85
Figura 78. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos DI na turma do 5º ano (2º ciclo)	86
Figura 79. Avaliação final dos DI na turma do 7º ano (3º ciclo)	86
Figura 80. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos DI na turma do 7º ano (3º ciclo)	87
Figura 81. Avaliação final das 4 turmas dos DI no ensino secundário	87
Figura 82. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos DI nas turmas do secundário	88
Figura 83. Comparação das médias por período e por ciclo	89
Figura 84. Pesos dos domínios na avaliação	90
Figura 85. Níveis (2º e 3º ciclos) e valores (secundário) atribuídos	90
Figura 86. Comparação dos níveis finais atribuídos por período no 5º ano (2º ciclo)	91
Figura 87. Comparação dos níveis finais atribuídos por período no 7º ano (3º ciclo)	92
Figura 88. Comparação dos níveis finais atribuídos por período no ensino secundário	92
Figura 89. Uma atividade na Festa de Miniténis	94
Figura 90. Os alunos e os pais na Festa de Miniténis	94
Figura 91. Uma atleta num torneio oficial	94
Figura 92. Um atleta que participou no Smashtour	94
Figura 93. O grupo com Vitor Cabral – Responsável pela formação da FPT	97

Figura 94. Os alunos na bancada do campo principal	95
Figura 95. Os campeões distritais e 5º classificados no Nacional (Vilamoura)	98
Figura 96. Marta Fernandes – campeã regional sub12	98
Figura 97. Ranking Nacional do 6º ano	98
Figura 98. O agradecimento do Papa Francisco	104

Resumo

O presente relatório descreve e analisa o percurso de vinte anos de atividade profissional de um docente de Educação Física, realizado numa instituição escolar privada, fundada em 1926 na aldeia de Famalicão-Anadia pela Província Portuguesa da Ordem de S. José de Cluny, e atualmente designada - Colégio de Nossa Senhora da Assunção -.

Inicialmente o documento contextualiza a instituição onde decorreu a atividade profissional referindo-se à realidade do ensino privado em Portugal e às particularidades da instituição relativas à sua génese e história, características organizativas e ideológicas de carácter humanístico e religioso.

As duas circunstâncias, pertencer ao “Ensino Privado” e ao “Ensino Confessional Católico”, ainda que de forma quase impercetível, são influências marcantes que explicam alguns aspetos diferenciadores do percurso profissional apresentado.

Após o enquadramento institucional, o relatório apresenta em duas secções distintas as atividades profissionais desenvolvidas. A primeira secção, mais genérica, dá uma perspetiva do percurso realizado entre 1995 e 2015. Na segunda secção, descreve-se e analisa-se de forma mais pormenorizada a atividade profissional desenvolvida num ano escolar - 2013-2014 -, ano académico que antecedeu o início deste trabalho de pesquisa e reflexão.

As duas secções seguem o mesmo modelo de apresentação do trabalho descritivo e reflexivo, separando nesse modelo duas categorias de atividades, as atividades letivas e as atividades extralectivas. Nas atividades letivas incluem-se as atividades de preparação da lecionação, lecionação e avaliação. Nas atividades extralectivas incluem-se os projetos desenvolvidos na instituição, que normalmente são transversais às diferentes áreas curriculares, e têm geralmente uma forte componente de objetivos associados às dimensões relacionadas com a cidadania e com o enquadramento religioso dessa cidadania ou forma de estar na vida e no mundo. Há também uma significativa referência às atividades desportivas, tanto no âmbito da animação e formação, como na componente competitiva e federada.

Por último, o trabalho inclui uma reflexão sobre o percurso trilhado nos últimos 20 anos e uma reflexão sobre a prospetiva do trabalho profissional futuro.

Palavras-Chave: Percurso Profissional, Professor, Educação Física, Ensino Particular Católico, Atividades Letivas, Atividades Extralectivas.

Abstract

The following report details and analyses a twenty year long career of a physical education teacher, in Colégio de Nossa Senhora da Assunção (CNSA) – a private school in Famalicão, Anadia that was founded in 1926 by the Portuguese congregation of the Sisters of St. Joseph of Cluny.

The first part of the document is dedicated to how the school settled in the Portuguese private schooling landscape – describing the unique characteristics that derive from its origin, the management and the core religious and humane guiding values.

After the institutional introduction, it is explained how by bringing together both “Private” and “Catholic Religious” teaching in one school, subtle influences ended up moulding the teacher’s career and giving it its defining traits. There is a summarizing description of the whole career from 1995 to 2015 followed by more detailed analysis of the school year 2013-2014, the year preceding this document.

Both analyses keep the distinction between class related activities and extracurricular activities. The former category encloses the preparation of classes, teaching and evaluation. The latter refers to projects developed for the school and the students. These projects usually concern the whole curricular program – not just physical education – and are oriented towards the civic development and moral uprightness of the student, while trying to provide a religious compass for how the students perceive and behave in society. The other described extracurricular activities concern sporting events, both entertainment wise and competition related.

The last part of the document contains a reflection on the last 20 years and an outlook for the future career.

Keywords: Professional Background, Teacher, Physical Education, Private Catholic School, School Activities, Extracurricular Activities.

Introdução

Nos últimos vinte anos temos vindo a exercer, de forma ininterrupta, a atividade profissional como professor de Educação Física no Colégio Nossa Senhora da Assunção em Famalicão-Anadia. Este Colégio pertence à ordem religiosa católica de São José de Cluny, cujo carisma e vocação estão fortemente ligados ao missionarismo e à educação e ensino de crianças e jovens. Atualmente a instituição presta serviços na área educacional desde o ensino pré-primário até ao ensino secundário.

A atividade docente neste colégio tem algumas particularidades. Até aos anos setenta do século passado, o ensino era maioritariamente atribuição de irmãs da congregação, num modelo de “religiosa/educadora”, onde, literalmente, grande número de alunas e professoras “viviam na escola”. No final da década de 80 do século XX as circunstâncias alteraram-se. Terminou o regime de internato, deixou de ser uma instituição reservada a raparigas e aumentou o número de alunos. No âmbito dos recursos humanos relativos ao corpo docente, em virtude da diminuição de vocações religiosas a lecionação da maioria das disciplinas passou a ser desempenhada por professores não pertencentes à congregação, sendo o cargo de diretora desempenhado por uma irmã designada pela hierarquia da Ordem. Este cargo tem a tradição de ser desempenhado por irmãs muito carismáticas e num mandato duradouro que dá estabilidade e rumo às opções estratégicas que individualizam a instituição. Quando iniciámos a nossa atividade docente no colégio, em 1995, este era dirigido pela Irmã Maria Eugénia e nos últimos dez anos o colégio tem sido dirigido pela Irmã Idalina Faneca. Estas duas diretoras operaram profundas mudanças no colégio e uma cultura de escola de grande dinamismo e capacidade de adaptação às novas realidades sociais. O seu dinamismo contagiante transmite-se aos professores que por isso são constantemente impelidos a manterem uma dedicação e empenho elevados sempre disponíveis para colaborarem em projetos que vão muito para além da atividade docente.

Este empenho a que, saudavelmente, nos sentimos constantemente impelidos é ainda favorecido pela componente e dinâmica religiosa que é marca distintiva desta escola. Embora alunos e professores que integram a escola possam ser ateus ou professar qualquer religião, muitos dos projetos e atividades realizadas no colégio inserem-se numa cultura marcada por valores e costumes cristãos e católicos.

O relatório que a seguir apresentamos, evidencia a nossa experiência docente, obviamente enquadrada num contexto particular de um “Ensino Privado de Cariz Religioso” anteriormente identificado. À descrição do percurso profissional realizado ao longo das duas

últimas décadas, acrescentamos um exercício reflexivo sobre o já vivido e apontamos algumas ideias sobre o caminho que esperamos percorrer nas duas próximas décadas.

Metaforicamente, este relatório surge como uma paragem a meio-caminho do percurso que constitui uma vida profissional docente. Para trás fica uma viagem de duas décadas por trilhos com as curvas e obstáculos normalmente espectáveis. Há já um forte sentimento de dever cumprido com qualidade. Para futuro, a experiência e a capacidade de tomar decisões são fatores determinantes para conseguirmos manter o nível de desempenho até agora realizado, tendo, no entanto presente que, as mudanças que surgem com a idade cronológica e as constantes mudanças tecnológicas e sociais são desafios para os quais temos de ter uma constante atenção.

A função dos relatórios profissionais dos docentes e das reflexões que eles proporcionam, sobre o desempenho docente, é patente na opinião de vários autores relacionados com as Ciências da Educação. Kemis (1985), Schön (1987), ou Zeimer (1993) atestam que só refletindo e analisando o que se fez se poderá alterar, modificar e melhorar. Na última década do século passado, dois autores de referência como Alarcão (1996) e Serrazina (1998), evidenciaram o papel da reflexão, expressa ou não em relatórios como o presente, apontando-a como fundamental para o bom desempenho profissional.

Aliado à ideia da importância da reflexão e à experiência acumulada dos professores, durante a sua vida profissional foi introduzido em Portugal por Nóvoa (1992), no contexto de investigação das Ciências da Educação, um paradigma de investigação designado por Histórias da Vida. Este paradigma considera as histórias de vida, leia-se experiência, como um recurso muito valioso para a formação e melhoria das atividades docentes. Este nosso relatório pode ser entendido como uma “história de vida” escrita num momento em que a sua utilidade é ainda relevante para a vida profissional do autor.

Em acordo com os autores referidos, também nós consideramos que a avaliação da intervenção docente, feita pelo próprio (autoavaliação), ou realizada por outros, pares, pais, alunos, psicólogos, sociólogos, é fundamental para a necessária adaptação da intervenção profissional num tipo de prestação de serviço tão relacionado e sensível às permanentes mudanças sociais, políticas, culturais e tecnológicas.

Também partilhamos a ideia de que a docência não se confina à transmissão de conhecimentos em contexto de sala de aula. Entendemos a profissão docente um pouco à luz do modelo de Bronfenbrenner (1996) entendendo o ensino e o professor como elementos de um processo educativo complexo. Trata-se de um trabalho de equipa ao serviço das crianças e jovens, da sociedade e da evolução humana. Como diz o provérbio “para educar uma criança

é necessária uma aldeia inteira”, mas o papel e as competências familiares são fundamentais, contribuindo o sistema de ensino e os professores para complementarem as tarefas educativas que os pais não conseguem fazer, seja por falta de tempo seja por falta de saberes específicos. Pensamos que o relatório expressa também essa ideia de participação no processo educativo alargado em projetos associados ao desporto e também associados a outras circunstâncias da vida, nomeadamente as dimensão cultural e religiosa.

A experiência docente dos últimos 20 anos é constituída por momentos, sensações e emoções de difícil transmissão num documento deste tipo. Mesmo assim, e como distanciamento possível, nos textos incluídos nas cerca de 100 páginas que compõem o documento procurámos fazer o enquadramento, a descrição e a análise do trabalho docente realizado. Para isso considerámos 5 capítulos (secções). Inicialmente, nas duas primeiras secções, identificámos algumas das características particulares do contexto institucional onde exercemos a profissão. A terceira secção inclui a descrição sucinta e a análise das atividades docentes realizadas durante os 20 anos em que exercemos a profissão. A quarta secção aborda, agora com maior pormenor, a atividade docente realizada durante um ano letivo (2013/2014). Finalmente, como “términus” do documento, na secção 5, apresentamos uma reflexão final, mais personalizada, sobre a experiência pessoal recordada e sobre as expectativas relativas à vida profissional futura.

Julgamos ficar demonstrado, o quanto foi gratificante trabalhar nesta instituição ao longo de todos estes anos, exercendo a profissão de professor de Educação Física, colaborando na formação de crianças e jovens, tendo hoje em dia alguns já como colegas. Nos anos que se avizinham contamos poder ter a mesma vivacidade e dinamismo, procurando alicerçar os alunos na vertente física, intelectual, moral, social e humana em cada aula da disciplina, bem como continuar a realizar projetos que alarguem o leque de atividades desportivas proporcionadas aos alunos do colégio.

Secção 1: Ensino Privado em Portugal

O ensino privado no nosso país sempre teve um papel de capital importância. Durante o século XIX o ensino era uma atividade predominantemente privada estando na sua maioria associada a instituições de cariz religioso. Estas desempenhavam um papel fundamental no ensino e desenvolvimento das populações.

As divergências entre apoiantes do ensino privado e público sempre se fizeram sentir, e já nessa altura havia correntes que opinavam favoravelmente ao ensino privado tendo como base a *Liberdade de ensino*, ou seja cada pai deveria ter a possibilidade de escolher para os seus educandos o que considerava a melhor opção, enquanto outros se mantinham fieis ao fortalecimento do poder do estado assumindo, designadamente a figura de *Estado Educador*.

Não há dados exatos da quantidade de escolas e alunos que frequentavam este tipo de ensino, em meados do século XIX, contudo sabe-se que estava fortemente implantado. Podemos constatar este facto através de um relatório do ano 1849-50:

Apesar das continuadas diligências do Conselho e das suas representações ao governo de V. M. sobre este objecto, não tem sido possível conseguir-se que todos os professores particulares de instrução secundária se habilitem, na conformidade das leis; nem mesmo que os poucos habilitados dêem contas do número e aproveitamento dos seus discípulos...

Enquanto se não obtiverem os mapas dos alunos que frequentam as escolas particulares, cujo número é, sem dúvida, muito superior ao dos que frequentam as públicas, faltam os dados necessários para neles assentar a estatística actual e comparativa desta parte da instrução. (Gomes, 1985, p.109)

(Cit. In, Pintassilgo 2010)

Este excerto dá conta de alguns aspetos interessantes. A rede escolar oficial, de então, era insuficiente, pois segundo o relator o número de instituições privadas e respetivos alunos, apesar de não ser quantificável era em maior número do que as escolas públicas. Um grande número de professores não possuíam as habilitações legais necessárias para desenvolverem as suas funções.

Após a guerra civil, da primeira metade do século XIX, instalou-se, em Portugal, um regime designado por liberalismo. Apesar da grande parte do Clero ter sido associada à corrente absolutista derrotada, o liberalismo sempre foi ambíguo relativamente à Igreja Católica. Por um lado os ideais do Catolicismo sempre fizeram parte, durante toda a Monarquia Constitucional, dos fundamentos e da religião oficial do estado estando muito presentes na instrução primária. Como atrás referimos o ensino ocorria principalmente em instituições religiosas. O sistema de ensino estatal era ainda muito insuficiente. Por outro lado

assistimos às expropriações e expulsão de algumas ordens religiosas no nosso país. Ora estas expulsões também tocaram as instituições de ensino.

Apesar disso, a iniciativa de alguns padres com o apoio de beneméritos com forte ligação à religião católica dinamizaram, na segunda metade do século XIX múltiplas iniciativas relacionadas com o ensino.

D. António Costa, que havia sido, em 1870, o Primeiro-ministro da Instrução Pública em Portugal, num documento datado de 1884, *Auroras da Instrução pela Iniciativa Particular*, refere-se a uma dessas iniciativas afirmando que uma das instituições que mais atenção lhe merece é o Asilo da Gandarinha em Ovar, pois acolhe 100 crianças. Para além da instrução este estabelecimento também dá agasalho, proteção e desvia os alunos de ambos os sexos dos perigos. Promove o desenvolvimento das capacidades físicas, morais e intelectuais, inoculando-lhes os costumes do asseio e da obediência, desenvolver em seus corações o amor de Deus e do próximo e *acompanhando sempre os preceitos com bons exemplos*».

Por aqui se percebem algumas características e fundamentos de grande parte do ensino privado durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Como refere Pintassilgo (2011), muitas vezes eram alguns membros da aristocracia, que tinham as iniciativas a apelavam às ordens religiosas que realizassem o trabalho da instrução junto das crianças economicamente e familiarmente desfavorecidas. Incutiam-se hábitos de higiene, integrados num conceito de educação e formação integral, estando sempre presente também a aprendizagem da religião.

Paralelamente à educação promovida por estabelecimentos com ligação a instituições de valores religiosos também havia instituições privadas e laicas muitas vezes associadas a ideias republicanas que promoviam iniciativas ligadas à educação. Um desses exemplos é a associação de escolas móveis promotoras do método João de Deus. Fundada em 1882, por Casimiro Freire, um negociante abastado e admirador de João de Deus, procurava com esta iniciativa promover a educação popular.

As elevadas taxas de analfabetismo que caracterizavam o país no final do século XIX faziam com que houvesse uma vontade de inverter esta situação, considerada de vergonha nacional, nomeadamente por parte dos republicanos que responsabilizavam a monarquia por esta situação. Com a implantação da república em 1910, segundo Correia (2010) a percentagem de analfabetismo a partir dos 7 anos de idade rondava os 70%. A partir do ano seguinte foram criadas várias leis com o intuito de melhorar o ensino e torna-lo mais extensivo, tanto nos anos obrigatórios de escolaridade como na rede que visava o aumento de escolas pelo país. Como podemos constatar, segundo Magalhães (2012) a 29 de Março de

1911 foi criada uma lei que reconhecia ao processo educativo uma dupla função, desenvolver as capacidades individuais de cada ser humano para que este as possa utilizar em proveito próprio, mas também em benefício dos outros. *O homem vale sobretudo pela educação que possui.*

Entre avanços e recuos os objetivos não foram totalmente alcançados e o número de escolas previstas funcionarem nunca foi atingido.

Durante a terceira década do século XX algumas ordens religiosas anteriormente expulsas regressam a Portugal, tendo algumas delas reiniciado a sua ligação ao setor da educação.

Na constituição de 1933 refere-se no artigo 42º que a educação e instrução pertencem à família, às escolas públicas, e entidades privadas desde que em consonância com estas. Também na concordata de 1940, entre o Estado Português e a Igreja Católica, está consagrada a liberdade de ensino.

Em 1934, é publicado, o Decreto-lei nº 23447 sobre um novo Estatuto do Ensino Particular. Este novo documento revoga alguns pontos dos anteriores, relativos ao ensino particular e centraliza no estado as principais funções e obrigações relativas ao sistema educativo.

A liberdade que era consagrada às instituições religiosas, nomeadamente com alguma permissividade na exigência das habilitações dos professores seria mais controlada, bem como se exigia aos alunos do ensino privado a realização dos exames em escolas públicas.

Em 1949 e integrado na grande reforma de Pires de Lima foi criado um novo Estatuto do Ensino Particular. Este novo documento reforça ainda mais a dependência do ensino particular em relação ao ensino oficial. Mesmo assim, no final dos anos 50 assistiu-se a um período de franca expansão do ensino particular.

Em 1973, surgiu o primeiro subsidio atribuído pelo estado a uma instituição privada. Na altura Veiga Simão, Ministro da Educação acordou com os Jesuítas do Colégio das Caldeiras em Santo Tirso uma verba a atribuir para que estes se dedicassem à educação das crianças e jovens locais, dado não haver escolas públicas naquele meio.

Após a revolução de Abril, e já em 1980, através do Decreto-lei nº 553/80, sendo Ministro da Educação Vitor Crespo, e Secretário de Estado Roberto Carneiro, o grande impulsionador desta ação, promoveu-se uma maior igualdade entre ensino público e privado através da criação dos contratos de associação. Estes visavam custear todas as despesas inerentes às turmas abrangidas pelos respetivos contratos, em que o estado passa a atribuir uma verba a cada estabelecimento de ensino, ficando os alunos isentos de qualquer pagamento, exceto das atividades não obrigatórias.

Com o início destes contratos uma nova era começou, pois a partir desta data houve uma alteração significativa no funcionamento de alguns colégios. Os alunos mais carenciados puderam começar a estudar nestes estabelecimentos particulares e cooperativos sem qualquer custo.

Com o decorrer dos anos foram feitas algumas alterações aos contratos, nomeadamente passando o estado a atribuir um determinado número de turmas a cada instituição de ensino privado.

No ano letivo 2013/14 foram contemplados 82 estabelecimentos com contrato de associação, sendo a sua maioria na região centro.

De forma a podermos ter a noção do universo de alunos que tem frequentado o ensino particular em Portugal desde 1961 até 2014 e estabelecer uma correspondência com os alunos que frequentaram o ensino público no mesmo período analisaremos 3 situações:

A evolução desde 1961 até 1974 (Estado Novo), de 1975 a 1994 e de 1995 a 2014 (Terceira República). (cf. Anexo A)

Durante o regime do Estado Novo, entre 1961 e 1974 verificou-se, no ensino privado um aumento de alunos. De modo crescente o número de alunos passou de 95.513 em 1961 para 149.937 em 1971 atingindo nesse ano o seu máximo. Nos 3 anos seguintes houve um ligeiro decréscimo.

No ensino público, e em igual período houve também um aumento passando de 1.074.937 em 1961 para 1.483.781 em 1974.

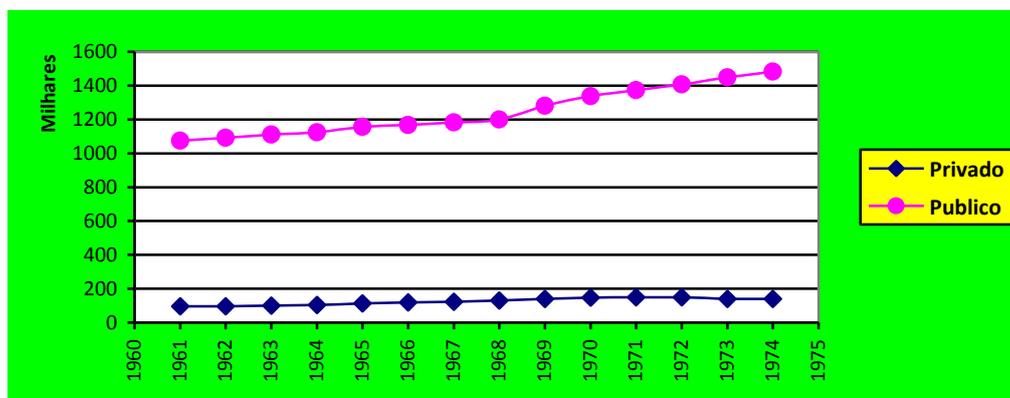


Figura 1. Número de alunos que frequentaram o ensino público e privado ente 1961 e 1974

Relativamente à relação total entre alunos que frequentaram o ensino público e o ensino privado, a relação foi mais ou menos de 9 para 1, ou seja, o ensino público respondeu a 90% da oferta e os alunos do ensino privado representaram cerca de 10% do total dos alunos que frequentaram o ensino em Portugal.

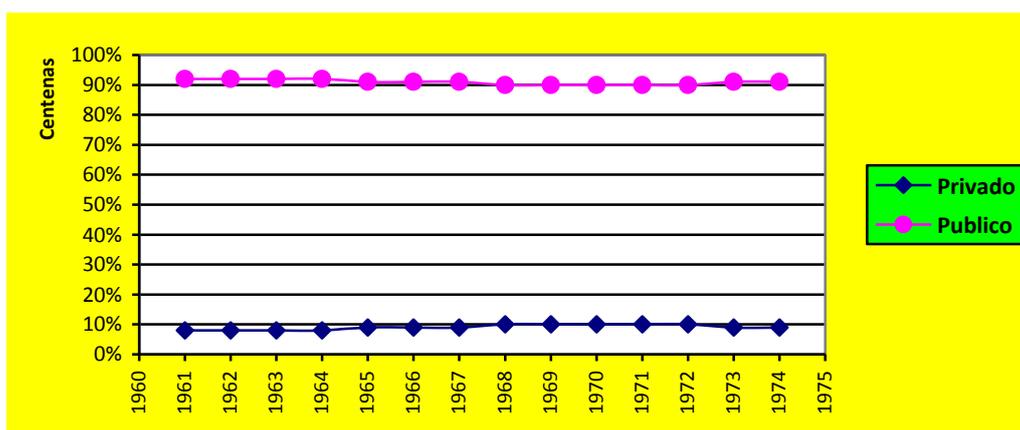


Figura 2. Percentagem de alunos que frequentaram o ensino público e privado ente 1961 e 1974

Para facilitar a análise do período pós revolução dividimos esse espaço em duas partes de 20 anos cada.

Após o 25 de Abril e no percurso entre os anos de 1975 e 1994 verificou-se um aumento substancial de alunos no sistema educativo passando o setor privado de 120.180 alunos em 1975 para os 168.221 em 1994. As escolas públicas acolheram, igualmente mais alunos passando dos 1.530.952 alunos em 1975, para os 1.808.972 em 1994. De salientar que 1992 foi o ano em que mais alunos frequentaram escolas públicas num total de 1.870.106.

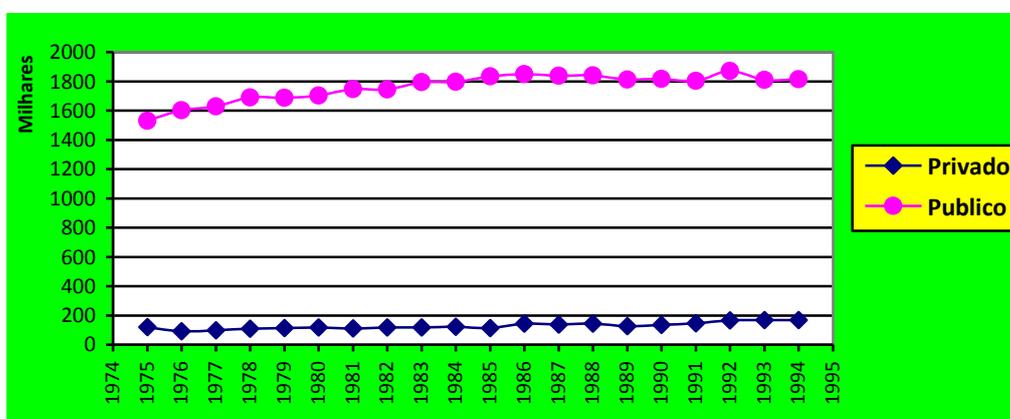


Figura 3. Número de alunos que frequentaram o ensino público e privado ente 1975 e 1994

A percentagem de alunos que frequentaram os dois sistemas de ensino foi variando ligeiramente com o decorrer dos anos. No início cifrava-se nos 93% da escola pública versus 7% do ensino privado. No início dos anos 90 verificou-se uma ligeira alteração tendo os valores relativos ao ensino público descido para os 91% enquanto a percentagem dos alunos do ensino privado subiu para ao 9%.

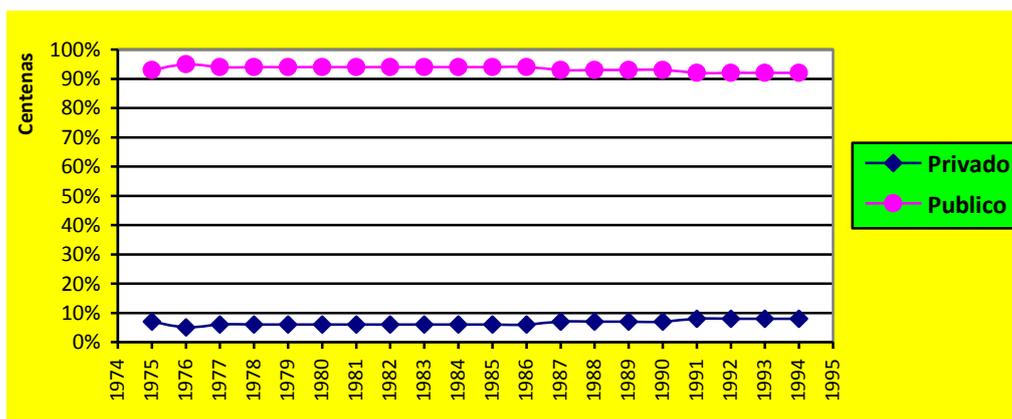


Figura 4. Percentagem de alunos que frequentaram o ensino público e privado ente 1975 e 1994

No que respeita aos anos de 1995 a 2014 assistimos a alterações significativas no número de alunos matriculados, quer no ensino público como privado.

O número de alunos da escola pública em 1995 era de 1.808.551 valor que já trazia desde 1985, mas veio a reduzir até 2006. Esta tendência decrescente foi bruscamente alterada entre 2008 e 2009 em que se verifica um aumento de cerca de 200 mil alunos. O mesmo tipo de movimento se verificou no ensino particular em 2009 aumentando cerca de 100 mil alunos em relação ao ano anterior. Desde 2009 até 2014 assistiu-se a um movimento decrescente tanto no ensino público como no ensino privado.

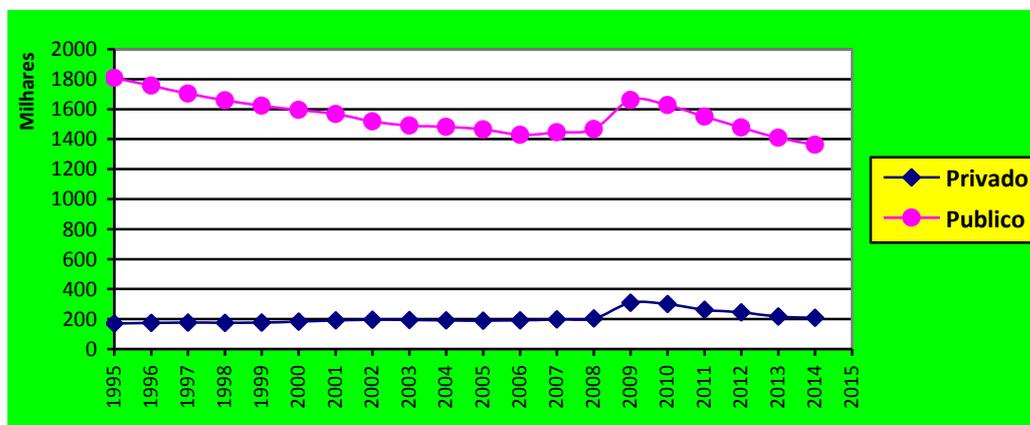


Figura 5. Número de alunos que frequentaram o ensino público e privado ente 1995 e 2014

No que respeita à correlação entre os alunos que frequentaram a escola pública e privada constatamos que este é o período com mais oscilações e onde a percentagem de alunos que estudaram no ensino privado e no ensino público, ainda que muito distantes, mais se aproxima, nomeadamente nos últimos 6 anos.

A percentagem de alunos que frequentou a escola pública em relação aos que estudavam no ensino privado esteve sempre acima dos 90%. Em 2001, este valor começa a baixar e pela primeira vez os alunos matriculados no ensino privado ultrapassam os 10% do total dos alunos inscritos no sistema educativo nacional. Desde essa data, até 2014 o setor privado sempre representou mais de 10% dos alunos matriculados. O ano de 2009, foi o ano em que essa percentagem, foi mais elevada com 16%.

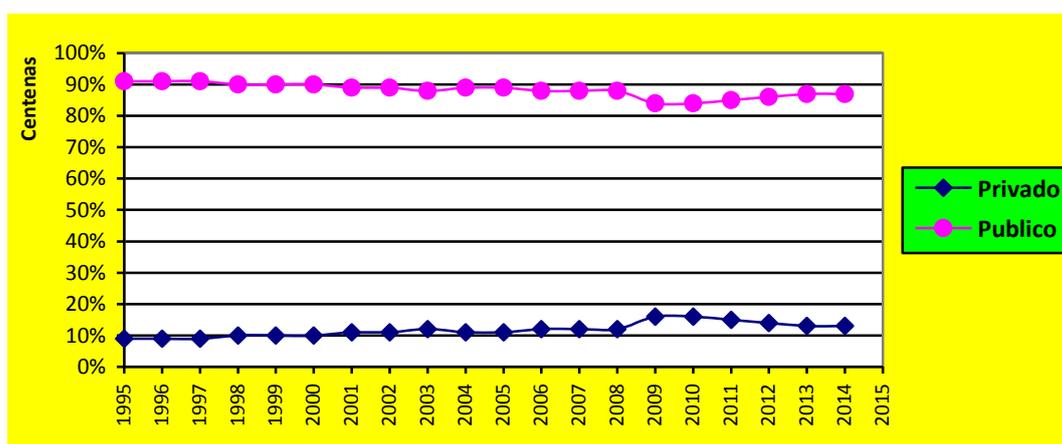


Figura 6. Percentagem de alunos que frequentaram o ensino público e privado ente 1995 e 2014

Podemos concluir pois, que desde 1964 o número de alunos inscritos em escolas privadas superou os 100 mil, com exceção dos anos 1976 e 77 em que a totalidade nestes anos ficou ligeiramente abaixo deste patamar. O ano de 2009 foi o que teve mais alunos matriculados ultrapassando os 300 mil. Era então Ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, do XVII Governo Constitucional, presidido pelo Engenheiro José Sócrates.

Com o desenvolvimento das escolas do ensino particular e cooperativo, surgiu a necessidade de criar associações e órgãos representativos capazes de articular procedimentos e ganhar capacidade reivindicativa juntos da tutela estatal. Dessas associações destacamos a Associação de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo (AEEP) e a Associação Portuguesa de Escolas Católicas (APEC).

AEEP

A representação das escolas particulares até ao 25 de Abril de 1974 era realizada pelo Grémio Nacional dos Proprietários dos estabelecimentos de Ensino Particular.

Com as mudanças que foram criadas foi necessário fundar uma nova associação que tivesse mais força e representasse de forma significativa as escolas privadas, e assim em 1975 foi criada em cooperação a Associação Representantes de Estabelecimentos de Ensino Particular e Cooperativo. Conta atualmente com 500 associados. Representa escolas com contrato de associação e estabelecimentos totalmente privados, abrangendo todos os níveis de ensino.

Tem por finalidade negociar com o ministério da educação e os sindicatos as melhores propostas de funcionamento das escolas que representa.

APEC

A associação foi criada e aprovada em Abril de 1998, durante a Conferência Episcopal Portuguesa e é constituída por escolas católicas. Tem como principais finalidades defender e promover a conceção cristã da educação, no contexto das liberdades de aprender e ensinar, desenvolver e apoiar iniciativas de carácter pedagógico, cultural, científico, técnico, teológico e pastoral, cooperar nos planos de ação pastoral que tenham como objetivos principais o ensino e a educação e colaborar, a nível nacional e internacional, com outros organismos que prossigam objetivos comuns. Conta atualmente com 97 escolas associadas, das 147 que perfazem a totalidade de escolas católicas no nosso país.

Com o aparecimento de inúmeras escolas privadas por todo o país ao longo das últimas décadas, as escolas católicas atualmente representam uma pequena parte do ensino privado.

No ano de 2014 das 1496 escolas privadas que operavam em Portugal lecionando os 3 ciclos do ensino básico e secundário, apenas 147 eram escolas católicas.

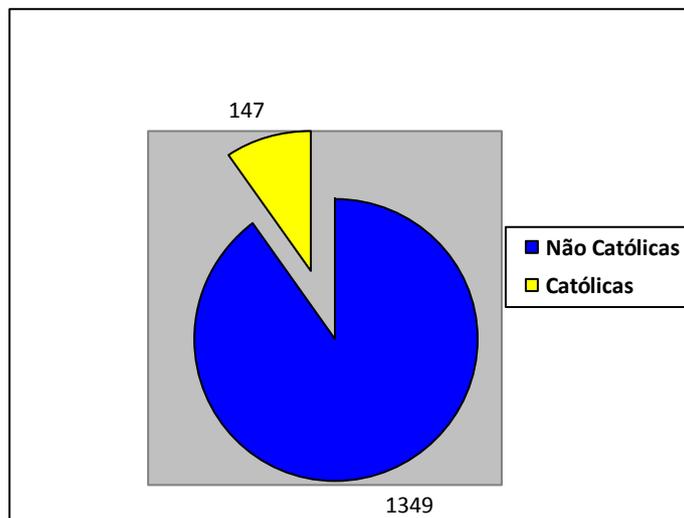


Figura 7. Total de escolas privadas católicas e não católicas em 2014

Secção 2: Colégio Nossa Senhora da Assunção

O Colégio Nossa Senhora da Assunção foi fundado em 1926, embora com a designação de Nossa Senhora da Paz e fica localizado na aldeia de Famalicão que pertence ao concelho de Anadia. Pertence à Ordem religiosa de S. José de Cluny que a nível nacional inclui ainda outros colégios, bem como alguns jardins-de-infância. Nos seus estatutos, como refere o seu Ideário, visa a formação integral dos alunos a nível científico, cultural e espiritual. Para mais fácil se perceber a filosofia que gere esta forma de trabalhar importa conhecer um pouco da génese e da história da própria congregação que Ana Maria Javouhey fundou em França.

2.1 - A Origem da Congregação

Ana Maria Javouhey nasceu a 10 de Novembro de 1779 em Jallanges – Côte d’Or -, sendo a filha mais velha de uma família Cristã. Tinha 10 anos quando a Revolução Francesa rebentou. Nessa mesma altura fez a sua 1º comunhão e desde aí considerou-se consagrada a Deus e às suas obras. Toda a sua adolescência foi vivida com os ventos fortes da Revolução. O Estado Republicano intrometia-se a governar a Igreja: os Padres eram perseguidos, as igrejas saqueadas.

Aos 19 anos Ana Maria Javouhey consagrou-se à vida religiosa. Com a sua determinação estava decidida a fundar uma nova ordem religiosa. Depois de várias diligências, em 1807 conseguiu um encontro com o Papa Pio VII, numa viagem que este fez a Paris, e deu início à nova congregação, as Irmãs de S. José de Cluny. Desde a sua criação, que esta nova ordem procurava por uma lado ajudar os mais pobres e desfavorecidos e por outro lado alfabetizar e ensinar sobretudo as crianças. Ora foi precisamente esta vertente ligada ao ensino, que levou a que o governo francês, nomeadamente, durante a segunda década do século XIX solicitasse a abertura de escolas à congregação. Com várias escolas abertas, sobretudo, na região de Paris a Madre Javouhey começa a destacar-se e a receber novos convites e apelos para que continue com este trabalho, agora em Africa, nas colónias francesas. Vários foram os governadores que solicitaram a inclusão de estabelecimentos de ensino nos seus países. Dentro do que era possível, todas as solicitações iam sendo aceites, com o objetivo de alfabetizar e ensinar não só as crianças e jovens, mas também os adultos. Este contributo das Irmãs de S. José de Cluny, foi fundamental para o desenvolvimento do ensino em França e em África.

2.2 - A Congregação no Mundo

Tendo a sua Génese em França, as Irmãs de S. José de Cluny, têm a sua casa mãe em Paris, e a partir daí saem as orientações para as várias províncias espalhadas um pouco por todo mundo.

Europa: Portugal, França, Itália, Irlanda, Escócia, Inglaterra, Espanha, Suíça e Polónia.

África: Senegal, Serra Leoa, Gâmbia, Congo, Angola, Moçambique, Guiné, Gabão, Gana, Guiné Bissau, Republica Democrática do Congo, Camarões, Ilha de Reunião, Madagáscar e Seichelles.

América: Guiana, Martinica, Guadalupe, S. Pedro e Miquelon, Trindade e Tobago, Santa Lúcia, São Vicente, Haiti, Perú, Granada, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Paraguai, Dominica e Cuba.

Ásia e Oceânia: Índia, Nepal, Filipinas, Taiti, Ilhas Marquesas, Nova Caledónia, Nova Zelândia, Ilhas Cook, Ilhas Fidji, Austrália e Papua/Nova Guiné.

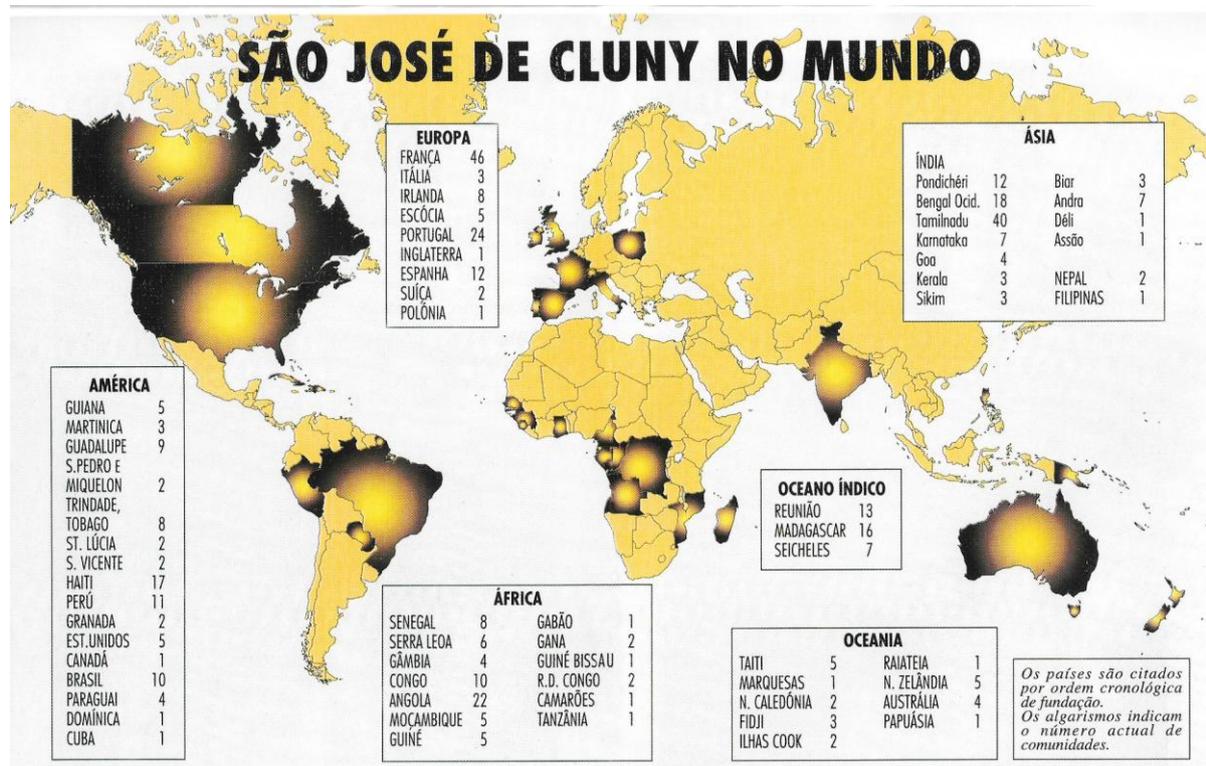


Figura 8. Províncias Cluny no mundo

2.3 - A Província Portuguesa das Irmãs de S. José de Cluny

A Província Portuguesa é constituída pelo conjunto das comunidades das Irmãs de S. José de Cluny em Portugal. Esta Província tem a sua sede na chamada Casa Provincial, em Fátima, onde reside a primeira responsável da Congregação em Portugal - A Superiora Provincial - que é a delegada da Superiora Geral no País.

A história da Província Portuguesa teve início em 1881, ano em que a Casa Mãe, em Paris, é contactada para disponibilizar Irmãs para irem para Angola a fim de trabalharem como missionárias com os Padres do Espírito Santo. Chega a Lisboa um pequeno grupo de Irmãs que foram hospedadas nas Irmãs de S. Vicente de Paulo, depois nas Dominicanas, em Benfica, e posteriormente num convento de Carmelitas em Carnide, que o governo português pôs à sua disposição. Aí se dedicaram à formação de Religiosas missionárias destinadas às missões de Angola. Em Novembro de 1885 fundou-se uma segunda comunidade em Tentúgal (*Coimbra*) sempre com a mesma finalidade: formar Irmãs para as missões portuguesas. Seguiram-se outras fundações no Norte.

Em 1891 abriu-se em Lisboa o primeiro estabelecimento de ensino. Posteriormente, novas fundações se sucederam até que em 1910 com a implantação da República foram expulsas, juntamente com as outras congregações religiosas do país.

Em 1921, e por pedido de Bispos Portugueses, a ordem regressa a Portugal e assim recomeça a nova fase de integração da congregação no nosso País. Atualmente, a Província Portuguesa conta com quase duas centenas de irmãs distribuídas por 21 comunidades que, realizam atividades nos setores de educação, pastoral paroquial, solidariedade social, saúde e idosos.

Associados de S. José de Cluny

Na Encíclica "Christi fideles laici", João Paulo II lança um apelo para que seja dado aos leigos o lugar que lhes compete na Igreja. Com base neste apelo a congregação criou o estatuto de associado. Este grupo que realiza retiros 2 vezes por ano é constituído por irmãs, professores, pessoal não docente e antigos alunos. Também para os alunos que frequentam os colégios da instituição se formou o grupo de Jovens Cluny, havendo um plano anual da Pastoral Juvenil que engloba encontros de reflexão e convívio, campos de férias e retiros espirituais. Há também jovens que desejam fazer voluntariado missionário. Para estes é

apresentado um programa de formação e envio. A formação é feita seguindo os planos da FEC (Fundação de Evangelização e Culturas) e com a Congregação.



Figura 9. Foto de grupo de um encontro



Figura 10. Encontro de jovens Cluny

Colégios Cluny em Portugal

Atualmente, a Congregação conta com 3 estabelecimentos de ensino escolar em Portugal, que lecionam nos ensinos básico e secundário. Na ilha de São Miguel, em Ponta Delgada, situa-se o Colégio Francisco Xavier que leciona apenas 1º e 2º ciclo. Em Coimbra está localizado o Colégio Rainha Santa Isabel que ministra aulas desde o 1º ano até ao 12º ano. Em Famalicão concelho de Anadia está edificado o Colégio Nossa Senhora da Assunção. Este estabelecimento de ensino leciona os 4 níveis de ensino, 1º, 2º e 3º ciclo e secundário. No ano letivo 2014/2015 o corpo discente foi composto por 849 alunos e o corpo docente por 55 professores e 2 psicólogos. Nos anos anteriores o número de alunos e docentes foi semelhante uma vez que o número de turmas se tem mantido constante. De salientar ainda que em tempos, existiu mais um colégio em Torres Novas e que devido ao quebrar do contrato de associação por parte do estado em 1994 deixou de funcionar, pois os alunos que o frequentavam não tinham recursos económicos que lhes possibilitassem pagar uma mensalidade que suportasse os custos inerentes ao funcionamento do mesmo.

Conta ainda a instituição, com mais 9 centros ligados ao ensino do Pré-Escolar, 1 dos quais também em Famalicão e uma Escola Superior de Enfermagem, na Madeira.

2.4 - O colégio Nossa Senhora da Assunção

2.4.1 – Resumo Histórico

O Colégio Nossa Senhora da Assunção é uma Instituição Privada de Utilidade Pública sem fins lucrativos (Diário do Governo de 17 de Outubro 1941, nos termos do artigo 38º do Decreto-Lei nº 21207/41, de 5 de Abril, reconhecido pelo Alvará nº 1154, de 27 de Outubro de 1951).

As raízes remontam há mais de 90 anos atrás. Nos tempos após a Revolução que implantou a República, em Portugal, reinava um clima anticlerical. Este facto levou duas senhoras de Famalicão, D. Maria José e D. Luísa de Melo Osório, filhas dos condes de Proença-a-Velha, a reunirem as crianças em sua casa para as educar com base em princípios católicos. Desejosas de fundar e desenvolver esta obra apostólica, resolveram construir uma casa, na Quinta do Sobreiro, para nela dar às crianças e raparigas da freguesia a promoção social que necessitavam, desejando entregar esta obra a uma congregação religiosa. Entretanto, alguns bispos portugueses fizeram apelos pressurosos à Congregação de S. José de Cluny para enviar religiosas para Portugal. Assim, em Agosto de 1922, a Madre Catarina de Ornelas, conselheira geral da Congregação, em Paris, e antiga dama de companhia da Rainha D. Amélia, veio procurar um local propício para a restauração do noviciado dissolvido em 1910.

Sabedora, através de familiares, da obra e do desejo das irmãs Melo Osório, acaba por inaugurar, nesta casa, em 15 de Outubro de 1922, a obra social - Casa de Trabalho - com dez alunas que aprendiam a ler e a escrever e, ainda, tinham catequese e aprendiam costura. A necessidade, sentida pelos pais de então, de garantir a instrução e educação cristã das suas filhas, faz com que o Colégio surja naturalmente, em 1924, com alunas divididas em regime internato e externato.

Em 1926, o Colégio vê a sua situação legalizada, com o nome de Nossa Senhora da Paz, ministrando então a Instrução Primária. Este colégio, era então o único estabelecimento de ensino existente na região. Em 1933, o colégio alargou o seu ensino ao ensino Liceal.

Em 27 de Outubro de 1951, por razões administrativas, o Colégio mudou o seu alvará e o seu nome passa a ser Colégio de Nossa Senhora da Assunção. Com o crescimento do número de alunos foi necessário aumentar também as instalações e assim em 1955, foi o ano que ficou marcado pela construção de 2 grandes blocos com salas de aulas.

Em resposta ao Decreto-Lei nº 553/80, que dá um novo estatuto ao Ensino Particular, o Colégio entra nos Contratos de Associação, possibilitando desta forma o ensino gratuito à população.

No ano letivo de 1989/90, acabou o internato e em 1990/91 o ensino passou a ser misto e estendeu-se até ao 12º ano.

Para os 1º, 2º e 3º ciclos e ensino secundário (curso de ciências e tecnologias) o colégio possui autonomia pedagógica por tempo indeterminado segundo o Despacho de 15 de Maio de 2006, da Direção Regional de Educação do centro, de acordo com o artigo 38º do Decreto-Lei nº 553/80 de 21 de Novembro.

2.4.2 - Filosofia e Cultura de Escola

O colégio, apesar da sua ligação à religião católica, é uma escola inclusiva onde todos são aceites independentemente dos seus valores religiosos ou ideais político-sociais.

De acordo com o projeto educativo da congregação, expresso no Projeto Curricular de Escola, a sua ação educativa assenta em 3 dimensões:

A – Ontológica

Os educadores empenham-se em colaborar com o educando no desenvolvimento de todas as suas potencialidades de carácter transcendente e humano, concretamente no:

Saber Ser - Tomar consciência da sua dignidade de pessoa, e da pessoa única que é, feita à imagem e semelhança de Deus, consciente de que os dons que possui lhe foram dados para um mais qualificado serviço à Humanidade e Glória de Deus.

Saber Fazer - Apropriar-se das competências essenciais e torná-las operativas, realizando a unidade do pensamento e da ação nas diferentes áreas do saber:

- Religioso e Humanístico
- Histórico e Filosófico
- Científico e Técnico
- Poético e Artístico
- Linguístico e Literário

Saber Estar - Adquirir a convicção e a prática de que o homem é um ser em relação e que só se realiza como pessoa, na medida em que se relaciona afavelmente com os outros na situação em que lhe cabe viver.

B – Axiológica

Os educandos são orientados para a vivência dos valores de transcendência e humanidade que dignificam a pessoa e lhe conferem autoridade moral:

- Verdade e Justiça
- Autonomia, Liberdade e Responsabilidade
- Audácia e Persistência
- Criatividade e Participação
- Solidariedade e Fraternidade
- Autoestima e respeito pelos outros
- Amor gratuito

C – Noológica

Visa-se, neste domínio, uma educação para a excelência do saber, investindo na aquisição de competências que tornem o educando flexível e atuante, capaz de responder aos desafios da modernidade. É intenção dos educadores do Colégio Nossa Senhora da Assunção conduzi-lo, através duma investigação de qualidade, à apropriação sedimentada do conhecimento integrado numa compreensão espiritual. O educando deverá equacionar os binómios:

- Fé e Cultura
- Ciência e Tecnologia
- Investigação e Conhecimento
- Criatividade e Participação

Na pedagogia Cluny, aposta-se profundamente na autodeterminação e no autodomínio: o aluno tem de aprender a conhecer-se e a saber educar a sua forma de ser e de estar. A pedagogia Cluny educa para a liberdade, considerada como autodeterminação pelo Bem.

Esta pedagogia tem em vista o cuidado da linguagem, a temática dos assuntos das conversas e o comedimento de atitudes. Só uma pessoa devidamente contida e construtiva

poderá desenvolver condições para a criação de um ambiente de qualidade, em que todos se sintam bem, e para a formação de cidadãos responsáveis na sociedade do amanhã.

Assim, educamos, através da responsabilização na realização de tarefas, para a aquisição de hábitos responsáveis por parte do educando. A pedagogia Cluny pretende preparar a pessoa humana para a vida, que seja fruto da reflexão, do discernimento e das decisões responsáveis. Trata-se, portanto, de uma pedagogia que procura formar em plenitude com vista à criação de agentes de transformação da sociedade, que criem as condições para que o mundo humano seja mais divino, através de formas expressas de gratuidade. Interessa estarmos atentos à presença de Deus em nós, para que se alcance a Verdade Revelada e o Dogma feito Magistério da Igreja. Só assim o educando poderá chegar à interioridade da vida. À pedagogia Cluny interessa desenvolver o método mais eficaz para o aluno aprender o saber, o saber fazer e o saber ser e estar.

A pedagogia Cluny é humanista cristã e tem como ideal a conformidade do homem com Jesus Cristo. Assim, pode-se afirmar que a pedagogia Cluny é uma pedagogia do exemplo Crístico. O educador, docente e não docente, tem uma missão exemplar, por isso, dele se espera um estilo de ser e um comportamento coerentes com a respetiva função. Nesta pedagogia, o êxito da educação depende muito da qualidade humana, científica, moral e cristã do educador.

Os educadores só terão autoridade se o que quiserem transmitir for, em primeiro lugar, vivido por eles.

“Instrui bem os educadores, pensem que a menor negligência da nossa parte se torna culpada, pois a nossa missão é por assim dizer divina.”

Ana Maria Javouhey, carta 108

Como instituição de ensino, tem como objetivo principal:

Educar para a excelência do Ser e do Saber com vista à liberdade, ao exercício da cidadania e à transcendência.

2.4.3 - O Espaço Físico

Fundado, pois em 1926 com a designação de Nossa Senhora da Paz e adquirindo a denominação atual em 1951, tem a sua fachada central dirigida para a Rua S. José Cluny, na aldeia de Famalicão, que dista cerca de 3 KM da cidade de Anadia.



Figura 11. A frente do colégio



Figura 12. O pátio

Após várias transformações e melhoramentos assenta em três grandes blocos: O edifício central, dividido por três pisos, onde se localiza a direção, secretaria, tesouraria, reprografia, sala de professores, mediateca, sala 6 (sala de reuniões), portaria e dezassete salas de aulas onde atualmente estão as turmas do 3º ciclo e secundário. No prolongamento deste edifício num dos topos estão os aposentos das Irmãs residentes.



Figura 13. A sala 6



Figura 14. A mediateca

A construção inicial, com dois pisos, onde se situa atualmente a cozinha, refeitório, biblioteca, sala de acolhimento aos alunos do 1º ciclo, gabinete de psicologia e oito salas de aula destinadas aos alunos do 2º ciclo.



Figura 15. A cantina



Figura 16. A biblioteca

Finalmente, com três pisos, e construída mais recentemente, estando eu já a trabalhar no colégio o edifício do 1º ciclo. Inicialmente edificada para albergar os alunos do secundário, este bloco, que tem o nome da Madre Fundadora, conta com uma sala de professores, um laboratório de Física/Química e um de Biologia, bar, 15 salas de aula e 2 salas grandes para a realização de testes e exames nacionais, bem como conferências ou formações onde seja necessário juntar várias turmas.



Figura 17. O bloco do 1º ciclo



Figura 18. Uma sala para os exames

Além destes três grandes espaços, podemos encontrar ainda no colégio, a capela que está aberta diariamente, e poderá ser frequentada por qualquer membro da comunidade educativa. O Pátio do recreio onde os alunos disfrutam do tempo de intervalo e de lazer e fazem algumas aulas de Educação Física. Dois espaços verdes, com árvores de grande porte e muita sombra no verão. A gruta, um local de oração, que habitualmente é utilizada em atividades inerentes. O estacionamento automóvel, onde os professores e funcionários deixam os carros. Os campos desportivos exteriores de Andebol, Basquetebol, Atletismo e Ténis, utilizados para a prática desportiva da Educação Física e Desporto Escolar. Por último o Pavilhão desportivo, que é a base das aulas de Educação Física, mas onde decorrem também outras atividades essencialmente culturais. Este recinto com 43 metros de comprimento e 24 metros de largura proporciona que estejam, nos dias de chuva 3 professores a trabalhar em simultâneo. Inerentes ao pavilhão existem dois balneários masculinos e dois femininos. Existe ainda uma sala designada de sala de Ballet, porque efetivamente a sua função principal é o desenvolvimento desta atividade, mas que na Educação Física também se utiliza para dar aulas teóricas, luta ou dança aos alunos.

O Pavilhão tem ainda uma outra função essencial na orgânica do colégio, pois é lá que decorrem quase todas as festas e eventos de grande dimensão. Com uma bancada telescópica

que alberga 803 lugares sentados, proporciona excelente comodidade e ótima visualização de todos os acontecimentos passados num palco improvisado no chão.



Figura 19. O pavilhão



Figura 20. O campo exterior

2.4.4 - Os alunos

O colégio contou em 2014/2015 com 849 alunos, que frequentaram respetivamente primeiro ciclo 219, segundo ciclo 177, terceiro ciclo 272 e ensino secundário 181.

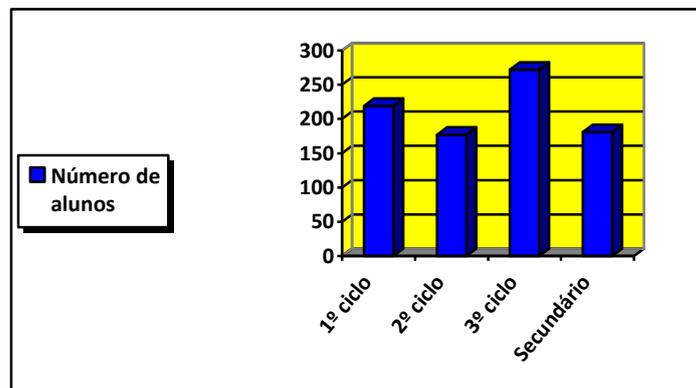


Figura 21. Número de alunos por ciclo

O terceiro ciclo é o que abrange mais alunos. Este facto é baseado em ser constituído por 9 turmas, 3 de cada ano escolar, enquanto no segundo ciclo e no secundário existem 6 turmas. No primeiro ciclo, apesar das 10 turmas, o número de alunos por turma é mais reduzido, em relação aos restantes anos escolares.

A média de alunos por turma em cada ciclo é praticamente igual com exceção do 1º ciclo.

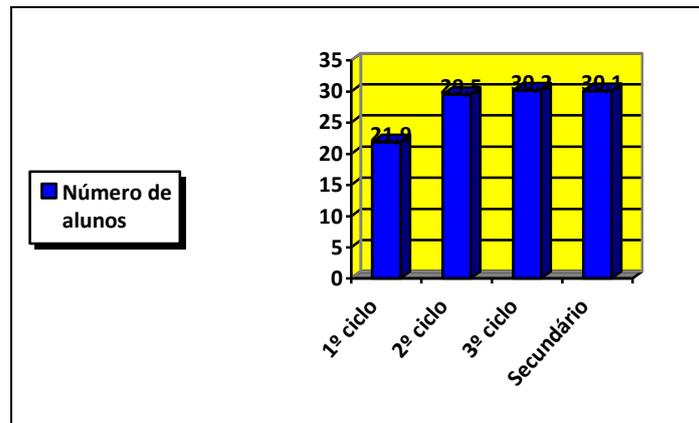


Figura 22. Número médio de alunos por turma em cada ciclo

No 1º ciclo as turmas são constituídas por cerca de duas dezenas de alunos, enquanto nos restantes anos esse valor ascende às três dezenas. No anexo B podemos ver o número total de alunos em cada turma.

Os alunos do colégio são de vários estratos sociais e oriundos de vários quadrantes. Assim, para além do concelho de Anadia, que domina com cerca de 50% dos alunos, há alunos provenientes dos seguintes concelhos: Albergaria-a-Velha, Aveiro, Ílhavo, Vagos, Oliveira do Bairro, Águeda, Mealhada, Cantanhede, Coimbra, Condeixa-a-Nova, Penela e Mira.

O meio de transporte mais utilizado pelos alunos é ao automóvel e o autocarro. Neste universo poucos utilizam o comboio e a bicicleta. Os que moram mais próximo deslocam-se a pé. Há ainda pequenos grupos que vêm de longe e utilizam táxis coletivos, enquanto outros que estão em instituições de ATL ou centros de explicações se deslocam nas carrinhas dessas instituições.



Figura 23. Concelhos do distrito de Aveiro



Figura 24. Concelhos do distrito de Coimbra

Horário

Para os 2º e 3º ciclos e secundário as atividades letivas decorrem de segunda a sexta-feira no período das 8 horas e 23 minutos às 17 horas, exceto às quartas que terminam às 12 horas e 45 minutos.

O primeiro tempo da manhã começa sempre com uma oração. Por essa razão esta aula é de 52 minutos em vez de 45 como todas as restantes.

O 1º ciclo, também de segunda a sexta, inicia as atividades às 8 horas e 40 minutos e termina todos os dias às 16 horas e 30 minutos, exceto às quartas em que finaliza às 15 horas. Os intervalos não são coincidentes entre o 1º ciclo e os restantes anos. Também a hora de almoço é diferenciada, sendo o 1º ciclo o primeiro a almoçar, ao meio dia, seguido pelo segundo ciclo às 12 horas e 45 minutos. O 3º ciclo e secundário, têm no seu horário dias em que também almoçam a esta hora e outros em que o fazem apenas às 13 hora e 30 minutos.

Atividades extracurriculares

Procurando a formação completa e integral dos seus educandos, o colégio oferece um leque vasto de atividades de complemento curricular, procurando visar todas as áreas.

O Voleibol, Futebol, Basquetebol, Xadrez, Ginástica, Ténis, Judo e Patinagem compõem o leque desportivo que é facultado aos alunos.

Relativamente à formação musical, os alunos poderão optar por Classe Conjunto, Grupo Coral, Guitarra, Piano, Canto, Violino e Formação de Intérpretes Vocais.

A nível cultural e formativo noutras áreas oferece: Alemão, Espanhol, Inglês (International House), Mandarim, Ballet, Informática, Clube da Ciência, Pintura, Raízes Greco Latinas, ABC de Arte, e Teatro.

Por aqui se pode observar a riqueza e a complexidade da ações que os discentes deste estabelecimento de ensino podem usufruir.

Conselho de direção

A direção que gere toda a parte pedagógica do colégio é composta pela Diretora, que desde sempre foi e continua a ser uma irmã da congregação, por uma Diretora Adjunta, cargo

que é desempenhado por um professor e pela Madre Superiora que é a responsável máxima pela instituição a nível local.

A direção conta ainda com a colaboração, de um coordenador de cada ciclo e secundário, um assessor informático e outro de artes gráficas e um coordenador pastoral.

Contratos com o Estado

Os alunos que frequentam o colégio encontram-se divididos em dois contratos distintos. O primeiro ciclo é gerido pelo contrato simples, em que não há qualquer apoio financeiro estatal direto, cabendo aos pais a comparticipação total das despesas, pagando uma mensalidade. No entanto os mais desfavorecidos beneficiam de subsídio que, que em função dos seus vencimentos lhes é atribuído e facultado posteriormente a nível estatal.

As restantes turmas estão integradas no contrato de associação, sendo o ensino gratuito para estes alunos. Ao longo dos vários anos o número destas turmas tem vindo a diminuir. No caso dos alunos abrangidos pelo contrato de associação, as famílias apenas custeiam, se assim o desejarem, as atividades não obrigatórias.

Com o passar dos anos e com a falta de crianças, nas escolas públicas, o apoio do estado foi reduzindo e em alguns anos houve turmas a funcionar que não foram abrangidas pelo contrato. Mesmo assim os pais apostaram na educação dos seus educandos e suportaram eles o funcionamento das turmas.

Ao longo dos anos a forma e o número de turmas a serem atribuídas ao colégio foi variando, havendo sempre alguma instabilidade. A partir do final do ano letivo 2014/2015, passou a haver um concurso, sendo o ano seguinte já elaborado em função desse concurso.

Todas as escolas e colégios com contrato de associação tiveram de concorrer às turmas concedidas. Esta medida vem dar mais estabilidade, pois o concurso é válido por 3 anos, altura em que se repete.

Atividades Culturais

Relativamente às atividades Culturais o colégio tem uma dinâmica muito viva. A Festa de Natal, e as Jornadas Culturais são duas atividades marcantes que todos os anos se desenvolvem no estabelecimento de ensino. Nestes eventos verifica-se sempre *casa cheia*

com uma bancada de mais de oitocentos lugares completamente ocupados. Estes dois eventos, que são totalmente programados, orientados e realizados pelos professores e alunos do colégio, são realizações abertas a toda a comunidade e é frequente encontrar antigos alunos e familiares a assistir aos mesmos.

Paralelamente as estas duas realizações que decorrem no colégio, um vasto número de outras atividades sucedem ao longo do ano, de que destacamos as seguintes:

- *Campanhas de solidariedade*, que são frequentes em várias alturas do ano (Natal e Páscoa) e visam angariar alimentos para distribuir por instituições de acolhem crianças e sem abrigo;

- *Cluny 10*, é uma atividade essencialmente de cariz religioso, em que os alunos do secundário têm a possibilidade de partilhar, conviver, orar, conviver e refletir;

- *Encontro da família cluny*, (geralmente é de 3 em 3 anos). Cada casa cluny desloca-se a Fátima e apresenta uma peça teatral ou uma dança ou uma oração no centro Paulo VI.

- *Palestras* com oradores de renome, que visam as várias áreas e disciplinas e proporcionam aos alunos novas sabedorias e áreas de interesse;

- *Viagens de estudo*. Todos os anos o colégio organiza uma viagem a uma cidade europeia cultural. Paris, Barcelona, Londres e Roma foram as últimas a serem visitadas pelos nossos alunos;

- *O baile de finalistas* é mais uma atividade que habitualmente decorre no pavilhão e todos os ano se celebra num sábado em fevereiro;

- *A vigília, a missa de abertura, e dos finalistas*, são também acontecimentos que marcam anualmente as vivências do colégio;

- *A abertura solene aos encarregados de educação* e consequente apresentação dos tema cultural do ano em curso é mais um marco do colégio.



Figura 25. A Festa de Natal



Figura 26. Abertura solene aos encarregados de educação

Secção 3: Análise de vinte anos de trabalho

3.1- Atividade letiva (1995-2015)

Ao longo das últimas duas décadas, tivemos a oportunidade de leccionar aulas de Educação Física em todos os níveis de ensino presentes no colégio tendo em alguns anos ministrado aulas aos quatro níveis.

Desde 1995 até 2015 leccionámos 162 turmas que correspondem a quase 4000 alunos.

Tabela 1. Número de turmas atribuídas por ciclo em cada ano escolar

Ano	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário
1995/96	0	5	4	0
1996/97	0	6	2	3
1997/98	0	3	3	2
1998/99	0	2	6	1
1999/00	0	3	3	1
2000/01	0	4	3	2
2001/02	2	2	4	0
2002/03	2	4	3	0
2003/04	2	2	4	0
2004/05	2	3	3	0
2005/06	4	1	2	1
2006/07	4	2	1	0
2007/08	2	2	2	3
2008/09	2	3	1	3
2009/10	0	2	1	3
2010/11	0	2	0	4
2011/12	2	1	2	4
2012/13	0	1	2	4
2013/14	1	1	1	4
2014/15	1	1	2	4
TOTAL	24	50	49	39

O percurso realizado nos 4 níveis de ensino, tendo inclusivamente em 6 anos sido comum, permite acompanhar o desenvolvimento dos alunos e simultaneamente perceber melhor as diferenças entre eles. É mais fácil, por exemplo, leccionar 3º ciclo se tiver lecionado o 2º, pois percebemos melhor a evolução e a motivação dos alunos.

A lecionação incidiu mais nas turmas do 2º ciclo, e 3º ciclo, 50 e 49 respetivamente, em detrimento das 39 turmas lecionadas no secundário. No 1º ciclo o número de turmas lecionado é um pouco inferior (24) pelo facto de nos sete primeiros anos haver um professor com exclusividade nesse departamento.

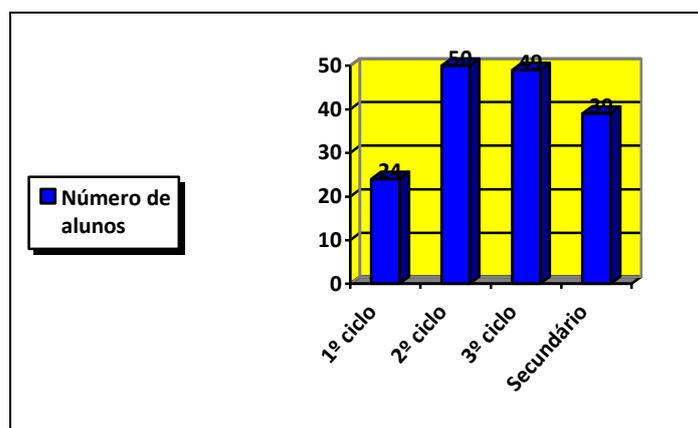


Figura 27. Número de turmas atribuídas por ciclo nos 20 anos

A possibilidade que temos de lecionar anos tão distantes em termos de idade e conteúdos programáticos enriquece o nosso reportório. Temos de ter a capacidade de liderar e de nos moldarmos aos mais pequenos utilizando uma linguagem mais acessível e motivadora, levando a que os mesmos sintam gosto pela atividade física.

Trabalhamos com as idades da pré adolescência e adolescência, em que os alunos começam a formar de forma mais vincada a sua personalidade e é fundamental a orientação e o acompanhamento por parte dos formadores. Trabalhamos, igualmente com os pré universitários, que na maioria dos casos, nomeadamente a meio do percurso do secundário, tem bem definido os objetivos a atingir. Com uma tão grande diversidade de situações o papel de educador revela-se fundamental e aliciante.

Como será fácil de perceber durante todos estes anos, muitas foram as vezes em que dêmos uma aula ao 1º ciclo e de imediato ao secundário, ou vice-versa, e foi necessário adaptarmo-nos a esta situação.

Esta variedade foi muito enriquecedora na nossa formação e melhoria de desempenho. O facto de acompanharmos os alunos durante tanto tempo do seu percurso escolar permite-nos constatar a sua evolução e percebermos se realizamos ou não o que estava ao nosso alcance para o êxito a todos os níveis de cada aluno.

3.2 Atividade Extra Letiva

Para além das aulas curriculares desenvolvemos outras actividades, como tarefas administrativas, organização de eventos, dinamização de actividades, desporto escolar e desporto federado.

Para uma mais fácil compreensão da atividade extra letiva desenvolvida elaboramos um conjunto de quadros (cf. tabela 2, 3, 4, 5 e 6) que identifica as tarefas realizadas por quadriênios.

Tabela 2. Trabalho desenvolvido de 1995 a 1999

Ano	Atividade/Função	Nº de Alunos	Nº horas semanais	Observações
1995/96	Extracurricular de Patinagem	16	2	
1996/97	Extracurricular de Patinagem	15	2	
	Férias em Movimento	33	2 semanas	
	Torneio Futebol		1	
1997/98	Delegado de disciplina			
	Extracurricular de Patinagem	20	2	
	Férias em Movimento II	30	2 semanas	
	Torneio Futebol		1	
	Deslizando na Neve	14	2 dias	
1998/99	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Extracurricular de Patinagem	18	2	
	Férias em Movimento III	35	2 semanas	
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve II	17	2 dias	
	Introdução à Espeleologia	13	2 dias	
Grupo Equipa de Ténis de Mesa	27	3		

No primeiro quadriénio (1995/1999) destacamos o facto de termos sido nomeados Delegado de Disciplina apesar de haver na altura professores com mais anos na instituição.

Em 1996 promovemos e iniciámos uma das actividades que vinte anos passados continua a ser um sucesso: as Férias em Movimento.

Em 1998 desenvolvemos também a iniciativa de envolver o colégio no Projeto do Desporto Escolar, e inscrevemos uma equipa, que foi a base de todo o trabalho desenvolvido posteriormente.

Durante os primeiros 4 anos na instituição, a atividade a que mais estivemos ligados foi sem dúvida a Extracurricular de Patinagem.

Também os Torneios e as Férias em Movimento constituíram uma forte componente do trabalho desenvolvido ao longo destes primeiros 4 anos.

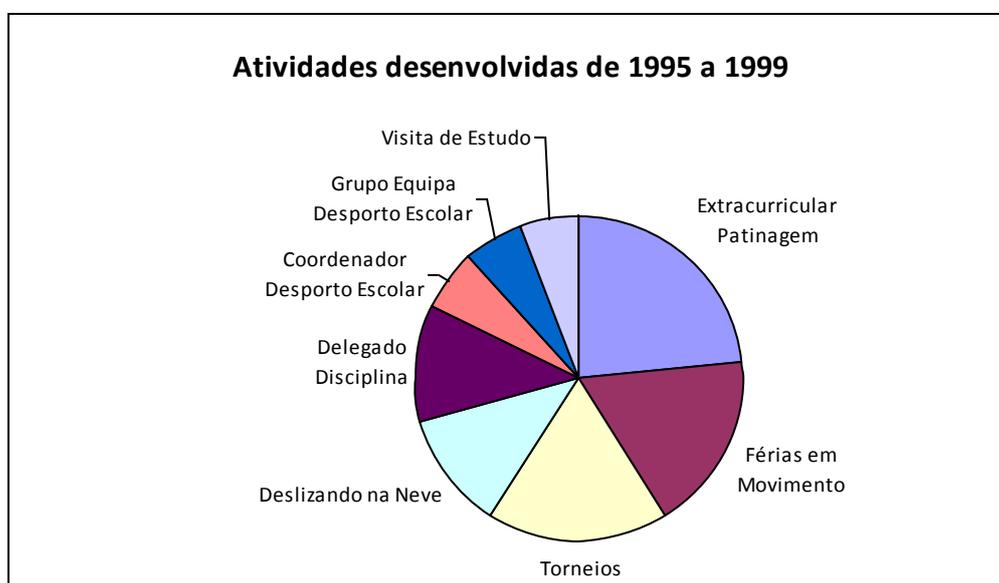


Figura 28. Trabalho não letivo realizado entre 1995 e 1999

No segundo quadriénio considerado (1999/2003) continuámos a desenvolver um grande número de ações e atividades contando sempre com um número considerável de alunos a participar. Mantivemos o que havia tido sucesso e criámos novas oportunidades para os alunos. Realizámos eventos dentro e fora do colégio.

Tabela 3. Trabalho desenvolvido de 1999 a 2003

Ano	Atividade/Função	Nº de Alunos	Nº horas semanais	Observações
1999/00	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Extracurricular de Patinagem	14	2	
	Férias em Movimento IV	38	2 semanas	
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve III	16	2 dias	
	Animação Desportiva		3	
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	33	3	Campeão CAE e Regional
2000/01	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Extracurricular de Patinagem	17	2	
	Férias em Movimento V	29	2 semanas	
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve IV	20	2 dias	
	Uma aventura no Gerês	21	2 dias	(Caminhada, escalada e equitação)
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	26	3	Campeão CAE
2001/02	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Extracurricular de Patinagem	22	2	
	Férias em Movimento VI	0	2 semanas	Foi cancelada pela diretora
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve V	20	2 dias	
	Uma semana de ski	15	5 dias	Andorra
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	32	3	
2002/03	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Extracurricular de Patinagem	16	2	
	Férias em Movimento VI	34	2 semanas	
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve VI	23	2 dias	
	Uma semana de ski II	14	5 dias	Serra Nevada
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	25	3	

Em 2001 iniciámos a atividade *Uma Semana de Ski*. Fruto de uma grande programação, aliada a uma forte dinâmica de trabalho de grupo com os alunos, conseguimos iniciar um projeto ambicioso que viria a dar frutos nesse ano e nos seguintes.

Durante este período continuámos a realizar o trabalho de coordenação, tanto a nível do Desporto Escolar como da disciplina de Educação Física.

As Férias em Movimento continuaram a ser uma atividade com o sucesso.

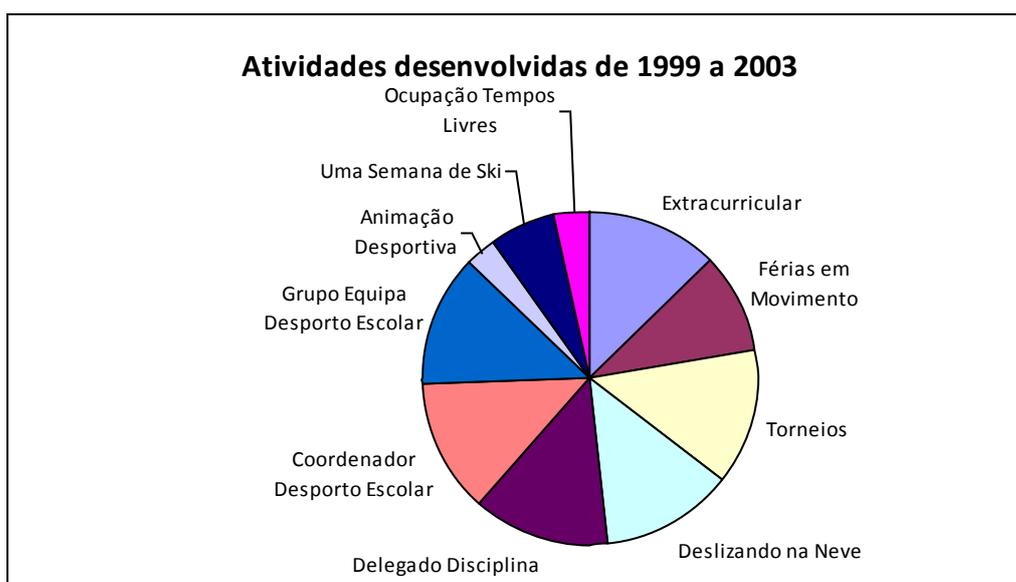


Figura 29. Trabalho não letivo realizado entre 1999 e 2003

Nos anos compreendidos entre 2003 e 2007 o trabalho que desenvolvemos foi de continuidade, procurando dar sempre a possibilidade aos alunos de realizarem atividades que complementassem as aulas de Educação Física.

Tabela 4. Trabalho desenvolvido de 2003 a 2007

Ano	Atividade/Função	Nº de Alunos	Nº horas semanais	Observações
2003/2004	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Férias em Movimento VII	44	2 semanas	
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve VII	18	2 dias	
	Uma semana de Ski III	18	5 dias	Cerler
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	23	3	
2004/05	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Férias em Movimento VIII	37	2 semanas	
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve VIII	18	2 dias	
	Uma semana de Ski IV	17	5 dias	Andorra
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	23	3	
	Visita de estudo a Paris	26	5 dias	Rolland Garros, Stade de France
	Extracurricular de Ténis	9	2	
2005/06	Delegado de disciplina			
	Férias em Movimento IX	32	2 semanas	
	Torneios Futebol, Basquetebol, TM		2	
	Deslizando na Neve IX	22	2 dias	
	Uma semana de Ski V	17	5 dias	Baqueira Beret
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	29	3	Campeão CAE e Regional
	Visita de estudo à Acad. Sporting	87	1	Alcochete
	Visita de estudo ao Estoril Open	47	1	
	Extracurricular de Ténis	52	2	
2006/07	Delegado de disciplina			
	Coordenador do Desporto Escolar			
	Férias em Movimento X	55	2 semanas	
	Criação Clube de Ténis Federado	9	6	Clube Cluny
	Grupo Equipa de Ténis de Mesa	37	3	
	Visita de estudo ao Estoril Open	50	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	58	2	

Uma vez mais, a direção do colégio, continuou a confiar em nós para o trabalho de chefiar quer o grupo de Educação Física, quer o grupo do Desporto Escolar.

Em 2004 iniciámos a atividade extracurricular de Ténis e no final do ano letivo organizamos uma viagem de estudo a Paris em conjunto com o grupo de Francês, tendo como destinatários os alunos do 10º ano e os alunos inscritos no Ténis.

Em 2006 avançamos com a criação de um clube federado na modalidade de Ténis, tendo por base os alunos que frequentavam a atividade extracurricular.

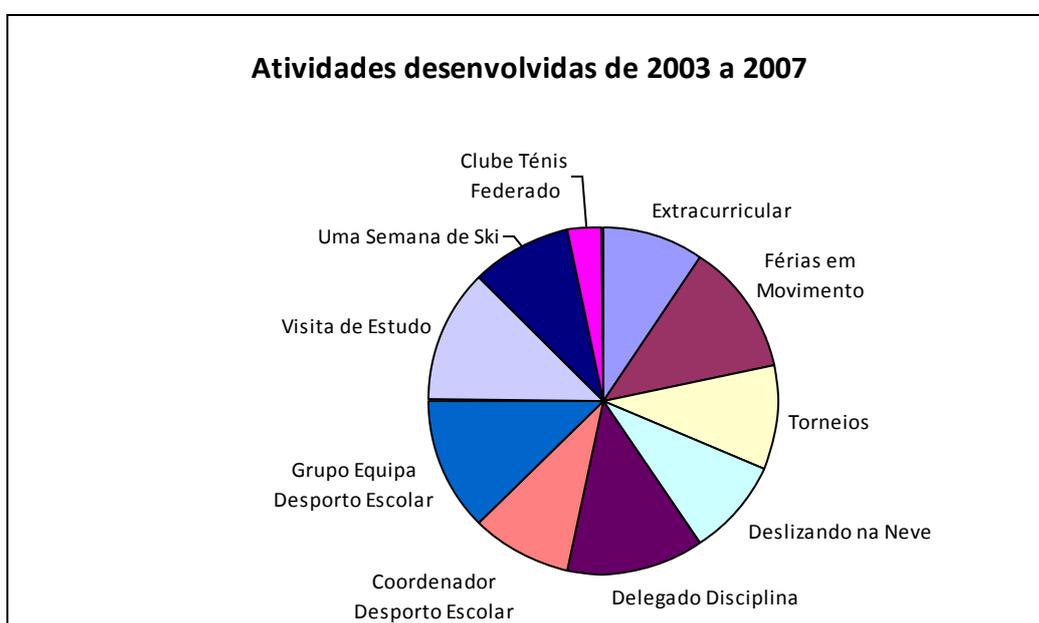


Figura 30. Trabalho não letivo realizado entre 2003 e 2007

Nos 4 anos que correspondem de 2007 a 2011 deixamos, por decisão da direção, de realizar as atividades de neve, e praticamente mantivemos as restantes. Por opção, solicitamos a não atribuição dos lugares de Delegado de Educação Física e Coordenador do Desporto Escolar, tendo sido aceite por parte da direção.

Tabela 5. Trabalho desenvolvido de 2007 a 2011

Ano	Atividade/Função	Nº de Alunos	Nº horas semanais	Observações
2007/08	Delegado de disciplina			
	Férias em Movimento XI	46	2 semanas	
	Clube de Ténis Federado	12	6	Clube Cluny
	Grupo Equipa de Futsal	26	3	
	Visita de estudo ao Estoril Open	51	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	58	2	
	Torneio de Ténis	17	1	
2008/09	Férias em Movimento XII	37	2 semanas	
	Clube de Ténis Federado	14	8	
	Visita de estudo ao Estoril Open	42	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	32	2	
2009/10	Férias em Movimento XIII	74	2 semanas	
	Clube de Ténis Federado	17	8	
	Visita de estudo ao Estoril Open	40	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	41	2	
	Extracurricular de Futsal 1º ciclo	20	2	
	Torneio de Futsal e Ténis		2	
2010/11	Férias em Movimento XIV	40	2 semanas	
	Clube de Ténis Federado	14	8	Campeão Regional Individual
	Visita de estudo ao Estoril Open	32	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	61	4	
	Extracurricular de Futsal 1º ciclo	14	2	
	Grupo Equipa de Futsal	34	2	
	Torneio de Futsal e Ténis	77	1	

Nestes 4 anos salientamos a elevada adesão em 2009/10 das Férias em Movimento com praticamente o dobro do que sempre foi habitual e o nosso primeiro triunfo a nível associativo no Ténis, com uma atleta a sagrar-se Campeã Regional de Aveiro.

A modalidade de Ténis atingiu um grande destaque no colégio tanto pelos resultados desportivos alcançados pelos alunos que compoñham a equipa federada, como pela quantidade de participantes que os grupos extracurriculares possuam.



Figura 31. Trabalho não letivo realizado entre 2007 e 2011

Os últimos 4 anos que analisaremos compreendem o trabalho desenvolvido de 2011 a 2015. Neste quadriénio continuámos a desenvolver um conjunto de ações que possibilitaram aos alunos o conhecimento, desenvolvimento e aperfeiçoamento no desportos praticados nas aulas de Educação Física, mas também em novos desportos.

Tabela 6. Trabalho desenvolvido de 2011 a 2015

Ano	Atividade/Função	Nº de Alunos	Nº horas semanais	Observações
2011/12	Coordenador de Disciplina			
	Férias em Movimento XV	29	2 semanas	
	Clube de Ténis Federado	12	8	
	Visita de estudo ao Estoril Open	35	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	49	4	
	Extracurricular de Futsal 1º ciclo	23	2	
	Torneios Fut, Volei, Basque, Ténis		1	
	Grupo Equipa de Futsal	27	2	
	Biciclunyu – Porto/Santiago	6	4 dias	Peregrinação de bicicleta
2012/13	Férias em Movimento XVI	32	2 semanas	
	Clube de Ténis Federado	11	8	
	Visita de estudo ao Portugal Open	41	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	62	4	
	Extracurricular de Futsal 1º ciclo	22	2	
	Torneios Fut, Volei, Basque, Ténis		1	
	Biciclunyu – Anadia/Fátima	6	2 dias	Peregrinação de bicicleta
2013/14	Clube de Ténis Federado	12	8	5º Classificado Camp. Nacional
	Visita de estudo ao Portugal Open	40	1 dia	
	Extracurricular de Ténis	48	8	
	Extracurricular de Futsal 1º ciclo	15	2	
	Torneios Fut, Volei, Basque, Ténis		1	
2014/15	Férias em Movimento XVII	53	2 semanas	
	Clube de Ténis Federado	11	8	
	Extracurricular de Ténis	40	4	
	Extracurricular de Futsal 1º ciclo	13	2	
	Torneios Futebol, Ténis		1	
	Biciclunyu – Anadia/Santiago	12	5 dias	Peregrinação de bicicleta

Neste período há a realçar no ano 2013/14 a nossa vitória no Campeonato Regional e o 5º lugar no Campeonato Nacional, disputado em Vilamoura.

Outra atividade que envolveu uma grande logística e merece um particular destaque é sem dúvida o Biciclunyu, com a realização de 2 peregrinações a São Tiago de Compostela e outra a Fátima.

3.2.1 Atividades Desportivas

- **Animação Desportiva**

A Animação Desportiva foi um projeto que decorreu durante um ano e que visava essencialmente a ocupação dos alunos durante a hora de almoço com atividades desportivas.

Tinha como principais objetivos:

- Desenvolver o gosto por várias modalidades desportivas;
- Adquirir novos conhecimentos e exercer um maior domínio no que respeita aos gestos técnicos dos desportos;
- Possibilitar a aprendizagem de diferentes desportos;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas orientadas.

Organização

Durante a hora de almoço os alunos que quisessem poderiam comparecer no pavilhão para realizar a animação desportiva. De uma sessão para a outra poderiam variar os alunos, não havia nenhum vínculo à atividade por parte destes. Quinzenalmente era afixado, no nosso painel de informação, o mapa com as ações correspondentes a esse período. Em função do interesse os alunos apareciam. O programa de cada dia assentava nos gestos técnicos dos desportos praticados no colégio, e assim fazíamos algumas vezes jogos e outros concursos: de lançamentos livres de basquetebol, remates de andebol e futebol, serviços de voleibol...

Por vezes a maior dificuldade prendia-se com o facto de serem muitos alunos a participar e o espaço ser reduzido.

- **Biciclunty**

A ideia de fazer uma peregrinação a São Tiago de Compostela com os alunos do colégio, e sendo esta uma instituição religiosa, já vinha muito de trás. Já em duas ocasiões tínhamos apresentado o projeto, mas não nos havia sido dada a devida autorização. Finalmente, no início do ano letivo 2011/12 conseguimos, em colaboração com um colega, a viagem tão esperada. No ano seguinte repetimos a atividade, mas com uma logística diferente, indo

apenas até Fátima. Dado a experiência ter sido muito positiva, fizemo-la uma terceira vez, novamente a São Tiago de Compostela.

Os principais objetivos desta atividade são:

- Desenvolver o gosto pelo BTT;
- Adquirir novos conhecimentos e exercer um maior domínio no que respeita aos gestos técnicos da modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades orientadas;
- Promover o gosto pela prática desportiva e pela oração;
- Promover estilos de vida saudáveis.

Organização

Esta atividade realizada em três anos distintos, contou sempre com a colaboração de alguns colegas, que não sendo de Educação Física, sempre se mostraram solidários e empenhados na sua concretização. O grupo de alunos foi sempre reduzido, apenas os mais velhos poderiam participar, pois para além do desgaste físico também havia o problema das dormidas nos albergues.

No primeiro ano, fomos de comboio até ao Porto e depois seguimos de bicicleta até São Tiago de Compostela. Como a edição foi um êxito no ano seguinte fomos também logo no início do ano a Fátima.

O regresso a São Tiago, na terceira etapa, e com alguns protagonistas já mais experientes, fez-se com início no colégio. Desta feita no final do ano após a conclusão da segunda fase dos exames.

De referir que houve alguns pais a acompanharem as duas edições realizadas a São Tiago.



**Figura 34. Caminho de S. Tiago
(chegada á praça do obradoiro 2012)**



Figura 35. Caminho de S. Tiago (chegada a Tui 2015)

- **Deslizando na Neve**

Quando em 1996 havíamos proposto o projeto das férias em movimento, apostámos no final das aulas para a sua concretização. Mas também na interrupção das férias de Natal, pensámos desenvolver um projeto que pudesse ocupar de forma lúdica e criativa os alunos durante uma fase desse período. E foi assim que no ano seguinte apresentamos um novo projeto designado *Deslizando na Neve*, em que a atividade principal era o Esqui e decorria na Serra da Estrela. Esta atividade decorreu durante nove anos, sempre nas férias do Natal e deixou de realizar-se por imposição na nova diretora do colégio.

Tivemos sempre como principais objetivos

- Desenvolver o gosto pelo Esqui;
- Possibilitar a aprendizagem na modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas orientadas;
- Promover novos conhecimentos sobre montanhismo;
- Promover estilos de vida saudáveis, em conformidade com a natureza;
- Valorizar a ética desportiva.

Organização

A atividade era dirigida aos alunos do 2º e 3º ciclo e decorria na Serra da Estrela. A ação principal era o Esqui, mas praticámos mais algumas atividades de montanhismo. O programa era dividido em dois dias. No primeiro, que se iniciava com a viagem na parte da manhã e posteriormente com a chegada ao hotel onde iríamos pernoitar, regra geral na aldeia do Sabugueiro, fazíamos a algumas atividades como Caminhadas, visitas a locais típicos da serra, Escalada e Rapel entre outras. O segundo dia era o mais aguardado e era dedicado exclusivamente ao Esqui. Na maioria das vezes as aulas eram ministradas pelo Seleccionador Nacional de Esqui, o professor Arménio Matias, meu amigo dessa data. Houve anos em que não foi possível desenvolver o programa como estava previsto. Duas vezes não havia neve, e outra caiu um nevão durante a noite tendo os acessos ficados intransitáveis sendo a solução encontrada deslocarmo-nos para o Palácio do Gelo, em Viseu, e aproveitar para praticar um pouco de patinagem no gelo durante o dia. Procurando a concretização do nosso objetivo inicial, a realização do Esqui, marcamos um terceiro dia, durante o segundo período para ir exclusivamente para a Torre e lá fazermos o tão ambicionado Esqui. Mais tarde, com a

construção da pista artificial de Manteigas, deixamos de ter problemas com o tempo e o programa correu sempre como o previsto.



Figura 36. O grupo na pista de Manteigas

- **Grupo Equipa de Desporto Escolar (Ténis de Mesa e Futebol)**

Com o intuito de dinamizar e aumentar a oferta a nível desportivo aos alunos, em 1998 propusemos à Diretora a integração do colégio no Desporto Escolar. Mais uma vez a nossa proposta foi aceite e no início do ano letivo 1998/99 começamos este novo projeto.

Desde a sua génese que para além do cargo de coordenador também tivemos sempre grupo equipa. Começámos pelo Ténis de Mesa, núcleo que mantivemos por nove anos, com vários títulos distritais e regionais e três participações no Campeonato Nacional. Posteriormente trabalhámos também quatro anos com o Futsal.

As alterações aos contratos de associação estabelecidas pelo Ministério da Educação, em 2008, sendo Ministra da Educação Maria de Lurdes Rodrigues, no XVII Governo Constitucional, deixando de apoiar o Desporto Escolar nos estabelecimentos privados, fez com que finalizasse esta atividade no colégio. Ainda assim, 2 anos volvidos, conseguimos nos anos letivos 2010/11 e 2011/12 regressar ao Desporto Escolar, assegurando menos horas de treino.

Os principais objetivos inerentes a esta atividade são:

- Desenvolver o gosto pela modalidade;
- Possibilitar a especialização na modalidade.
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas orientadas;
- Promover o gosto pela prática desportiva e pela competição;
- Valorizar a ética desportiva e o fair-play;
- Promover a igualdade de oportunidades a todos os alunos.

Organização

As aulas/treinos eram lecionados três vezes por semana, aproveitando a hora de almoço em que todos os alunos estavam disponíveis e podiam treinar.

No ténis de mesa, quando o núcleo se iniciou, o colégio possuía quatro mesas, que depressa se mostraram insuficientes. Logo no segundo ano da modalidade foi necessário comprar mais quatro, pois a afluência sempre foi elevada. De referir que o espaço estava sempre preenchido com bastantes alunos.

No futsal os treinos também decorriam, por vezes nas horas de almoço e nas quartas de tarde. Também aqui o número de intervenientes sempre foi elevado. De salientar que durante estes 12 anos, na generalidade, os alunos sempre foram empenhados e muito assíduos aos treinos.

Para além dos treinos, os alunos participavam frequentemente nas concentrações onde competiam com as escolas adversárias.



Figura 37. O troféu de campeões da fase CAE (2002)



Figura 38. O troféu de campeões Regionais em Viseu (2001)

- **Atividade Extracurricular de Patinagem e Ténis**

As atividades extracurriculares estão enquadradas em termos legais no artigo nº 48, da Lei de Bases do Sistema Educativo de 14 de Outubro de 1986 e visam diferentes tipos de objetivos: objetivos institucionais, objetivos dos alunos e objetivos dos professores. Entre os objetivos de âmbito institucional releva importância da promoção local da instituição como uma oferta de atividades que ajudará muitos pais com a ocupação dos tempos livres, formação desportiva e acompanhamento dos seus filhos durante os períodos de final das aulas e em tempos de férias escolares.

Aos alunos permite-lhes usufruir de atividades e experiências num ambiente lúdico, diferente do tempo escolar mais stressante. Finalmente para o professor, em especial para nós professores de Educação Física, permite-nos desenvolver atividades de treino desportivo num contexto diferente que permite realizar um trabalho mais especializado e gratificante

Os objetivos associados a cada uma das modalidades passam por:

- Desenvolver o gosto pela modalidade;
- Melhorar o domínio dos gestos técnicos da modalidade;
- Possibilitar a especialização na modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades em quadros competitivos adequados ao seu nível de prática;
- Promover estilos de vida saudáveis;
- Valorizar a ética desportiva e o fair-play.

Organização

Os treinos que compõem as atividades extracurriculares estão abertos aos alunos do 2º e 3º ciclo, mediante uma inscrição e um pagamento mensal. As atividades desenvolvem-se ao longo de todo o ano com uma frequência de 2 treinos semanais com duração de 60 minutos por treino. Para além dos treinos há uma série de outras atividades associadas ao grupo/treino: Participação em competições, visitas como por exemplo ao Palácio do Gelo, em Viseu, ao paredão da entrada da Barra, em Aveiro, e a alguns parques de desportos radicais.

No ténis, os alunos tiveram a possibilidade de realizar vários torneios nos dos clube de ténis com maior proximidade geográfica, fomos várias vezes assistir ao maior torneio a nível nacional, o Estoril Open, e fizemos também algumas vezes um convívio final de ano, com acampamento de um fim-de-semana com os país.



Figura 39. 3 alunos num torneio



Figura 40. Uma aluna num torneio social

- **Extracurricular Futebol 1º ciclo**

Depois de vários anos a lecionar patinagem e ténis, foi a vez de nos dedicarmos também ao Futebol. Desta feita para alunos do 1º ciclo, embora em dois anos, fosse concedido ao 2º ciclo também essa possibilidade.

Os principais objetivos que se prendem com esta atividade são:

- Desenvolver o gosto pela modalidade;
- Adquirir novos conhecimentos e exercer um maior domínio no que respeita aos gestos técnicos da modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas orientadas;
- Promover o gosto pela prática desportiva e pela competição;
- Promover estilos de vida saudáveis, o respeito pelo colega de equipa e pelo adversário.

Organização

As aulas, dirigidas a todos os alunos do 1ºciclos, eram ministradas duas vezes por semana, durante a hora de almoço, com a duração de 60 minutos. Na sua maioria as aulas eram divididas em duas partes. Na inicial os alunos faziam trabalho técnico, procurando aprender e desenvolver as noções técnicas básicas da modalidade. Na segunda, era dada relevância ao jogo, colocando sempre a parte lúdico/competitiva em destaque.

Nos anos em que tivemos alunos do 2º ciclo também integrados neste grupo, fizemos um intercâmbio, de dois jogos, com o colégio, nosso vizinho, S. João Bosco.

Alguns dos alunos que se iniciaram no futebol no colégio estão a jogar em clubes da região.



Figura 41. Exercício de drible



Figura 42. Situação de 1x1 com finalização

- **Férias em Movimento**

Em 1996 propusemos à então Diretora do Colégio, um projeto, que visasse a ocupação dos tempos livres dos alunos após findo o ano letivo. Depois de analisado por toda a direção, tivemos a autorização para avançar com o projeto e no final do ano letivo 1996/97 concretizámos a sua primeira edição. Esta atividade continuou a desenvolver-se até ao presente ano letivo com a exceção de 2001/2002, por decisão da Diretora, na altura a Irmã Maria Eugénia e em 2013/2014, pois a data coincidiu com o Campeonato Nacional de Ténis, equipas sub12, onde obtivemos um honroso 5º lugar nacional entre as 16 equipas que haviam conseguido o apuramento para o campeonato.

Trata-se de uma atividade cuja organização e realização nos dá um especial prazer. Para além de a sentirmos muito nossa, por termos estado na génese do seu surgimento, pensamos tratar-se de uma atividade muito interessante pois durante duas semanas trabalhamos com um grande grupo de alunos em diferentes ambientes, onde há espaço para o desporto, a cultura, as atividades musicais e teatrais, visitas organizadas a fábricas e museus e espaços de lazer.

Esta atividade permite criar uma ligação muito forte com os alunos participantes, pois durante os 10 dias da atividade estamos juntos durante muito tempo. Também o facto de sair do contexto da aula permite que haja maior liberdade.

Os objetivos específicos desta atividade, que consideramos mais importantes são os seguintes:

- Desenvolver o gosto por modalidade diferentes;
- Fomentar o gosto pela natureza;
- Adquirir novos conhecimentos;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas e culturais orientadas;
- Promover estilos de vida saudáveis, o respeito pelo colega;
- Desenvolver o espírito de entreajuda.

Organização

Inicialmente o programa *férias em movimento*, era dirigido para os alunos do 2º e 3º ciclo. Em 2005/06 passou também a integrar os alunos do 10º ano. O evento decorre durante duas semanas após o término das aulas em Junho. Geralmente funciona durante última semana de

junho e na primeira de julho. Neste programa, que assenta essencialmente na vertente desportiva, os alunos podem realizar várias outras ações de nível científico e cultural.

Esta ação é dividida em duas semanas, de segunda a sexta, em que na primeira os alunos vêm todos os dias para o colégio e no final regressam às suas casas. Há dias em que as atividades decorrem exclusivamente no colégio, e outros em que saímos de autocarro ou bicicleta, dependendo da distância, para o local de realização das mesmas. Na segunda semana ficamos no campismo e é de lá que, sempre de bicicleta, que nos deslocamos para as atividades.

De referir que procuramos realizar sempre atividades diferentes das que o colégio consegue proporcionar durante o ano em sala de aula. Destaco algumas: karting, canoagem, paddle, escalada, BTT, kitsurf, vela, visitas a museus e fábricas, atividades musicais e teatrais, experiências (química, física e biologia) ...



Figura 43. Atividade de BTT (2005)



Figura 44. Karting (2008)



Figura 45. Canoagem na ria de Aveiro (2010)



Figura 46. Atividades aquáticas (2010)

- **Ocupação de tempos livres**

Esta designação visa salientar dois programas, realizados em dois anos durante nas férias da páscoa. O primeiro designado Introdução à Espeleologia decorreu em Torres Novas e o segundo com o título Uma Aventura no Gerês teve lugar na Serra com o mesmo nome. Ambas as atividades decorreram durante dois dias e tiveram como destinatários os alunos do segundo ciclo.

Os objetivos específicos associados a cada uma das atividades passam por:

- Desenvolver o gosto por modalidade diferentes;
- Fomentar o gosto pela natureza;
- Adquirir novos conhecimentos;
- Promover estilos de vida saudáveis, o respeito pelo colega;
- Desenvolver o espírito de entreajuda.

Organização

A *Introdução à Espeleologia* foi uma atividade que apesar de realizada apenas uma vez, obteve grande sucesso, pois durante vários anos todos os participantes se referiam à mesma com grande entusiasmo. De facto pudemos, na gruta do Almonda, próximo de Torres Novas, realizar uma verdadeira jornada desta atividade pouco divulgada. Rastejamos muito e tivemos de atravessar algumas paredes na posição ventral, enquanto noutras zonas a nossa passagem só era possível rastejando lateralmente. Vimos duas galerias magnificamente iluminadas com a luz que era projetada pelos nossos capacetes. Sem dúvida que este dia foi o mais sensacional, mas o grupo que frequentou este evento também teve a possibilidade de visitar uma gruta turística e as pegadas dos Dinossauros, na Serra de Aires e Candeeiros.

O segundo projeto que mencionamos, *Uma Aventura no Gerês*, teve igualmente como destinatários os alunos do segundo ciclo. Na majestosa Serra do Gerês os alunos tiveram a possibilidade de realizar algumas atividades. Fizemos uma caminhada, com uma parte do percurso numa via do tempo dos romanos, onde além do exercício físico, tivemos a oportunidade de apreciar a magnífica paisagem tendo terminado num espaço onde realizamos escalada, rapel e vários jogos tradicionais.

A equitação foi mais uma das atividades que realizamos, nos Garranos, os cavalos típicos daquela zona. E é claro, que estando ali tão perto não poderíamos deixar de dar um salto a Espanha e tomar um bom banho no Rio Caldo, e assim o fizemos.

- **Torneios**

Os torneios desportivos fazem parte integrante da *vida* do colégio. As competições, na sua maioria inter turmas, sempre dinamizaram alguns tempos livres dos alunos. Praticamente durante todos os anos do nosso trabalho orientamos esta atividade procurando sempre desenvolver um espírito competitivo saudável nos alunos. Dos vários torneios realizados ao longo dos anos sem dúvida, que o que maior ênfase tem é do de futebol, com turmas do 2º ciclo, por vezes a apresentaram duas equipas, mas os outros como sejam o basquetebol (3x3), voleibol, ténis e ténis de mesa também tiveram sempre um grande destaque.

Esta atividade procura essencialmente desenvolver objetivos como:

- Adquirir novos conhecimentos e exercer um maior domínio no que respeita aos gestos técnicos de cada modalidade;
- Possibilitar um maior domínio na modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas orientadas;
- Promover o gosto pela prática desportiva e pela competição;
- Valorizar a ética desportiva e o fair-play;
- Promover a igualdade de oportunidades a todos os alunos.

Organização

Numa fase inicial, os torneios decorriam durante a tarde de quarta-feira, pois desde que estamos no colégio até ao momento, os alunos não têm aulas neste período. Com a introdução do desporto escolar e de algumas atividades extracurriculares (não desportivas) houve a necessidade de alterar e os torneios passaram para as horas de almoço. Alguns anos volvidos, com o aumento das aulas de apoio e o meu horário sobrecarregado nas horas livres dos alunos, com desporto escolar, atividades extracurriculares e o ténis de competição, foi necessário reajustar o tempo dos torneios. Assim, estes passaram a realizar-se durante o intervalo grande da manhã. O tempo de prática reduziu um pouco, mas a emoção dos jogos subiu, pois neste horário quase todos os alunos que não estavam a participar assistiam entusiasticamente aos confrontos.

Em qualquer dos torneios procuramos sempre que os alunos fizessem o maior número possível de jogos. Mesmo nos torneios individuais, havia sempre uma fase de grupos, em que todos jogavam duas ou três vezes e só a partir daí era a eliminar.

De salientar que o torneio de mais alunos envolveu foi sem dúvida o de futebol, mas que o ténis de mesa, o basquetebol, o voleibol e o ténis também tiveram sempre boas adesões. Os vencedores e os finalistas receberam sempre um prémio.



Figura 47. A preparação de uma final



Figura 48. Os prémios

- **Uma semana de Ski**

O colégio organizava há 4 anos uma atividade de iniciação ao Esqui. Como foi sempre nosso apanágio aprofundar trabalho que realizamos decidimos propor à Diretora, em 2001, uma atividade complementar, em que fosse possível desenvolver e evoluir mais nesta modalidade. Desta forma, não só melhoraríamos as nossas capacidades neste desporto, como preencheríamos com atividades, todas as paragens letivas para férias, uma vez que esta ação decorreria na paragem de férias escolares da Páscoa. *Uma semana de Ski*, foi das atividades que mais gostámos de elaborar. Este evento que se concretizava durante uma semana decorria durante todo o ano. O grupo tinha por base os alunos que haviam participado no Natal, 1 ano antes, na atividade *Deslizando na Neve*, mas possibilitando a integração de outros elementos. Tratava-se de um evento muito gratificante para nós por várias razões: permitia-nos desenvolver uma proximidade muito grande com o grupo de alunos, possibilitava-nos ver a alegria estampada nos rostos dos alunos no final da semana, e por último recebíamos vários elogios por parte das estâncias e sobretudo dos hotéis onde ficávamos alojados, face ao comportamento dos alunos. Por onde passávamos ficava sempre uma imagem muito boa da instituição que representávamos.

Também esta atividade deixou de se realizar por deliberação da Diretora Pedagógica.

Os principais objetivos que se prendem com esta atividade eram:

- Adquirir novos conhecimentos e exercer um maior domínio nos gestos técnicos da modalidade;
- Possibilitar a aprendizagem e aperfeiçoamento na modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas orientadas;
- Promover novos conhecimentos sobre montanhismo;
- Promover estilos de vida saudáveis, em conformidade com a natureza.

Organização

Durante uma semana, os alunos envolvidos, tinham a possibilidade de praticarem Esqui numa estância em Espanha ou Andorra. Esta atividade que culminava, com cinco dias de prática de Esqui, desenvolvia-se durante todo o ano. Os alunos, depois de formado o grupo, tinham várias tarefas a cumprir, com o intuito angariar o máximo dinheiro possível para que a viagem fosse mais económica. O ano em que conseguimos menos dinheiro e feita a divisão por todos os intervenientes concedeu 170 € a cada. Geralmente com o trabalho que desenvolvíamos ao longo o ano, com ações de venda de bolos, números de totoloto, rifas, festas entre outras, conseguíamos pagar metade da viagem. Á medida que os anos iam passando o número de alunos que participavam ia aumentando. Fomos a Andorra duas vezes, e a Serra Nevada, Cerler e Baqueira Beret uma vez. Nos cinco dias de Esqui, fazíamos as aulas com os professores na parte da manhã e depois de almoço andávamos em grupos, em função do nível de cada um.

A quase totalidade dos participantes ao terceiro dia estava apto a descer pistas vermelhas, havendo mesmo alguns que o faziam mais cedo.



Figura 49. O grupo em Andorra (2005)



Figura 50. O grupo em Baqueira (2006)

3.2.2 Funções administrativas e pedagógicas

- **Coordenação do Desporto Escolar**

O Desporto Escolar surgiu no colégio por insistência nossa. Desde o seu surgimento tem sido trabalhado afincadamente por todos os professores que integram este grupo. Durante os anos em que fomos coordenadores, sempre nos esforçamos para que fosse dado a cada núcleo boas condições de trabalho. Conseguimos adquirir material para que cada grupo equipa pudesse trabalhar sem limitações, marcar alguns campos que não existiam, e arranjar mais espaços para a prática desportiva de algumas modalidades.

Participámos nas reuniões que a delegação de Aveiro realizou para coordenadores e posteriormente transmitimos toda a informação aos nossos colegas.

Tratámos e preparámos sempre as concentrações realizadas no colégio, tendo asseguradas as condições de higiene e segurança por parte de quem nos visitava. Igualmente sempre assegurámos a parte da alimentação, nomeadamente dos almoços na cantina.

Organizámos o transporte aquando das nossas deslocações a outros estabelecimentos de ensino, providenciando carrinhas ou autocarros em função do número de participantes.

Adquirimos, com a direção, equipamentos para os nossos alunos utilizarem nos dias em que havia competição com outras escolas.

Conversava-mos habitualmente com os nossos colegas e os alunos dos vários núcleos sobre como estavam a correr os treinos e se as expectativas estavam a ser alcançadas.

Preenchemos sempre os relatórios inerentes à função, com rigor e simplicidade, e dentro dos prazos estabelecidos.

Tivemos a felicidade de acompanhar alguns campeões regionais, uns que treinavam diretamente connosco, no Ténis de Mesa, outros que frequentavam outros desportos, nomeadamente a Ginástica.

Nos anos em que fomos coordenadores tivemos dois núcleos, no início e nos anos seguintes esse número aumentou para quatro.

Os desportos que foram contemplados enquanto desempenhamos a função de coordenador foram os seguintes: Ténis de Mesa, Ginástica, Voleibol, Futsal, Basquetebol e Badminton.

Na abordagem ao nosso percurso de liderança do Desporto Escolar não podemos deixar de lembrar um caso que sucedeu e que embora não fossemos nós o professor do grupo, acabamos por também ter uma pequena ligação. O Anadia Futebol Clube, foi há muitos anos

atrás um grande clube de Basquetebol, tendo sido inclusive campeão nacional de séniores femininos. A secção de Basquetebol estava inativa e não tinha equipas a treinar nem a competir. O nosso grupo de Basquetebol do Desporto Escolar foi a base para que no ano seguinte o Anadia Futebol Clube reaparecesse e desse inicio novamente à sua secção de Basquetebol voltando a ser um clube de formação com equipas a praticar este desporto.

- **Delegado de Disciplina**

Durante doze anos fomos responsáveis pela liderança da Disciplina de Educação Física. Neste longo percurso que se iniciou logo ao nosso terceiro ano de docência, havendo professores com mais tempo de serviço, tivemos sempre como objetivo exponenciar ao máximo a disciplina.

Reunimos com os nossos colegas de forma sistemática, procurando resolver todos os problemas que surgiam, e fomentar novas práticas.

Sempre estivemos disponíveis para colaborar com todos os professores da disciplina, quer na parte informativa quer na lecionação.

Procurámos sempre manter-nos atualizados com as inovações de programa e alteração de algumas regras e fundamentos táticos dos desportos lecionados, passando depois a informação aos nossos colegas.

Apoiámos, elogiámos e ajudámos na concretização dos projetos elaborados pelos outros professores da disciplina.

Planeámos, em conjunto com a equipa que liderava, as atividades desenvolvidas ao longo destes anos.

Conseguimos envolver toda a equipa de professores no sentido de procurar alterar o que considerávamos menos bem e inovar estratégias de ação.

Procuramos melhorar as condições para a lecionação da disciplina, quer com a aquisição de material diverso quer com a marcação de campos exteriores e interiores.

Participamos nas reuniões do Concelho Científico Pedagógico, procurando fundamentar todos os assuntos que se relacionavam com a disciplina. Nestas reuniões dêmos também a nossa opinião em relação a outros assuntos que, nada tendo a ver com Educação Física, visavam o bom funcionamento do colégio.

No final de cada ano fizemos uma reunião de avaliação com toda a equipa, com o objetivo de procurar realçar os pontos fortes e fracos desse ano, de forma manter e se possível melhorar no ano seguinte os primeiros e eliminar os segundos.

No final do ano 2007/08, com onze anos de cargo, sendo três anos desse trabalho com a nova diretora, pedimos para não sermos novamente nomeados delegado de disciplina. Tal nos foi concedido, embora no ano de 2011/12, tenhamos voltado a desempenhar essa função, agora designada por Coordenador de Departamento. Pelas mesmas razões que o havíamos feito anteriormente, também no final desse ano letivo endereçámos o pedido para não sermos reconduzidos no cargo. Mais uma vez a nossa solicitação foi aceite.

3.2.3 Visitas de Estudo

- **Visita de estudo ao Estoril Open**

Quando iniciámos a modalidade de Ténis na atividade extracurricular, o nosso pensamento foi sempre de proporcionar aos alunos um leque de atividades que não se restringissem aos treinos. E assim, logo no ano de 2005, um ano após o início do Ténis no colégio, apresentamos uma visita de estudo, que pudesse ser uma mais-valia para a uma atividade que estava a iniciar-se. Esta Visita de Estudo que passou a realizar-se todos os anos ao complexo do Jamor para assistir ao vivo aos jogos dos melhores jogadores mundiais de ténis. Proporcionava aos alunos um dia magnífico onde alguns podiam ver ao vivo os seus ídolos.

Este evento era dirigido aos alunos que frequentavam as aulas de ténis, mas os outros alunos do colégio que quisessem participar também o poderia fazer, mediante as vagas que sobravam. De salientar ainda que eram alguns pais que acompanhavam a deslocação ajudavam na organização do dia.

Tivemos a oportunidade assistir ao vivo a jogos de vários jogadores de grande nível mundial, onde se destaca sem dúvida Roger Federer, que era número um mundial. Talvez o melhor jogador de todos os tempos.

Passados nove anos desde o seu início, a direção do colégio entendeu não viabiliza-la a partir de 2014/15, pois considera que o fato de saírem, durante um dia, alunos de várias turmas perturba o funcionamento das aulas.

Os objetivos desta atividade passam por:

- Desenvolver o gosto pela modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas de elevada qualidade;
- Promover o gosto pela prática desportiva e pela competição;
- Promover estilos de vida saudáveis, o respeito pelo colega de equipa e pelo adversário.

Organização

A viagem ao Estoril Open era realizada durante um dia. Partíamos por volta das sete horas e trinta minutos, de autocarro, para conseguirmos acompanhar a jornada desse dia logo desde o início às onze da manhã.

Os alunos eram divididos em pequenos grupos para facilitar a contagem por parte dos pais que nos acompanhavam durante todo o dia. É claro que a nossa passagem pelo evento não se resumia a ver os encontros e assim, os alunos tinham tempo para realizarem todos os jogos que o recinto proporcionava, visitavam os stands patrocinadores, recolhiam lembranças, conseguiam autógrafos de jogadores e outro pessoal conhecido, como jogadores de futebol, cantores, jornalistas e outros. Relembro que num ano estivemos com Luiz Filipe Scolari, na altura selecionador Nacional de Futebol. Um momento sempre esperado era a utilização do fun center, onde os alunos tinham a possibilidade de jogar entre eles e algumas vezes com os jogadores profissionais. Aqui destaco o último ano em que fomos, e que tivemos a sorte de coincidir a hora com a participação do João Sousa. Os nossos alunos trocaram algumas bolas com o melhor jogador nacional de todos os tempos e tiraram várias fotos com ele, para além dos autógrafos, conforme figura 51.



Figura 51. Um aluno com o João Sousa



Figura 52. O grupo no centralito (court do torneio)

- **Visita de estudo (Paris e Alcochete)**

As visitas de Estudo que aqui reportamos foram realizadas, por coincidência, em dois anos consecutivos e são completamente distintas uma da outra. A primeira, a Paris, foi organizada em conjunto com o grupo de Francês tendo como destinatários os alunos do secundário e os alunos do Ténis. Foi elaborado um programa com as visitas turísticas a Paris, mas onde também se incluiu a visita ao complexo de Roland Garros e ao Estádio de França.

A segunda à Academia do Sporting, em Alcochete, foi destinada às três turmas do oitavo ano. Foi um dia emotivo, pois quando se trata de clubes de futebol há sempre conflito de opiniões.

Os principais objetivos destas viagens prendam-se com:

- Promover o desenvolvimento individual em que a aprendizagem, a descoberta e o desafio pessoal e coletivo sejam uma constante;
- Fomentar a autonomia e a responsabilidade na realização e regulação da atividade de cada aluno;
- Desenvolver as ações sociais dos alunos;
- Fomentar a aprendizagem dos conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas e fenómenos sociais, extra escolares, no seio dos quais se realizam as atividades físicas.

Organização

A viagem a Paris fez-se durante uma semana. O grupo, constituído na sua maioria por alunos do ensino secundário, mas também com alguns discentes que frequentavam a atividade extracurricular de Ténis tiveram a oportunidade de visitar os lugares mais emblemáticos da Cidade Luz. A famosa Torre Eiffel, a Disneyland, a Catedral de Notre Dame, o Arco do Triunfo, a Basílica de Sacré Coeur, o Palácio e Jardins do Luxemburgo, o Museu de Cera foram alguns dos locais turísticos que tivemos a oportunidade de visitar. Mas para além destes magníficos exemplares podemos também deliciar-nos com a visita ao complexo de Ténis de Roland Garros tendo entrado nos cortes mais importantes e no museu. Fomos ainda realizar uma visita guiada ao Estádio de França, conforme figura 53, onde habitualmente jogam as seleções francesas de Futebol e de Rugby. Ficou a vontade, que até ao momento ainda não foi

possível, de voltar a Paris numa altura em que esteja a decorrer o mais prestigiante torneio mundial de Ténis disputado em terra batida.

A visita de Estudo a Alcochete para visitar a Academia do Sporting Clube de Portugal realizou-se durante um dia e foi direcionada para os alunos do oitavo ano. Com um coração *verde* ou não, os oitenta e sete alunos tiveram a possibilidade de verificar e comprovar as excelentes condições que o clube leonino possui para a formação de jogadores profissionais de Futebol. Depois de uma visita aos campos relvados e às instalações que alojam os jovens jogadores dirigimo-nos para a sala de imprensa sempre acompanhados pelo diretor da academia. Na referida sala os alunos tiveram a oportunidade de colocarem as mais diversas questões. O Diretor da academia aquando das respostas, fez sempre questão de frisar a necessidade do empenho escolar, tanto por parte dos jogadores que estavam à sua responsabilidade como nos alunos ali presentes.

Quando já nos preparávamos para regressar ao autocarro e passamos por um treino, uma agradável surpresa. Deparamo-nos com dois antigos alunos que anos antes haviam deixado Anadia e o colégio para ingressarem neste projeto. Pena foi que esse encontro tivesse sido durante o treino, e não pudéssemos mais do que cumprimentarmo-nos.



Figura 53. A entrada no relvado do Estádio



Figura 54. O grupo em frente à Torre Eiffel

3.2.4 Desporto Federado

- **Clube Cluny**

Após dois anos de extracurricular de ténis, achamos que deveríamos avançar para um novo patamar. Apresentámos um projeto à direção que visava a criação de um clube federado. Após alguma insistência e colaboração direta por parte de alguns encarregados de educação lá conseguimos a autorização. Começamos a trabalhar em 2006/07 e a partir daí temos tido

vários resultados de destaque. Alguns campeões regionais e um quinto lugar no campeonato nacional de equipas sub12 em 2013/14.

Os objetivos desta atividade passam por:

- Adquirir novos conhecimentos e exercer um maior domínio no que respeita aos gestos técnicos da modalidade;
- Possibilitar a especialização na modalidade;
- Proporcionar aos alunos a participação em atividades desportivas competitivas;
- Promover estilos de vida saudáveis, o respeito pelo colega de equipa e pelo adversário.

Organização

Quando este grupo surgiu era constituído por seis alunos. Ainda durante esse ano houve mais três alunos que se juntaram a esse núcleo. Os treinos eram de duas horas e funcionavam ao final do dia, três vezes por semana. Com o passar dos anos o número de atletas de competição foi crescendo, e treinou sempre dividido em dois grupos em função da idade e nível. Como em qualquer clube de qualquer modalidade havia alunos a entrar e a sair, sendo que o núcleo duro se mantinha. Os atletas que reforçavam a competição vinham das aulas das extracurriculares. O espaço onde treinávamos era o pavilhão, local onde realizamos as aulas de Educação Física, uma vez que o colégio não possuía qualquer campo de ténis exterior. Alguns anos depois da criação deste grupo e aproveitando uma atividade das Férias em Movimento marcamos um campo exterior, local que utilizamos apenas algumas vezes, pois é perigoso sobretudo para os mais velhos, dado a vedação lateral de um dos lados estar muito próxima da linha lateral.

Este clube sempre foi fechado ao exterior, apesar de participar nos torneios oficiais. Só os alunos do colégio poderiam estar inscritos. Na obstante esse fato, por vezes, nomeadamente nas alturas de férias escolares, atletas de outros clubes vinham treinar connosco.



Figura 55. A nossa 1ª presença no PNDT (programa nacional deteção talentos)



Figura 56. A Marta Fernandes com os troféus que ganhou

3.2.5 Outras atividades

- **Outras atividades**

A enumeração e descrição das atividades que fizemos até ao momento, relativamente a vinte anos do nosso trabalho como docente no colégio, referencia aquelas que consideramos mais importantes e em que tivemos mais evidência. Para além das que já mencionámos, também durante todos estes anos organizamos o corta mato escolar, algumas vezes inerente ao nosso papel de coordenador. Mas mesmo depois de deixarmos de o ser continuámos a sermos nós a tratar da organização deste evento. Ainda relacionado com o Desporto Escolar e ao longo de vários anos fizemos inúmeros cursos de árbitros para os alunos. Cursos esses, que depois lhes permitiam arbitrar os jogos aquando das concentrações entre escolas.

Também em vários anos fomos os dinamizadores principais do Dia da Educação Física, que habitualmente realiza uma vez por ano, e em que realizamos atividades como torneios, jogos professores/alunos, passeios de bicicletas entre outros. Igualmente uma vez por ano também participamos, no dia das atividades extracurriculares, em que normalmente vamos um dia, na última semana de aulas, fazer um passeio com os alunos que participaram ao longo do ano nessas atividades.

Temos igualmente acompanhado um grupo de alunos do 3º ciclo no dia do SkyGarden. Este evento é habitualmente realizado no Jardim Botânico, em Coimbra, e consiste em realizar quatro circuitos com cordas e um slide.

Nestas duas décadas de trabalho, para além das visitas de estudo que organizadas por nós, temos acompanhado os alunos em várias outras visitas organizadas por outros grupos disciplinares.

Também realizamos algumas visitas em que trabalhamos em interdisciplinaridade. Houve um ano em que estava agendada uma visita de estudo da disciplina de Língua Portuguesa a Lisboa. Aproveitámos esse facto e fomos visitar o Estádio de Alvalade e respetivo museu. Participámos também num intercâmbio com um colégio francês, da mesma ordem religiosa, localizado em Sanlis, cerca de 40KM a norte de Paris, em que estivemos uma semana hospedados em casas de alunos e professores e tivemos a possibilidade de visitar Paris e arredores. Uns meses depois vieram os alunos franceses acompanhados pelos respetivos professores visitar o nosso país, e foi a nossa vez de os acolher nas nossas casas.

Ao longo deste período tivemos também a preocupação nos mantermos atualizados com o que de novo ia aparecendo no que ao desporto diz respeito e assim frequentámos também algumas ações de formação.

Quase todas as atividades que programámos e elaborámos, fora do colégio, tiveram uma visita inicial da nossa parte ou seja, não programámos as atividades à secretária tendo depois seguido com os alunos. Idealizávamos o que queríamos, depois visitávamos o local e verificávamos as condições. Lembro-me de termos selecionado uma estância de esqui em Espanha, em função da distância, para a nossa primeira aventura no projeto *Uma Semana de Ski* e quando fomos analisar essa estância decidimos não levar o grupo para lá pois receámos pela segurança dos alunos. Igualmente alterámos algumas atividades das *Férias em Movimento*, pela mesma razão.

Providenciámos para que todos os alunos usassem material adequado às atividades e nas aulas de Educação Física. Sem nunca fazer alusão a marcas ou a outra qualquer forma publicitária, induzimos os alunos, dentro das suas capacidades, a adquirirem o material necessário para melhorar o seu aproveitamento e performance, tendo sempre em conta a os relatórios mais atuais dedicados à saúde e desporto, que são publicados.

Talvez por trabalharmos desta forma, e tendo realizado e concretizado tantos projetos, nunca tivemos um acidente digno de registo. Alguns arranhões e hematomas, sobretudo nas viagens de bicicleta foram o registo mais grave com que nos deparámos.

Não queria acabar sem fazer uma breve referência também ao nosso percurso de treinador. Durante onze anos, tendo iniciado também no ano em que começamos a trabalhar no colégio como docente, estivemos a trabalhar na Associação Desportiva de Vagos, como treinador de formação de Basquetebol. Nestes anos mantivemo-nos sempre, como coordenadores do Mini Basquetebol, e orientámos os escalões de minis e iniciados. Igualmente no colégio, como já fizemos referência atrás, estivemos nos últimos nove anos a trabalhar no desporto federado, agora na modalidade de Ténis. Neste período trabalhámos também noutra clube da mesma modalidade, o Luso Ténis Clube. O trabalho que desempenhámos à frente dos dois clubes, foi reconhecido por várias entidades razão pela qual fomos convidados para fazer parte do corpo técnico da Associação de Ténis de Aveiro. Fomos também convidados a integrar o *programa de fomento* da Federação Portuguesa de Ténis, na região de Aveiro, e fomos galardoados com o título de treinador do ano, atribuído pela Camara Municipal da Mealhada na nona Gala do desporto em 2015.

Como pensamos que fica reproduzido neste capítulo, sempre procurámos ser professores ativos, que não resumiam o seu trabalho à sala de aula, mas procuravam criar e desenvolver programas aliciantes para os alunos em que a componente desportiva, cultural, pedagógica, artística e religiosa fizessem parte do funcionamento do colégio e consequentemente pudesse ser desenvolvida pelos discentes para além das aulas.



Figura 57. Entrega do prémio Treinador do Ano

Secção 4: O Ano letivo 2013/14

O ano letivo que nos propomos a analisar detalhadamente é o de 2013/14. Aqui, como nos anos anteriores, podemos constatar que para além das aulas, muitas atividades foram igualmente desenvolvidas.

Na parte curricular de lecionação verificamos que foram atribuídas 7 turmas: uma do 1º ciclo, uma do 2º ciclo, uma de 3º ciclo e quatro do ensino secundário.

Paralelamente várias atividades foram desenvolvidas, ao longo do ano como a extracurricular de Ténis havendo 3 grupos no 1º ciclo e um no 2º e 3º ciclos. Também no 1º ciclo foi desenvolvido o Futebol, sendo mais um grupo que esteve em funcionamento. Os torneios complementaram as atividades realizadas ao longo do ano.

Por último, o Clube de Ténis funcionou durante todo o ano tendo tido excelentes resultados desportivos.

Para que se possa fazer uma rápida análise do que acabamos de descrever podemos observar a figura 58, o horário deste ano.

	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
8.20		5A			7B
9.15		5A	SF		7B
10.20	12B		12B		12A
11.05	12B	1B	12B		12A
12.00	T1CGI	FUTEBOL	12A		T1CGI
12.45	FUTEBOL	T1CGII	12A	T2/3C	T1CGII
13.30				TORNEIOS	
13.45			T2/3C		
14.40		7B	T1CGIII	5A	
15.30	11A	11B	T1CGIII	11A	11B
16.15	11A	11B	SUB12	11A	11B
17.00	SUB10	SUB12	SUB12	SUB10	SUB10
17.30	SUB10	SUB12	SUB12	SUB10	SUB10
18.00		SUB12		SUB10	SUB12
18.30		SUB12		SUB10	SUB12
19.00		SUB12			SUB12
19.30					

Figura 58. O horário, com as turmas, atividades e o clube de ténis

Como se pode constatar, o trabalho por nós realizado nesse ano pode ser dividido em 3 grandes categorias: Atividade Letiva, Atividade Extra Letiva e Desporto Federado.

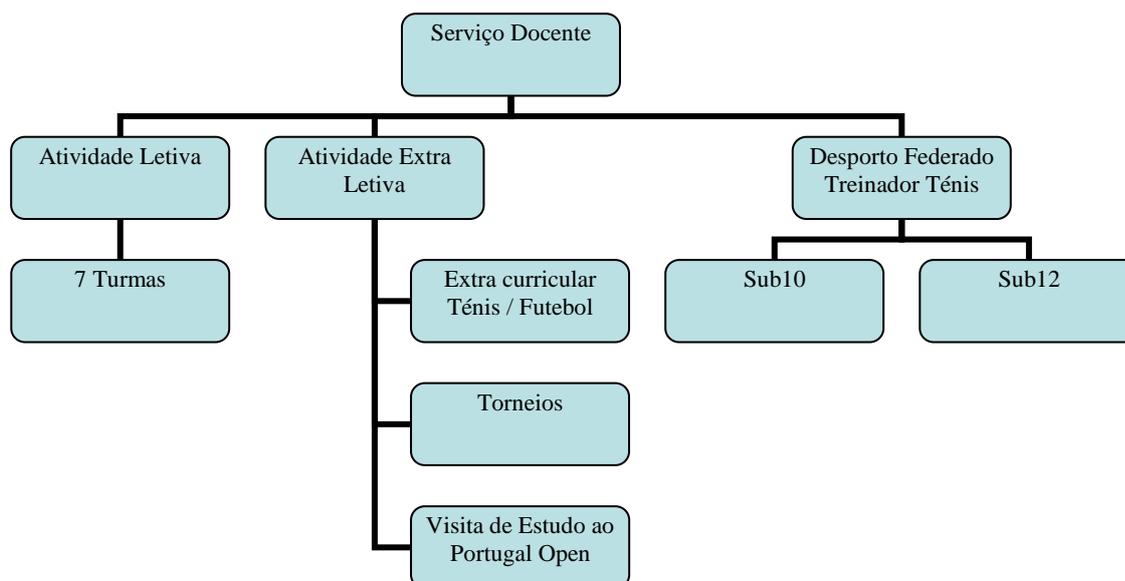


Figura59. Organograma da distribuição de serviço

4.1 Atividade letiva

4.1.1 Caracterização das turmas

No primeiro ciclo a turma atribuída foi o 1ºB. Turma essa que era constituída por 23 alunos, sendo 12 rapazes e 11 raparigas. As aulas tinham a duração de 60 minutos e decorriam uma vez por semana. Ao longo do ano, o trabalho que foi realizado incidiu no desenvolvimento das capacidades físicas e coordenativas tendo as aulas decorrido de forma viva, ativa e com grande tempo de tarefa por parte dos alunos.

A turma atribuída no segundo ciclo foi o 5ºA, e era composta por 9 rapazes e 19 raparigas, perfazendo um total de 28 alunos.

No terceiro ciclo foi atribuído o 7ºB que comportava 31 alunos no total sendo 14 masculinos e 17 femininos.

No ensino secundário foram atribuídas 4 turmas: 11ºA, 11ºB, 12ºA e 12ºB, perfazendo no total 95 alunos. Destes 43 eram rapazes e 62 raparigas.

Tabela 7. Distribuição dos alunos por turmas em função do sexo

1º ciclo		2º ciclo		3º ciclo		secundário							
1A		5A		7B		11A		11B		12A		12B	
Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem
12	11	9	19	14	17	14	16	13	17	8	13	8	16
23		28		31		30		30		21		24	

Como facilmente se pode constatar o universo feminino foi mais elevado do que o masculino.

No total em termos absolutos e percentuais temos a seguinte distribuição:

Tabela 8. Percentagem de rapazes e raparigas

Total	Rapazes	Raparigas
187	78	109
100%	41,3%	58,7%

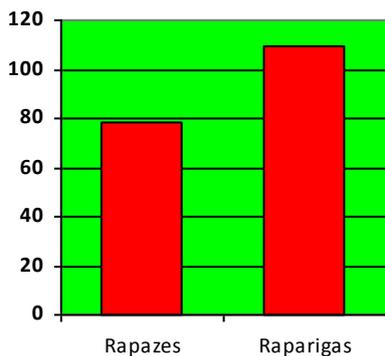


Figura 60. Total de rapazes e raparigas

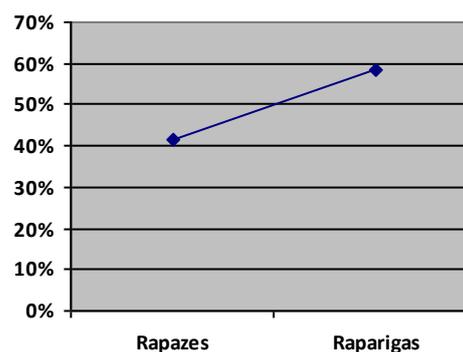


Figura 61. Percentagem de população masculina e feminina

Neste universo de alunos, há a assinalar que apenas uma aluna do 5º ano já havia sido retida, uma vez, mas durante a sua passagem pelo 1º ciclo, e que em ambas as turmas do 11º ano havia mais um aluno, mas que estavam a repetir algumas disciplinas e não tinham Educação Física. Também as turmas do 12º ano eram compostas por mais discentes, em condições iguais às do 11º ano. Na turma A eram 4 alunos e na B 1 aluno.

De referir também, que os alunos fizeram sempre a avaliação prática, exceto, dois alunos: uma aluna do 11º A, que por motivos de ordem muscular esteve de atestado médico durante 2 períodos, e um aluno do 12º B que começou o ano a realizar as aulas e respetivas avaliações práticas, sempre um pouco condicionado, pois esperava uma operação ao joelho, mas que após o início do 2º período, deixou de realizar a parte prática das aulas. Estes alunos foram avaliados com trabalhos e testes escritos e orais. Para além destes dois alunos, já mencionados não houve mais estudantes com qualquer problema. Neste universo, não havia qualquer restrição física nem necessidades educativas especiais. De referir, no entanto, que pontualmente houve alunos que não participaram na parte prática da aula, por motivo de doença ou pequenas lesões. Na análise que faremos posteriormente não incluiremos a turma do 1º ciclo, dado ter um programa muito específico, as aulas serem apenas de 1 hora semanal e ter um sistema de avaliação completamente diferenciado das restantes.

4.1.2 Caracterização das aulas

No ensino básico os blocos de aulas eram divididos em dois períodos semanais, um de 45 minutos e outro de 90 minutos. No ensino secundário, os mesmos dois blocos mas ambos de 90 minutos.

Tabela 9. Distribuição da carga horária semanal por turmas ao longo do ano

Ano/Turma	Blocos	Número de aulas 1º período	Número de aulas 2º período	Número de aulas 3º período	Número de aulas Total
5A	45'+90'	39	32	25	96
7B	45'+90'	37	33	24	94
11A	90'+90'	52	46	30	128
11B	90'+90'	50	44	30	124
12A	90'+90'	50	44	32	126
12B	90'+90'	48	44	30	122

O fato de no ensino secundário se poder lecionar mais um tempo semanal, o que corresponde a mais 25% de tempo efetivo de aula, permite realizar um trabalho mais específico e conseguir aprofundar mais cada unidade didática.

O modelo seguido em cada aula foi idealizado sempre em função do tempo letivo correspondente a essa mesma aula. Nas aulas de 45 minutos procuramos reduzir ao máximo a partes inicial e final da aula, procurando que os alunos tirassem o maior partido da parte fundamental.

Tabela 10. Modelo de aula de 45 minutos

Parte da aula	Ações a desenvolver	Tempo
Inicial	Apresentação aos alunos dos objetivos, organização e ações a desenvolver durante a aula. Adaptação funcional (aquecimento cardiovascular e articular). Exercícios de desenvolvimento da condição física (força, agilidade, velocidade, flexibilidade).	10'
Fundamental	Desenvolvimento das tarefas em situação de exercício critério: trabalho de pares; circuitos técnicos; exercícios por estações; jogos reduzidos, jogos formais. Trabalho realizado com uma ou duas modalidades	25'
Final	Retorno à calma; alongamentos musculares, exercícios de relaxação, avaliação geral da aula, banho.	10'

Nestas aulas procurávamos sempre, que possível, trabalhar uma modalidade em que não houvesse a necessidade de transportar uma grande quantidade de material e de elevado peso, precisamente para rentabilizar o tempo de prática dos alunos.

Relativamente às aulas de 90 minutos, embora a estrutura se mantenha, os tempos de cada parte são diferentes, pois aqui há uma maior liberdade temporal para uma abordagem mais eficiente a cada tema e incluir outros aspetos significativos.

Tabela 11. Modelo de aula de 90 minutos

Parte da aula	Ações a desenvolver	Tempo
Inicial	Apresentação aos alunos dos objetivos, organização e ações a desenvolver durante a aula. Adaptação funcional (aquecimento cardiovascular e articular). Exercícios de desenvolvimento da condição física (força, agilidade, velocidade, flexibilidade). Explicação da matéria teórica	10'-25'
Fundamental	Desenvolvimento das tarefas em situação de exercício critério: trabalho de pares; circuitos técnicos; exercícios por estações; jogos reduzidos, jogos formais. Trabalho realizado com uma ou duas modalidades	55'-65'
Final	Corrida de resistência, retorno à calma; alongamentos musculares, exercícios de relaxação, avaliação geral da aula, banho.	10'-20'

Neste modelo de aula, a parte inicial, por vezes era utilizada para fazer a abordagem às novas matérias que iriam ser lecionadas. Na parte fundamental podíamos trabalhar mais afincadamente cada pormenor técnico-tático inerente á/ou modalidades em curso enquanto na parte final tínhamos tempo de proporcionar aos alunos a corrida contínua.

Não podemos terminar a nossa intervenção, relativa aos tempos de aula, sem recordarmos as aulas de 50 e 100 minutos que prevaleciam há uns anos atrás. Sem dúvida que entendemos que esses tempos letivos facultavam uma melhor estruturação da aula e consequentemente melhor desempenho por parte dos alunos.



Figura 62. Fase inicial da aula (flexibilidade)



Figura 63. Fase fundamental da aula

4.1.3 Planeamento

No início do ano, como sempre, planificamos a nível anual as matérias que iríamos lecionar para cada ano escolar, tendo em conta o programa nacional e as nossas condições. Procuramos que as planificações se adaptassem aos nossos alunos, tendo em conta os ritmos de aprendizagem e os objetivos dos mesmos. Aqui, temos uma grande vantagem, pois o nosso grupo disciplinar é constante á vários anos, e os nossos alunos também se mantêm. Quando estamos a planificar temos um conhecimento bastante fiável dos alunos. A nossa planificação, desde sempre assentou numa base de trabalho do 5º ao 12º ano e não na programação de um ano isoladamente, isto não quer dizer como é lógico que não tenhamos as planificações por ano letivo.

Segundo Januário, (1996) a função mais óbvia do planeamento é transformar e modificar o currículo, adaptando-o às circunstâncias únicas de cada situação de ensino. Também para Ribeiro (1999) os modelos de organização curricular disponíveis não existem na prática, pois estão sujeitos a evoluções ou adaptações em função das realidades concretas do ensino.

Tentamos que as diferentes modalidades sejam distribuídas pelos 8 anos de escolaridade sem valorizar umas em relação às outras e dentro de cada ano escolar que haja equabilidade nas horas atribuídas a cada.

Qualquer unidade didática deve começar pelo diagnóstico. Ribeiro (1999) refere que a avaliação diagnóstica pretende verificar a posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas, bem como a anteriores que servem de base aquelas, no sentido de contrariar dificuldades futuras e em certos casos, poder resolver situações presentes.

Não obstante já conhecermos a maioria dos alunos quando planificamos o ano, importa que cada professor tenha dados mais concretos sobre os seus alunos a nível de conhecimento, eficiência, e eficácia relativa á unidade lecionada. Assim, após a abordagem teórica da modalidade que vamos lecionar, onde fazemos referência à história e evolução, bem como às regras e/ou regulamentos, fazemos sempre uma avaliação diagnóstica, para aferirmos o estado efetivo de cada aluno e o nível geral da turma. Só depois conseguiremos planificar, de forma mais específica, para cada aluno/turma o que nos parece mais aconselhado face aos níveis apresentados.

4.1.4 Condição Física

Apesar do no ano letivo 2013/14 os valores dos testes de condição física, não estarem inseridos nos critérios de avaliação da disciplina, foi realizado 1 teste, tendo como base a bateria de testes do *Fitnessgram*. O teste realizado foi a milha. Os alunos tiveram a oportunidade de realizar também os testes de flexibilidade, força média, força superior e vaivém inserido na tese de mestrado de um colega.

Os testes realizados têm por objetivo avaliar os alunos em 3 zonas distintas: a primeira indica que o aluno está *aquém do que é pretendido* para a sua idade e como tal deverá melhorar a sua condição, a segunda indica que o aluno está na *zona saudável* e finalmente a terceira reflete que o aluno está *acima da zona saudável*.

Tabela 12. Resultados obtidos pelos alunos no teste da milha

	Zona 1	Zona 2	Zona 3
5º Ano	6	14	8
7º Ano	1	18	12
11º Ano	4	42	14
12º Ano	6	27	12

Como podemos constatar a grande parte dos alunos realizou prestações que os colocam na zona saudável (2). A zona acima da saudável (3) também tem um maior número de alunos do que a zona de melhoria (1).

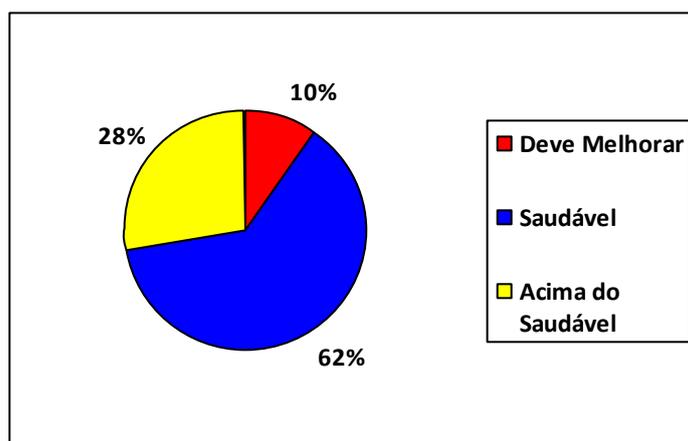


Figura 64. Percentagem obtida na milha por zona

Em termos percentuais verificamos que 1 aluno em cada 10 deverá melhorar a sua aptidão, pois a sua prestação ficou aquém do que seria desejado. A grande percentagem (62%) dos alunos encontrava-se na zona saudável. De referir que este teste foi realizado com cerca de um mês de aulas, não tendo ainda os alunos realizado uma grande preparação.

4.1.5 Avaliação Diagnóstica

4.1.5.1 Desportos Coletivos

Nos jogos desportivos coletivos assentamos a nossa observação nas componentes técnicas, a nível analítico, e táticas (jogo), sendo que no básico (5º e 7º ano) a nossa observação predomina mais na parte técnica, enquanto no ensino secundário (11º e 12º ano) damos mais ênfase à parte do jogo.

Podemos verificar os aspetos avaliados para cada uma das modalidades (cf. tabela 13).

Tabela 13. Elementos avaliados durante a avaliação diagnóstica

Ano escolar	Andebol	Basquetebol	Futebol	Corfebol	Voleibol
5º Ano		Lançamento Passe de peito Drible Jogo 3x3	Remate Passe/receção Condução de bola Jogo 5x5		
7º Ano			Remate Passe/receção Condução de bola Jogo 5x5		Serviço Manchete Passe Jogo 4x4
11º Ano	Gestos técnicos Jogo 7x7: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos	Gestos técnicos Jogo 5x5: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos	Gestos técnicos Jogo 7x7: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos		Gestos técnicos Jogo 6x6: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos
12º Ano	Gestos técnicos Jogo 7x7: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos	Gestos técnicos Jogo 5x5: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos	Gestos técnicos Jogo 7x7: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos	Gestos técnicos Jogo 8x8: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos	Gestos técnicos Jogo 6x6: - Elementos defensivos - Elementos ofensivos

Fazendo a análise prática, após a observação, e considerando a escala de Nível Introdutório (para os que realizam com alguma dificuldade), Nível Elementar (para os que realizam sem dificuldade) e o Nível Avançado (para os que realizam com perfeito domínio e controle), obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 14. Distribuição dos alunos por níveis: I- introdutório; E- elementar; A- avançado

Ano escolar	Andebol			Basquetebol			Futebol			Corfebol			Voleibol		
	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A
5º Ano				11	10	7	9	11	8						
7º Ano							14	9	8				10	12	9
11º Ano	10	39	10	16	39	4	8	41	10				9	38	13
12º Ano	10	27	7	11	26	7	12	24	9	10	19	15	12	22	10

Na análise estatística que faremos de seguida, analisaremos os resultados obtidos por níveis, isto é, 2º ciclo (5º ano), 3º ciclo (7º ano) e secundário (11º e 12ª anos).

De salientar que no secundário, numa turma do 11º ano houve uma aluna que não realizou aulas no 2º e 3º período por motivos de saúde e como tal não realizou qualquer avaliação prática de Andebol, Basquetebol e Futebol. Também no 12º ano um aluno esteve impedido de realizar algumas avaliações, tendo neste caso realizado avaliação de Futebol.

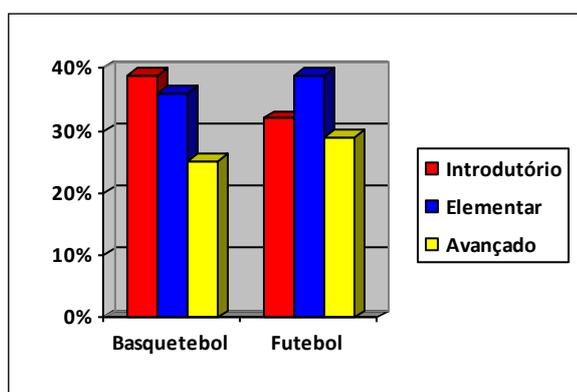


Figura 65. Avaliação diagnóstica dos JDC na turma do 5º ano (2º ciclo)

Como podemos constatar no quinto ano, os resultados são melhores no Futebol, curiosamente sendo a turma composta na sua maioria por raparigas. Pensamos que este fato se fica a dever aos rapazes jogarem praticamente todos em clubes da região e haver um grupo de raparigas que revelava grande aptidão física para o desporto.

Também constatamos que a maioria dos alunos está num nível em que já domina estas modalidades, estando em minoria aqueles que sentem muita dificuldade. O fator que apontamos para esta razão é o de estes alunos terem tido aulas de educação física já no 1º ciclo, o que lhes possibilitou um maior desenvolvimento das capacidades físicas e coordenativas.

Relativamente ao sétimo ano, verificamos que há muitos alunos com dificuldade estando um grupo considerável no nível introdutório.

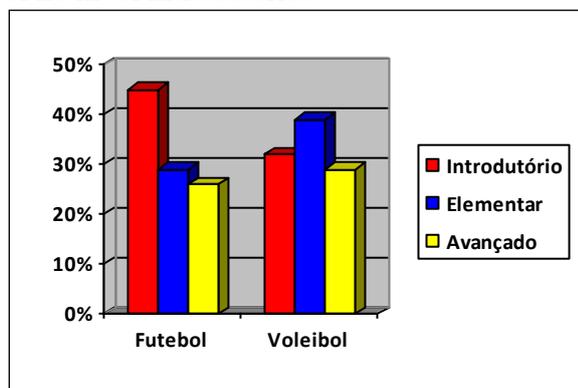


Figura 66. Avaliação diagnóstica dos JDC na turma do 7º ano (3º ciclo)

Parece-nos que o fator que é determinante para este baixo desempenho por parte dos alunos, se deve ao fato de no sexto ano a modalidade de Futebol não ter sido lecionada e tirando os poucos alunos que a praticam nos seus clubes, os outros, nomeadamente as raparigas, não voltaram a ter qualquer contato com o futebol desde o quinto ano. No caso do Voleibol os resultados são ligeiramente melhores, tendo contribuído para isso, sem dúvida, o fato de no ano anterior os alunos lecionarem a modalidade e alguns pertencerem ao grupo do Desporto Escolar de Voleibol.

No ensino secundário, como referimos atrás, analisaremos as 4 turmas em conjunto, dado a diferença de idades não ser muito significativa e os alunos estarem próximo do final da fase de crescimento.

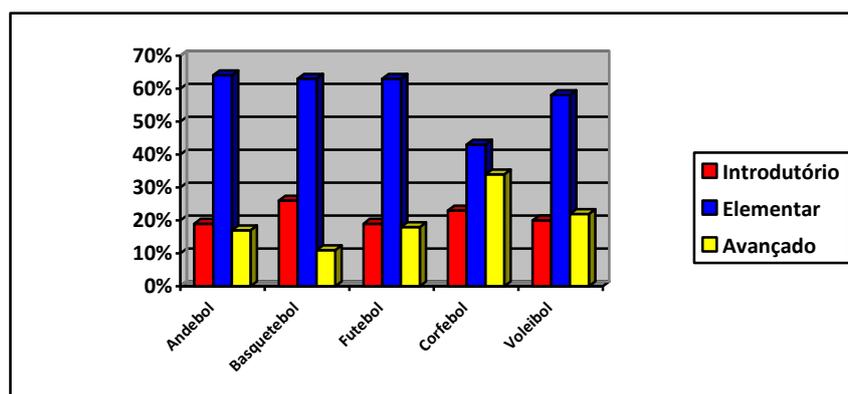


Figura 67. Avaliação diagnóstica das 4 turmas dos JDC do ensino secundário

Nos 5 desportos avaliados é clara a preponderância do nível elementar, (cf. figura 67). O percurso que os alunos fizeram nos anos anteriores é sem dúvida o suporte destes resultados. Há a destacar também um grupo considerável de alunos que já no início revela grande capacidade e se situa no nível avançado, nomeadamente no Corfebol e no Voleibol. No primeiro caso este fato será devido aos alunos já terem lecionado a modalidade no décimo ano e ser o jogo desportivo coletivo em que os alunos mais empenho demonstram. No caso do Voleibol, estará ligado ao grande incremento que a modalidade tem no colégio, através do Desporto Escolar.

4.1.5.2 Desportos Individuais

Nos desportos individuais assentamos a nossa observação em algumas destrezas ligadas a cada modalidade e assim podemos verificar os aspetos avaliados para cada uma das modalidades. (cf. Tabela 15).

Tabela 15. Elementos avaliados durante a avaliação diagnóstica

Ano escolar	5º Ano	7º Ano	11º Ano	12º ano
Ginástica	Rolamentos: frente e retaguarda Roda	Rolamentos: frente e retaguarda Roda Apoio Facial Invertido		
Luta	Jogos de ataque e defesa			
Patinagem	Equilíbrio nos patins Marcha para a frente			
Ténis		Batimento: direita e esquerda	Batimento direita e esquerda Serviço Controlo de bola	
Orientação		Conhecimento dos pontos cardeais Leitura de mapas		
G. Acrobática			Pegas Montes e desmontes	
Atletismo				Salto em comprimento Salto em altura (técnica Fosbury Flop) Corrida de 12 minutos

Tal como na avaliação dos desportos coletivos, após a observação, e considerando a escala de Nível Introdutório (para os que realizam com alguma dificuldade), Nível Elementar (para os que realizam sem dificuldade) e o Nível Avançado (para os que realizam com perfeito domínio e controle), obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 16. Distribuição dos alunos por níveis: I- introdutório; E- elementar; A- avançado

Ano escolar	Ginástica			Luta			Patinagem			Ténis			Orientação			G Acrobática			Atletismo		
	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A			
5º Ano	12	8	8	16	7	5	19	3	6												
7º Ano	12	14	5							23	5	3	18	9	2						
11º Ano										30	25	5				19	37	3			
12º Ano																			20	20	5

De referir que no secundário, numa turma do 11º ano houve uma aluna que não realizou aulas no 2º e 3º período por motivos de saúde e como tal não realizou qualquer avaliação prática de Ginástica Acrobática.

No 5º ano, os resultados obtidos pelos alunos, aquando das avaliações diagnósticas, evidenciam que o nível em que se encontram mais alunos é o introdutório (cf. figura 68)

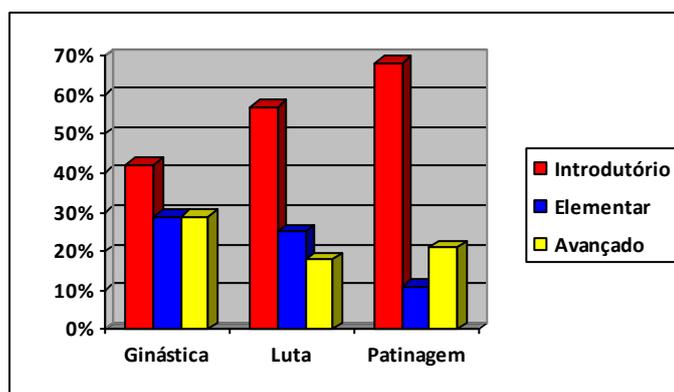


Figura 68. Avaliação diagnóstica dos DI na turma do 5º ano (2º ciclo)

Ao contrário do que passa nos jogos desportivos coletivos, aqui o padrão que se destaca é o nível introdutório, essencialmente na Luta e na Patinagem. Este fato prende-se com a novidade que estes desportos são para a maioria dos alunos. Alguns só com o início das aulas tiveram a oportunidade de experimentar uns patins. Na Ginástica, apesar de prevalecer o nível introdutório, a maioria está nos dois níveis seguintes. Sem dúvida que para isso contribuiu o fato de esta modalidade já ser abordada no 1º ciclo e haver no colégio a extracurricular de Ginástica.

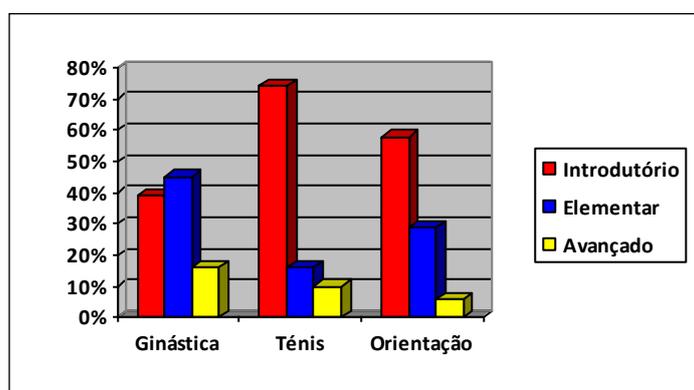


Figura 69. Avaliação diagnóstica dos DI na turma do 7º ano (3º ciclo)

Podemos concluir que no 7º ano, a Ginástica, modalidade que já foi lecionada em anos anteriores apresenta a maioria dos alunos no nível elementar, enquanto no Ténis e na

Orientação as avaliações realizadas demonstram que a maioria dos alunos se encontra numa fase muito inicial da modalidade. Se no caso da Orientação faz sentido, pois os alunos não tinham qualquer experiência neste desporto, já no Ténis, com a dinâmica que existe no colégio, inclusive com uma equipa federada, os resultados causam alguma surpresa. No entanto se analisarmos os alunos do 7º ano que já participaram na extracurricular de Ténis, curiosamente, verificamos que apenas um aluno esteve um ano inscrito e realizar as aulas. Com este dado já é fácil perceber os resultados obtidos.

No ensino secundário e voltando a agrupar as 2 turmas do 11º ano com as 2 turmas do 12º ano podemos verificar que no Ténis e no Atletismo ainda há prevalência do nível introdutório.

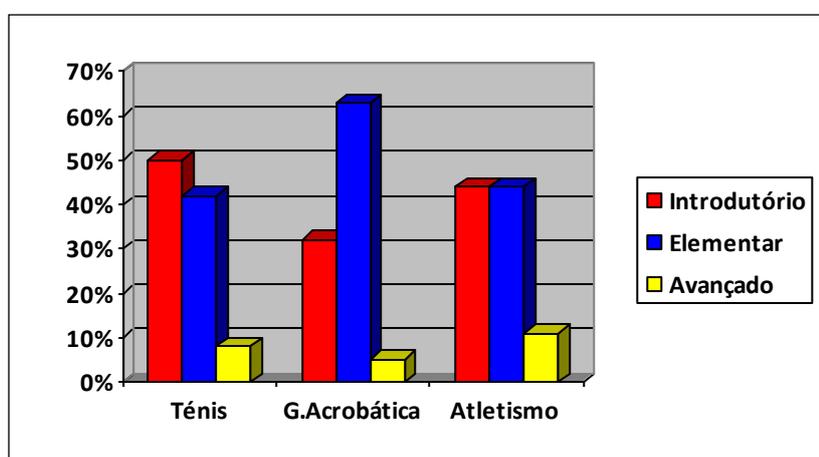


Figura 70. Avaliação diagnóstica das 4 turmas dos DI do ensino secundário

Os resultados obtidos pelos alunos do ensino secundário nas avaliações diagnósticas dos desportos individuais evidenciam que nas modalidades de Ténis e Atletismo, os alunos ainda apresentam muitas dificuldades no início dessas unidades didáticas. A razão que apontamos são no caso da primeira, os alunos desde o 7º ano não voltaram a lecionar esta modalidade e além disso, há alunos que entraram de novo no colégio no 10º ano e nunca tiveram contato com a modalidade. No caso do Atletismo estes resultados, devem-se essencialmente à aversão das raparigas ao salto em altura, e estando no início da unidade didática, à pouca capacidade aeróbia para realizar percursos de longa distância, tendo sido o Atletismo a primeira modalidade a ser lecionada no ano letivo.

4.1.6 Avaliação Final

Seguindo a mesma ordem apresentada aquando da apresentação da avaliação diagnóstica, começamos por apresentar os resultados dos jogos desportivos coletivos e posteriormente dos desportos individuais e estabeleceremos uma correlação entre a avaliação inicial e final nas unidades lecionadas.

4.1.6.1 Desportos Coletivos

Para a avaliação formativa e sumativa dos jogos desportivos coletivos foram utilizadas grelhas de observação que compunham dois momentos distintos: no primeiro foram avaliados os gestos técnicos lecionados em cada modalidade. Esta avaliação era realizada em situação analítica, embora fosse complementada, posteriormente quando fazíamos a avaliação global do jogo.

O peso avaliativo dado a cada componente variava em cada ciclo.

Tabela 17. Percentagem atribuída na avaliação final dos JDC, nos diferentes ciclos

	2º Ciclo	3º Ciclo	Secundário
Gestos Técnicos	70%	60%	40%
Jogo	30%	40%	60%

Fazendo a análise prática, após a observação, e considerando a escala de Nível Introdutório (nível 1, nível 2 e nível 3 ou seja de 0% a 69%), Nível Elementar (nível 4 ou seja de 70 a 90%) e o Nível Avançado nível 5 ou seja de 90% a 100%), no ensino básico e Nível Introdutório (0-9 e 10-14), Nível Elementar (15-17) e Nível Avançado (18-20) no ensino secundário, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 18. Distribuição dos alunos por níveis: I- introdutório; E- elementar; A- avançado

Ano escolar	Andebol			Basquetebol			Futebol			Corfebol			Voleibol		
	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A
5º Ano				5	15	8	7	13	8						
7º Ano							11	11	9				8	13	10
11º Ano	3	40	16	12	30	17	3	40	16				3	41	16
12º Ano	2	20	22	3	21	20	5	20	20	0	15	29	1	22	21

De salientar que no secundário, numa turma do 11º ano houve uma aluna que não realizou aulas no 2º e 3º período por motivos de saúde e como tal não realizou qualquer avaliação prática de Andebol, Basquetebol e Futebol. Também no 12º ano um aluno esteve impedido de realizar algumas avaliações, tendo neste caso realizado avaliação de Futebol.

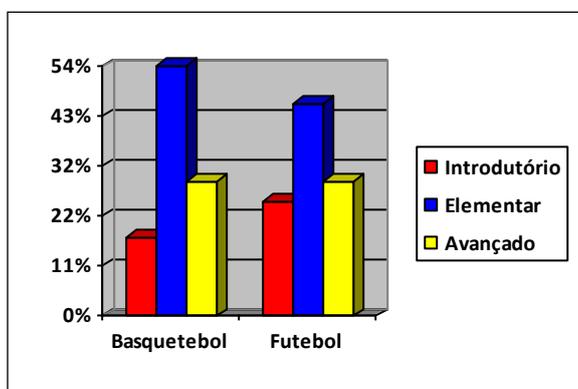


Figura 71. Avaliação final dos JDC na turma do 5º ano (2º ciclo)

Como podemos constatar no quinto ano, os resultados em ambas as modalidades apresentam um predomínio do nível elementar.

De salientar que dos 7 alunos avaliados no Futebol no nível introdutório apenas um teve menos de 50%. No Basquetebol todos tiveram mais de 50%.

Comparando a avaliação inicial com a final, facilmente percebemos a evolução dos alunos ao longo das unidades didáticas.

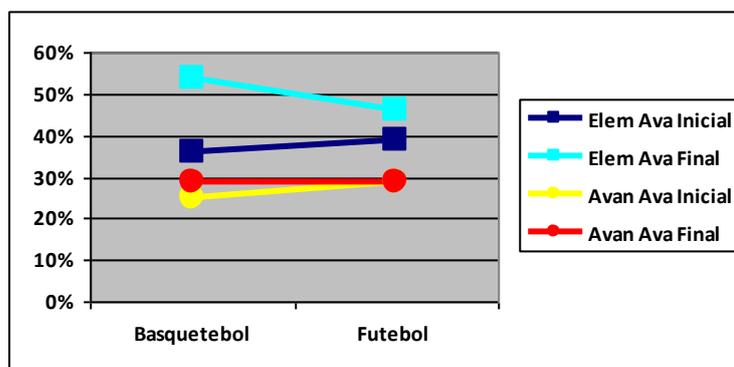


Figura 72. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos JDC na turma do 5º ano (2º ciclo)

Como se pode verificar no Basquetebol há um aumento significativo no nível elementar passando dos 36% para os 54% enquanto o nível avançado também evoluiu favoravelmente dos 25% para os 29%. No que respeita ao Futebol, também houve uma melhoria no nível elementar, dos 39% para os 46%, enquanto no nível avançado não houve qualquer alteração.

Relativamente ao 7º ano, verificamos que a percentagem de alunos é muito parecida nos 3 níveis.

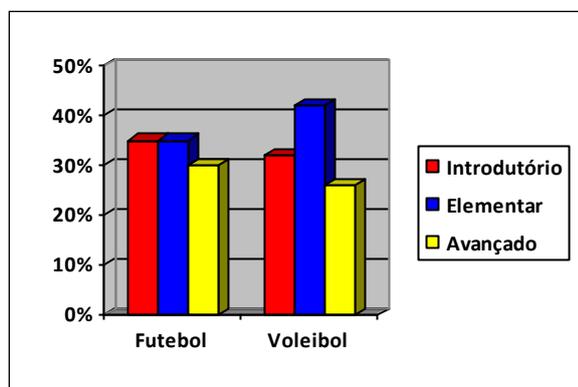


Figura 73. Avaliação final dos JDC na turma do 7º ano (3º ciclo)

Analisando a avaliação final do 7º ano, verificamos que no Futebol os 3 níveis são muito idênticos em termos percentuais enquanto no Voleibol se nota um ligeiro domínio do nível elementar.

De salientar que dos 11 alunos avaliados no Futebol no nível introdutório apenas um teve menos de 50%. No Voleibol todos tiveram mais de 50%.

Estabelecendo uma comparação entre a avaliação inicial e a final, podemos tirar algumas elações:

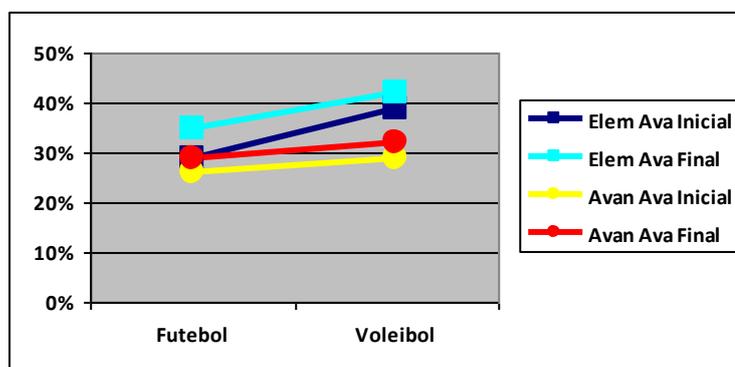


Figura 74. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos JDC na turma do 7º ano (3º ciclo)

No Futebol, a percentagem do nível elementar subiu dos 29% para os 35% ao passo que no Voleibol esse aumento que também se concretizou mas apenas em 3%, passando de 29% para os 32%.

No ensino secundário podemos facilmente verificar que a maioria dos alunos se situa no nível elementar exceto, na modalidade de corfebol há uma maior percentagem no nível avançado.

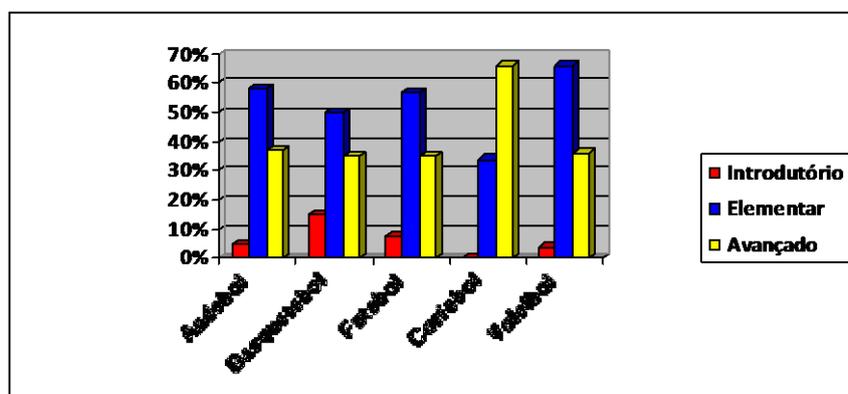


Figura 75. Avaliação final das 4 turmas dos JDC do ensino secundário

Nos 5 desportos avaliados é clara a preponderância do nível elementar. O nível introdutório é pouco representativo, tendo apenas mais de 10% no Basquetebol, sendo todos os valores superiores a 10.

Comparando os resultados iniciais e finais poderemos tirar algumas conclusões:

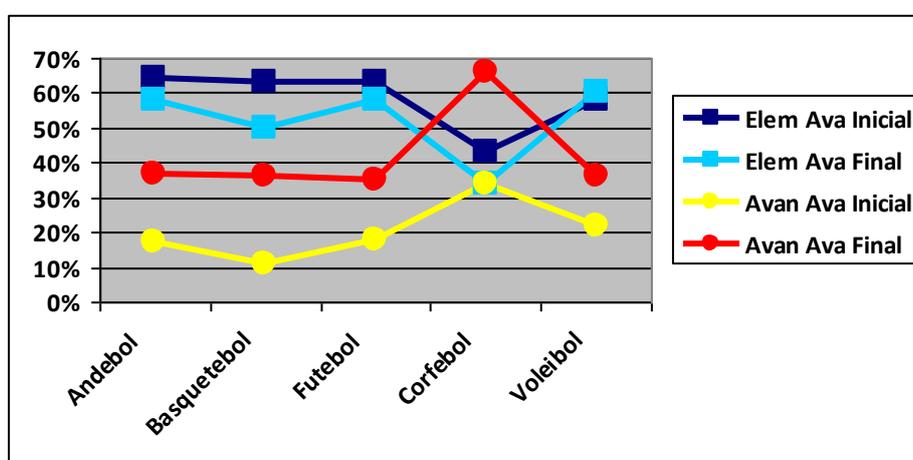


Figura 76. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos JDC nas turmas do secundário

Nos 5 desportos avaliados, à exceção do Voleibol, a avaliação inicial do nível elementar foi superior em termos percentuais à avaliação final. Este resultado é fruto de grande parte dos alunos ter demonstrado nas avaliações finais que o seu desempenho se situava no nível avançado e conseqüentemente ser este nível que nas 5 modalidades tenha subido percentualmente, atingido o seu melhor resultado, no Corfebol, sem dúvida a modalidade em que todos os alunos demonstraram grande empenho e participação.

4.1.6.2 Desportos Individuais

Tal como nos jogos desportivos coletivos, também para a avaliação formativa e sumativa dos desportos individuais foram utilizadas grelhas de observação. Grelhas essas que traduziam a matéria inerente a cada modalidade, que havia sido dada no decorrer das aulas. Também aqui utilizamos a mesma escala de avaliação.

Tabela 19. Distribuição dos alunos por níveis: I- introdutório; E- elementar; A- avançado

Ano escolar	Ginástica			Luta			Patinagem			Ténis			Orientação			G Acrobática			Atletismo			
	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	
5º Ano	8	9	11	10	11	7	10	11	7													
7º Ano	10	12	9							13	10	8	0	13	18							
11º Ano										12	37	11				0	15	44				
12º Ano																			9	26	9	

De referir que no secundário, numa turma do 11º ano houve uma aluna que não realizou aulas no 2º e 3º período por motivos de saúde e como tal não realizou qualquer avaliação prática de Ginástica Acrobática.

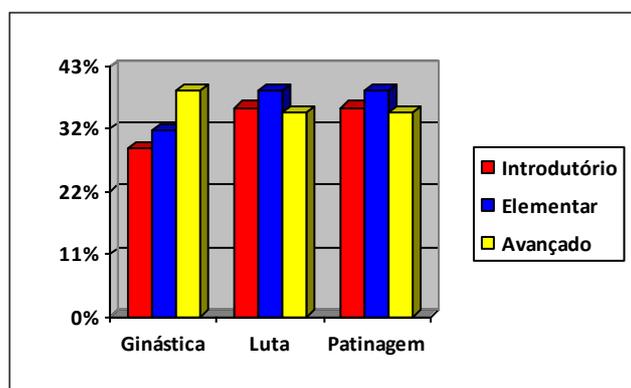


Figura 77. Avaliação final dos DI na turma do 5º ano (2º ciclo)

Como podemos constatar no quinto ano, os resultados em todas as modalidades apresentam valores muito semelhantes. Apesar das semelhanças verificamos que na Ginástica a maior parte dos alunos se situou no nível avançado, enquanto na luta e na patinagem o nível com maior destaque foi o elementar.

De salientar, que dos alunos avaliados nas 3 modalidades, no nível introdutório todos tiveram mais de 50% na avaliação.

Nos 3 desportos avaliados houve progressão dos alunos.

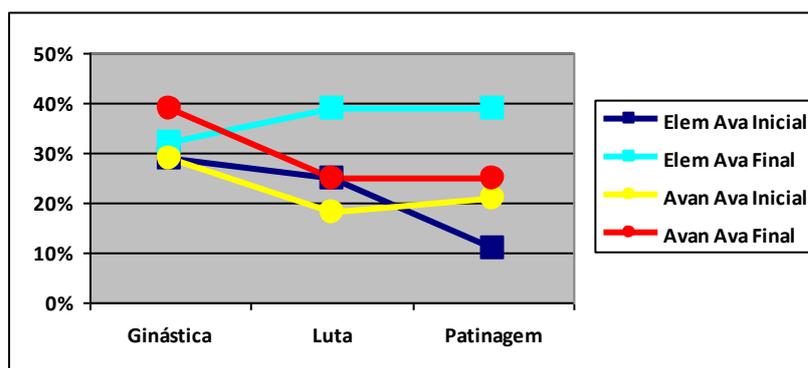


Figura 78. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos DI na turma do 5º ano (2º ciclo)

Como se pode verificar na Luta houve um aumento significativo no nível elementar passando dos 25% para os 39% enquanto o nível avançado também evoluiu favoravelmente dos 18% para os 25%. No que respeita à Patinagem, também se registou uma melhoria no nível elementar, dos 11% para os 39%, enquanto no nível avançado também subiu dos 21% para os 25%. A Ginástica foi a modalidade em que as melhorias foram menos significativas, mas foi a que teve mais alunos no nível final avançado com 39%.

Relativamente ao 7º ano, verificamos que o total de alunos em cada nível varia muito em função da modalidade.

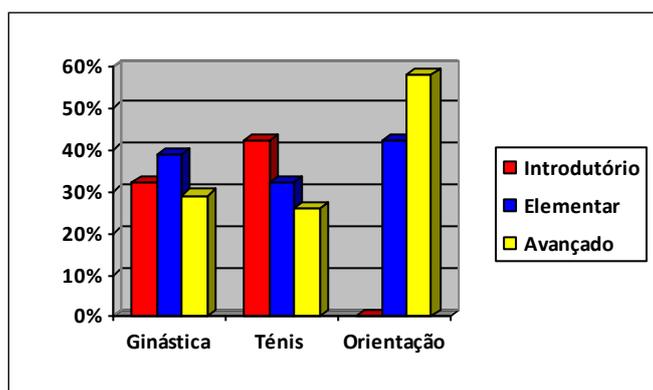


Figura 79. Avaliação final dos DI na turma do 7º ano (3º ciclo)

Analisando a avaliação final do 7º ano, verificamos que na Ginástica o nível elementar é o que representa o maior grupo de alunos, enquanto no Ténis esse grupo se situa no nível introdutório. Na Orientação não há alunos avaliados no grupo introdutório, e a maioria situa-se no nível avançado.

De salientar que dos 10 alunos avaliados na Ginástica no nível introdutório apenas 1 teve menos de 50%. No Ténis dos 13 que se situam também nesse intervalo, há igualmente 1 que não atingiu o patamar dos 50%.

Estabelecendo uma comparação entre a avaliação inicial e a final, podemos tirar algumas elações:

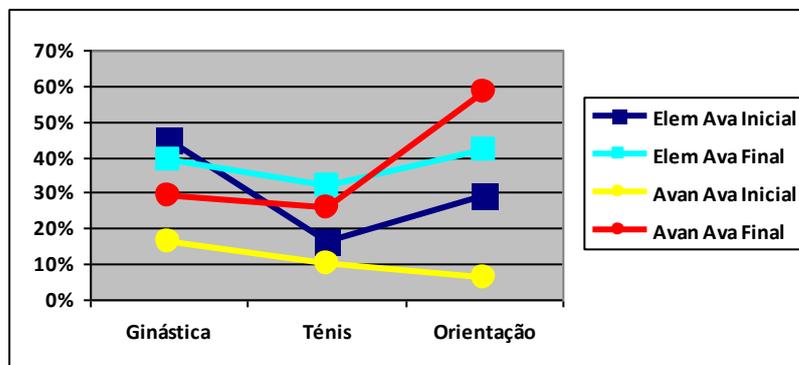


Figura 80. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos DI na turma do 7º ano (3º ciclo)

Na Ginástica, a percentagem do nível elementar desceu dos 45% para os 39%, mas a do nível avançado subiu significativamente, dos 16% para os 29%. No Ténis também houve uma ligeira subida dos dois níveis. Na Orientação, notou-se uma subida no nível elementar dos 29% para os 42%, enquanto no nível avançado se deu a maior subida de todas, dos 6% para os 58%.

No ensino secundário, podemos facilmente, verificar que a maioria dos alunos se situa no nível elementar exceto, na modalidade Ginástica Acrobática onde há uma maior percentagem no nível avançado. (cf. figura 81).

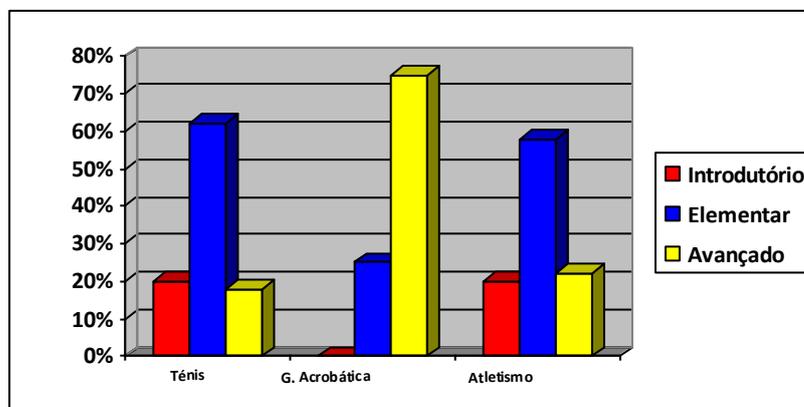


Figura 81. Avaliação final das 4 turmas dos DI do ensino secundário

Nos 3 desportos avaliados é clara a preponderância do nível elementar, no Ténis e no Atletismo. Já na Ginástica Acrobática a grande maioria dos alunos obteve a avaliação correspondente ao nível avançado.

O nível introdutório é o menos representativo, não tendo mais de 20% em nenhuma das modalidades.

No Atletismo, dos alunos avaliados no nível introdutório, houve 1 que não atingiu a classificação de 10 valores. Todos os restantes tiveram valores superiores a 10, quer no Atletismo quer no Ténis.

Comparando os resultados iniciais e finais podemos tirar algumas conclusões.

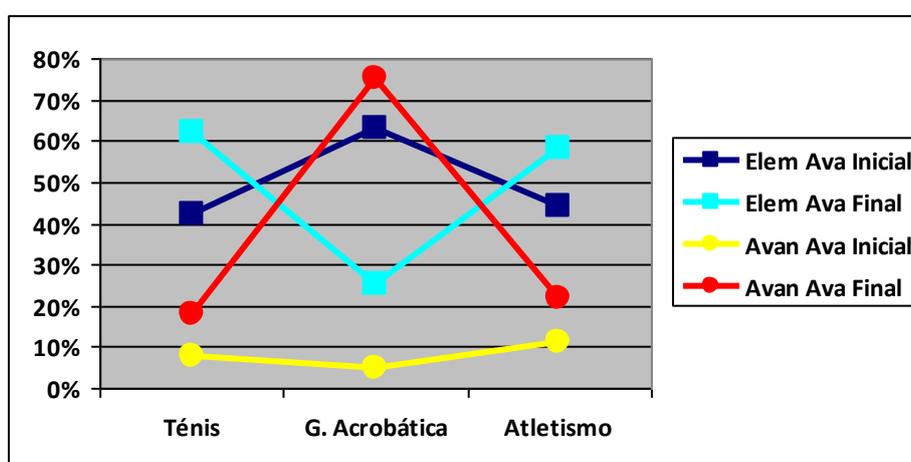


Figura 82. Comparação dos níveis elementar e avançado entre as avaliações iniciais e finais dos DI nas turmas do secundário

Nos 3 desportos avaliados, a avaliação final do nível avançado foi sempre superior à inicial. O maior destaque que aqui surge é precisamente na ginástica acrobática em que dos 5% passou para os 75%. Esta percentagem é melhor de todos os níveis e desportos avaliados.

4.1.6.3 Domínio Comportamental

Paralelamente à avaliação da parte prática das aulas onde incidiu a avaliação do saber e saber fazer, também realizámos a avaliação dos comportamentos e atitudes. Nesta avaliação, designada no colégio como Domínio do saber ser/saber estar foram avaliados 5 parâmetros:

- Colabora na construção de um bom ambiente de trabalho e disciplina em sala de aula.
- Evidencia empenho na obtenção de bons resultados escolares.
- Intervém e participa oportunamente.

- É autónomo e responsável na realização das tarefas.
- Respeita educadores e colegas.

De salientar que estas 5 diretrizes de avaliação são obrigatórias no colégio para todos os grupos disciplinares. A única coisa que poderá alterar entre cada grupo é a percentagem a atribuir quando do cálculo das notas finais.

Ao longo das aulas, eram reunidos elementos que no final de cada período permitiam avaliar os alunos.

Tabela 20. Médias do domínio comportamental ao longo dos períodos para cada ano escolar

Ano	Período Letivo		
	1º	2º	3º
5º	86,4 %	90,7%	92,8%
7º	85,1%	81,2%	82,2%
11º	92,5%	92,7%	93,1%
12º	92,9%	88,1%	90,5%

Conseguimos perceber que no 7º ano a média dos comportamentos e atitudes, apesar de ser boa é inferior às turmas restantes.

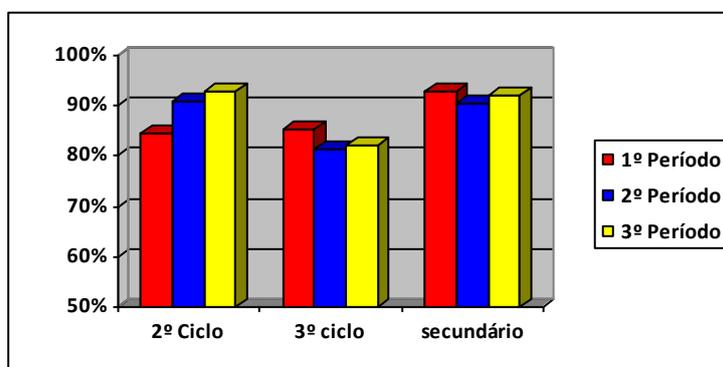


Figura 83. Comparação das médias por período e por ciclo

Podemos verificar que ao longo do ano não houve grande oscilação na avaliação. No 2º ciclo a avaliação foi melhorando ao longo de cada período, ficando no final acima dos 90%. Também no ensino secundário, no final do ano se regista, um valor superior aos 90%. No 3º ciclo, esse valor é inferior, mas ainda assim supera os 80%.

Esta avaliação é de capital importância para o desenvolvimento dos alunos, onde se destacam as atitudes de Fair Play e Espírito Desportivo, bem como a colaboração dos melhores nas ajudas aos que demonstram mais dificuldades.

Para Rosado (1998) a intervenção nesta dimensão é uma das competências fundamentais dos professores, e no colégio este ponto procura ser ainda mais evidente.

O peso que esta avaliação tem na nota final de educação física é de 20%, valor que em muito supera o peso que as outras disciplinas lhe atribuem.

4.1.6.4 Avaliação final com todos os domínios

Para a atribuição da avaliação final foram estabelecidos pelo departamento e aprovados em conselho científico pedagógico os critérios de avaliação inerentes à disciplina (cf. Anexo C)

DOMÍNIOS	PONDERAÇÃO
Saber e Saber Fazer	80%
Saber Ser e Saber Estar	20%

Figura 84. Pesos dos domínios na avaliação

Podemos observar que no peso da avaliação final, são atribuídos 80% aos domínios do saber e saber fazer, enquanto os restantes 20 % se refletem no saber se e saber estar. A elaboração dos parâmetros de avaliação que compõem os primeiros dois domínios, foram da responsabilidade do departamento, enquanto os critérios que estão definidos para o saber ser e estar são do colégio e comuns a todas as disciplinas.

Correspondência entre níveis e percentagens

	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5
2º ciclo	0 a 19% Muito Mau	20% a 49% Insuficiente	50% a 69% Suficiente	70% a 89% Bom	89% a 100% Muito Bom
3º ciclo	0 a 19% Insuficiente	20% a 49% Insuficiente	50% a 69% Suficiente	70% a 89% Bom	89% a 100% Muito Bom
	0 a 5	6 a 9	10 a 14	14 a 17	18-20
Secundário	Muito Mau	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom

Figura 85. Níveis (2º e 3º ciclos) e valores (secundário) atribuídos

Verificamos que no ensino básico existem 5 níveis de avaliação que têm as respetivas correspondências percentuais e qualitativas. (cf. figura 85). Já no ensino secundário os mesmos 5 níveis, aquando das avaliações intercalares com avaliação qualitativa, e nas restantes avaliações, sempre com a nota quantitativa, ou seja os valores exatos da avaliação.

Para termos uma ideia do percurso escolar dos alunos analisaremos de seguida, por ciclo, os resultados onde podemos constatar os níveis atribuídos em cada período. De referir que nas turmas do ensino básico a escala utilizada foi apenas com os níveis positivos, dado não ter havido qualquer negativa e no ensino secundário as notas foram divididas em 3 intervalos (10-14; 15-17 e 18-20), dado não se ter registado nenhum valor inferior a 10.

Tabela 21. Comparação das classificações na turma do 5º ano (2º ciclo)

	Nível 3	Nível 4	Nível 5
1º Período	6	16	6
2º Período	6	12	10
3º Período	4	14	10

Verificamos o predomínio do nível 4 em todos os períodos.

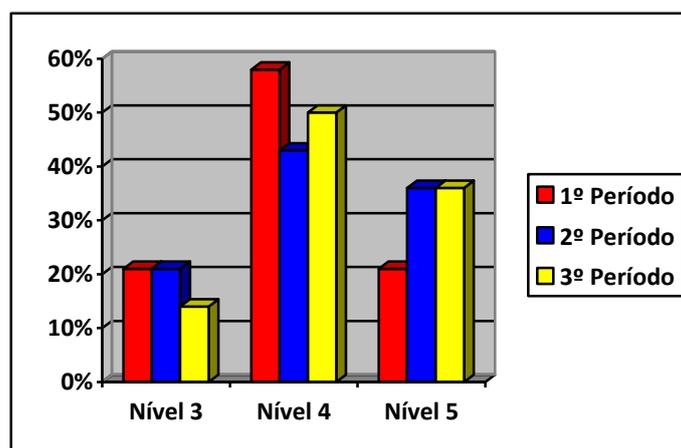


Figura 86. Comparação dos níveis finais atribuídos por período no 5º ano (2º ciclo)

Podemos concluir que ao longo do ano a maioria dos alunos conseguiu atingir o nível 4, obtendo o valor mais elevado no 1º período com 58%.

A percentagem de alunos que foi avaliado com o nível 5, no final do ano foi superior ao que tiveram nível 3, sendo de 36% e 14% respetivamente.

No 7º ano verificamos poucas oscilações nos níveis atribuídos ao longo do ano.

Tabela 22. Comparação das classificações na turma do 7º ano (3º ciclo)

	Nível 3	Nível 4	Nível 5
1º Período	13	12	6
2º Período	14	12	5
3º Período	6	19	6

A maioria dos valores são idênticos, notando-se apenas uma melhoria significativa, do nível 3 para o 4, na passagem do 2º para o 3º período.

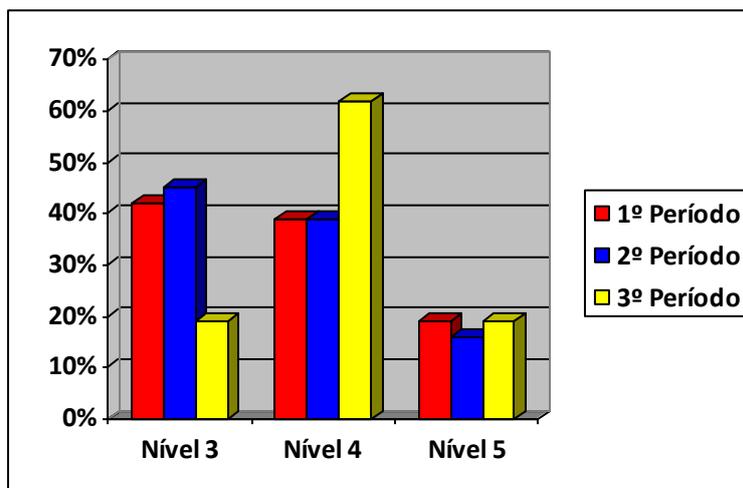


Figura 87. Comparação dos níveis finais atribuídos por período no 7º ano (3º ciclo)

Verifica-se que ao longo do ano a percentagem de níveis atribuídos foi relativamente constante, exceto no 3º período, onde houve um decréscimo significativo de níveis 3 e um conseqüente aumento de níveis 4, tendo sido a nota com a maioria dos alunos foram avaliados, no total 62%.

Tabela 23. Comparação das classificações nas turmas do 11º e 12ºano (secundário)

	10-14 valores	15-17 valores	18-20 valores
1º Período	6	54	21
2º Período	1	50	30
3º Período	2	42	37

A esmagadora maioria dos alunos conseguiu atingir um valor igual ou superior a 15.

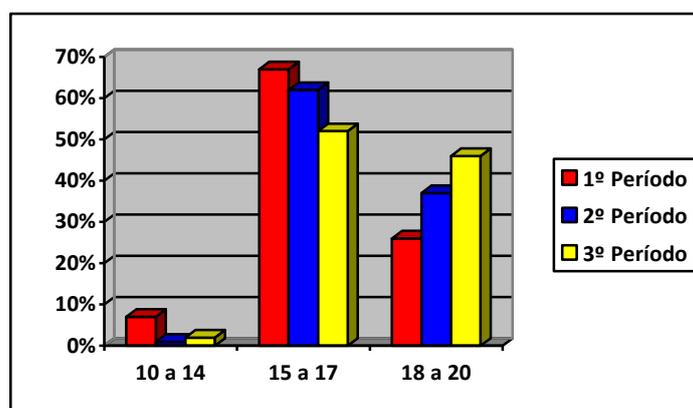


Figura 88. Comparação dos níveis finais atribuídos por período no ensino secundário

Podemos concluir que nas 4 turmas do ensino secundário a maior percentagem dos níveis atribuídos ao longo do ano se localizou no intervalo dos 15 aos 17 valores, tendo atingido o máximo no 1º período com 67%. Verificamos também, que ao longo dos períodos, a quantidade de níveis atingido neste intervalo foi reduzindo em detrimento do intervalo dos 18 aos 20 valores, que foi aumentando progressivamente. No final do ano a diferença entre estes dois intervalos era reduzida, 52% de 15 a 17, para 46% de 10 a 20 valores.

Por último, de referir que poucos alunos se situaram no intervalo dos 10 aos 14 valores, e na passagem do 1º para o 2º período houve uma redução bastante significativa, que praticamente se manteve no final do ano sendo o valor de apenas 2%.

4.2 Atividade não letiva

Ténis

A atividade de Ténis ao longo do ano foi dividida em 4 grupos, sendo 3 do 1º ciclo e 1 do 2º e 3º ciclos.

No 1º ciclo os alunos foram divididos por níveis estando os principiantes no grupo I, que tinham aulas às segundas e sextas ao meio dia e os mais desenvolvidos lecionavam às terças e sextas às 12 horas e 45 minutos no grupo II. Também à quarta havia um grupo a funcionar, não havendo aqui qualquer restrição em função do nível, pois era o dia das atividades extracurriculares, no colégio. Este grupo funcionava apenas uma vez por semana das 15 horas às 16 horas e 30 minutos, enquanto os restantes tinham duas aulas semanais de 45 minutos. A evolução, como seria de esperar, foi bastante mais significativa nos grupos que lecionavam 2 vezes por semana. O grupo I era constituído por 10 alunos na sua maioria do 1º ano de escolaridade, ou seja de 6 anos. Do grupo II faziam parte 8 alunos, na maioria do 3º ano, que no ano anterior já tinham frequentado a modalidade, e apresentavam já um nível de controlo de bola muito significativo para a idade. Por último o grupo III, sendo o mais heterogéneo, era também o que apresentava uma maior diferença de idade, havendo alunos dos 4 anos de escolaridade, e o que mais elementos tinha, ao todo 16.

Durante o ano letivo, para além das aulas, estes alunos também tiveram a possibilidade de realizar dois torneios convívios durante dois fins-de-semana, organizados pelo Luso Ténis Clube.

Igualmente realizado por este clube, a Festa Anual de Miniténis, proporcionou que grande parte dos alunos e os seus pais pudessem disfrutar de um domingo em maio cheio de

atividades e convívio, onde como não poderia deixar de ser o Ténis foi a modalidade de destaque, mas em que se praticaram outros desportos.



Figura 89. Uma atividade da Festa de Miniténis



Figura 90. Os alunos e pais na Festa de Miniténis

No 2º ciclo havia apenas um grupo de 14 alunos, que lecionavam a modalidade às quartas das 13 horas e 30 minutos às 15 horas. A falta de recursos quer nível de espaço, quer a nível de horas, dado eu ser o único docente a ministrar a modalidade de Ténis, não permitia que este grupo fosse desdobrado e fizesse mais aulas. Ainda assim, a qualidade de jogo que alguns alunos demonstravam era bastante acima do que seria espectável. Também estes alunos tiveram a possibilidade de realizar dois torneios, durante dois fins de semana, organizados pelo Luso Ténis Clube, em que para além de jogarem com os alunos de iniciação do clube, também participaram os alunos inscritos no Desporto Escolar da Escola Básica da Mealhada.

De salientar que tanto neste grupo, como no do 1º ciclo havia 2 alunos que estavam federados como jogadores e fizeram alguns torneios oficiais.



Figura 91. Uma atleta num torneio oficial



Figura 92. Um atleta que participou no Smashtour

Futebol

A atividade de Futebol decorreu durante todo o ano e tinha como população alvo o 1º ciclo. As aulas funcionavam segundas às 12 horas e 45 minutos e terças ao meio dia. Cada sessão durava 45 minutos. O grupo, composto por 15 alunos com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, sempre trabalhou de forma integrada e participativa. A diferença de idade nunca foi condicionante das aulas. Para além dos dois tempos semanais este grupo, durante o 3º período, teve a oportunidade de realizar dois jogos com os colegas do Colégio Salesiano de Mogofores, apesar destes serem alunos do 5º ano, uma vez que este estabelecimento de ensino não integra o 1º ciclo.

O primeiro jogo foi fora e o segundo no nosso colégio. Como seria de esperar o entusiasmo apoderou-se dos participantes na véspera e a alegria da participação numa competição saudável motivou ainda mais os alunos para a aplicação aquando das aulas.

Torneios

O ano letivo 2013/14 foi repleto de participação dos alunos nos torneios escolares, passando as duas centenas.

Foram realizados 4 torneios sob a nossa orientação: Futebol, Basquetebol, Voleibol e Ténis.

Sem dúvida, como acontece todos os anos, o que mais alunos movimentou foi o inter turmas de Futebol. Divididos em 3 escalões, em função da idade, as 6 turmas do 2º ciclo apresentaram 8 equipas, tendo duas delas participado com duas equipas. Foram criados 2 grupos em que jogaram todos entre si a uma volta e os dois primeiros passaram às meias-finais, e posteriormente os vencedores à final. No 3º ciclo apesar das 9 turmas, que existiam, apenas 4 se inscreveram, e assim o torneio foi jogado todos contra todos, sendo a classificação final o resultado dos pontos conquistados com as vitórias (3 pontos) e os empates (1 ponto) obtidos durante os jogos. No ensino secundário também apareceram 4 equipas, uma vez que o 12º ano não participou, por iniciativa própria, e a forma de disputa foi a mesma do 3º ciclo.

Os jogos que decorreram no campo exterior, foram sempre disputados de forma entusiasmante, e com grande assistência. Grande parte dos alunos que não estava a ter aulas dispunha-se à volta do campo para assistir aos jogos.

No torneio de Basquetebol, que foi disputado 3x3 a participação restringiu-se apenas aos mais novos, não que estivesse vedado o acesso aos mais velhos, mas simplesmente estes não se inscreveram. Este torneio contou com 6 equipas todas do 2º ciclo. O sistema de disputa foi todos contra todos valendo a vitória 2 pontos, a derrota 1 ponto e a falta de comparência 0 pontos. No final a equipa que obteve a melhor pontuação foi o vencedora.

No torneio de Voleibol também só se inscreveram 6 equipas e o sistema de disputa foi o mesmo do Basquetebol. Aqui já havia alunos do 7º ano, mas dada a escassez de equipas foram todas agrupadas num só grupo em conjunto com as equipas do 2º ciclo.

O torneio de Ténis contou com 16 inscrições, sendo duas femininas. Estas foram integradas no escalão masculino para não fazerem apenas um jogo. Os alunos foram divididos por quatro grupos, jogando todos entre si, e apurando-se os dois melhores classificados de cada grupo. A partir dos quartos de final o torneio passou a ser a eliminar. O sistema de pontuação utilizado foi a contagem dos pontos como no tie-break, mas por tempo.

Os torneios foram dirigidos para os alunos do 2º e 3º ciclos e secundário. O 1º ciclo não foi integrado nesta atividade.

Em todos os torneios, incluindo o de ténis, o tempo de cada jogo foram 20 minutos, pois só assim se conseguiu realizar todos os jogos calendarizados.

Em todos os torneios as equipas vencedoras e classificadas na segunda posição, bem como a nível individual no Ténis, receberam um prémio.

Visita de estudo ao Portugal Open

Uma atividade que já tinha tradição no colégio era a viagem ao Jamor, no final de abril ou início de maio, dependendo da data do torneio, para os alunos poderem contemplar alguns dos melhores jogadores de ténis da atualidade. Este ano letivo, não foi exceção, e assim 40 alunos acompanhados por mim e alguns pais puderam disfrutar de um magnífico dia, com a observação de excelentes jogos, paralelamente a muita brincadeira, nos standes dos patrocinadores, e no fun center, bem como algumas sessões de autógrafos com gente dos mais diversos meios mediáticos, como atores, cantores, apresentadores de televisão, futebolistas e como não poderia deixar de ser jogadores de Ténis.

Esta viagem teve como destinatários todos os alunos que frequentavam o ténis no colégio, quer através da atividade extracurricular, quer na equipa competitiva federada. Como nem todos os alunos queriam participar e outros não tinham a autorização dos encarregados

de educação, foram abertas 10 vagas para os restantes alunos que rapidamente as preencheram.



**Figura 93. O grupo com Vitor Cabral
Responsável pela formação FPT**



**Figura 94. Os alunos na bancada do
campo principal**

4.3 Desporto Federado – Treinador de Ténis

Paralelamente ao trabalho de docente no colégio trabalhámos igualmente como treinadores de Ténis, nesta instituição. Os treinos decorriam depois das aulas, no pavilhão, de segunda a sexta.

Anos antes havia sido criado um clube federado (Clube Cluny), que mantinha a sua atividade e era já um dos clubes conceituados da Associação de Ténis de Aveiro. Apesar de termos apenas um campo, que nem sequer poderia ser considerado oficial, pois apesar de ter as medidas legisladas, não tinha espaço suficiente entre uma linha final e a parede, e sendo um recinto fechado também não tem a altura exigida. Igualmente o piso não ajudava muito, pois è de madeira e não há campos de ténis com este piso. Mesmo assim alguns alunos do colégio frequentavam o clube onde treinavam ao final da tarde. Este ano funcionaram dois grupos: os sub10 e os sub12. Com treinos separados face às diferentes exigências, os 12 alunos inscritos praticavam a modalidade no colégio durante a semana e ao fim de semana participavam nos vários torneios realizados. A proximidade com Coimbra fez com que a maior parte das provas realizadas fosse nesta área, apesar de também termos disputado vários torneios no distrito de Aveiro. Alguns atletas, poucos, jogaram também torneios realizados no Porto.

Este ano foi bastante positivo em termos de resultados, apesar de todo o trabalho incidir na formação, pois tivemos atletas a vencer vários torneios, e fomos campeões regionais equipas sub12, contando por vitórias todos os encontros realizados. Este feito permitiu-nos aceder ao Campeonato Nacional, realizado em Julho em Vilamoura, onde obtivemos o brilhante 5º lugar.

Também a nível individual, o ano foi repleto de bons resultados, neste escalão, pois a nossa atleta Marta Fernandes foi campeã regional de singulares femininos, pares femininos e pares mistos, aqui com o colega de equipa Ricardo Carvalho. Para além destes feitos, que sem dúvida são os que mais marcantes, de referir que os nossos atletas conseguiram vencer vários torneios realizados pelos clubes, tanto na região de Coimbra como de Aveiro.

No escalão sub 10 tivemos alunos a participar com alguma regularidade nas provas do Smashtour, e em encontros organizados pelos clubes mais próximos.



Figura 95. Os campeões distritais e 5º classificados no Nacional (Vilamoura)



Figura 96. Marta Fernandes campeã regional feminina sub12

Não poderia deixar de referir que estes alunos que conseguiram ser campeões regionais e ficar e 5º lugar no campeonato nacional, também a nível escolar obtiveram excelentes resultados. Quatro, dos seis intervenientes, colaboraram através do bom desempenho escolar, para que o colégio neste ano ficasse em 3º lugar no ranking nacional do sexto ano. Os outros dois, não ajudaram para este feito, não porquê tivessem baixo desempenho, mas sim por serem mais novos e frequentarem apenas o 5º ano.

Segundo (Carlson, 2015) a prática diária de desporto favorece o comportamento e consequentemente a atenção dentro da sala de aula, possibilitando por isso melhores aprendizagens. Pensamos que também todo o trabalho realizado a nível desportivo com estes alunos serviu para melhorar o seu desempenho escolar.



Figura 97. Ranking Nacional do 6º ano

Secção 5: Reflexão Final

Durante estes últimos vinte anos de lecionação, e treino desportivo, procurámos sempre, ser mais do que professor de educação física, procuramos o “*ser professor*”, aquele que ajuda, esclarece, educa, ensina, prepara para o futuro, fornece bases de apoio, colabora nas situações mais difíceis e é um amigo, que trata os alunos de forma próxima e da mesma maneira que pretende ver os seus filhos tratados pelos seus professores.

Procurámos sempre a formação integral do ser humano, como é apanágio da própria instituição. Todos os alunos têm uma individualidade própria, com os seus próprios receios, angústias, medos, incertezas, mas têm também os seus sonhos, os seus horizontes e metas futuras.

Para ajudar a educar uma criança ou um jovem é necessário conhecê-la para na nossa interação com ela associarmos a transmissão de saberes com a proteção da sua auto estima e a segurança em si próprio, tão necessária à construção da sua autonomia.

Procurámos, sempre que possível, individualizar as nossas intervenções atendendo ao que nos parecia ser mais indicado para cada discente.

Ao longo do nosso percurso, a nível de conhecimentos científicos e didáticos, tentámos sempre manter-nos atualizados para estarmos a par do que de novo foi surgindo tanto no plano mais relacionado com a pedagogia como no que concerne a regulamentos, aspetos técnicos ou táticos.

No plano pedagógico e didático esforçamo-nos por manter bons níveis de comunicação, condição que consideramos fundamental em ambiente de ensino. Neste sentido tentámos criar ambiente positivo em que os alunos nos ouvissem e visualizassem as explicações, quase sempre breves e claras.

Na nossa intervenção docente para além do aspeto motor tivemos sempre em mente a relação da atividade motora com o domínio cognitivo, social, afetivo e espiritual de cada aluno. Tentamos estar familiarizados com os pensamentos e inovações que foram sendo introduzidas na área da educação. Não nos limitámos a esperar que aparecesse a informação, e procurámos estar atentos ao que de novo foi surgindo.

Realizamos várias ações de formação com o intuito de nos atualizarmos e dominar melhor as matérias que lecionamos.

A nível da aprendizagem pela motivação e responsabilização dos alunos, apoiámo-los na aquisição de novas competências, motivamo-los para a melhoria, através de incentivos e da formação de objetivos altos mas alcançáveis. Utilizamos práticas que promovem o desenvolvimento e o aprofundamento de competências, sistematizamos procedimentos e tarefas de rotina para comprometer os alunos em várias experiências de aprendizagem,

promovemos a auto estima, bem como apoiámos os alunos no desenvolvimento e utilização de formas de avaliar criticamente a informação.

Relativamente à nossa capacidade de adaptação ao que cada turma exigiu em função do nível, em que se encontrava, tentámos adequar estratégias para fazer face a diferentes modos de aprendizagem. Tentámos seleccionar os recursos tendo em conta as necessidades individuais de cada aluno, bem como ao ambiente de aprendizagem e às competências a desenvolver.

Em consonância com o projeto educativo do colégio, seguimos as suas linhas orientadoras, assim como estimulámos a aquisição dos valores realçados no ideário da instituição.

Valorizámos muito o planeamento das atividades e sempre que considerámos adequado estimulámos a participação dos alunos na definição de metas e processos.

Tentámos gerir os tempos de forma a cumprir os objetivos propostos. Planeámos as aulas de forma progressiva tentando potenciar transferes de umas matérias para as outras. Planeámos em grupo disciplinar e fizemos as alterações necessárias para cada turma, em função das características dos alunos.

No capítulo da avaliação, procurámos alinhar as estratégias de avaliação com os objetivos de aprendizagem. Começámos por avaliar diagnosticamente para podermos aferir o nível de cada aluno e posteriormente adaptar o trabalho a realizar. Realizámos a avaliação aula a aula, com um conjunto variado de técnicas. Sempre que foi necessário alteramos os processos de avaliação, tendo sempre em conta a evolução dos alunos. Favorecemos sempre uma comunicação aberta com os discentes, alertando para o patamar em que se encontravam e como deveriam melhorar. Aos pais foram igualmente facultados todos os resultados avaliativos. Integrámos sempre os alunos no processo avaliativo, através da autoavaliação.

No trabalho com os colegas de grupo disciplinar e de outros grupos, partilhámos experiências de ações que realizámos, trabalhámos cooperativamente para solucionar questões relacionadas com os alunos e as aulas, participámos em diversos grupos de trabalho sobre diferentes temas, e por diversas vezes realizámos atividades lúdico pedagógicas pluridisciplinares. Estabelecemos uma relação de respeito com todos os elementos da comunidade, participando de forma empenhada na vida do colégio. Em grupo participámos sempre na discussão/reflexão inerente às nossas práticas letivas (planificações, critérios de avaliação, definição/redefinição de estratégias, análise de resultados, elaboração de instrumentos de avaliação) bem como na planificação de atividades.

No que toca às relações com os alunos, que consideramos ser um dos nossos pontos mais fortes, demonstrámos sempre interesse, preocupação e respeito para com os alunos, mantendo interações positivas, quer a nível professor/aluno quer promovendo que o mesmo tipo de relação também se passasse entre alunos. Sempre tivemos calma e serenidade para resolver os comportamentos desajustados que surgiam nas aulas, procurando intervir para que os mesmos não reincidissem. Mantivemos sempre muita proximidade com os alunos, não só durante as aulas, mas também aquando das várias atividades que desenvolvemos, e durante os intervalos. O percurso pelos corredores ou pelo pátio do colégio sempre foi realizado com interação com os alunos por quem passávamos, tendo em conta que muitos deles não eram nossos alunos na disciplina de Educação Física, mas eram alunos do colégio.

Nas aulas zelámos por estabelecer uma relação humana, afetiva e pedagogicamente dinâmica, criadora de hábitos de trabalho e incentivadora da capacidade de pensamento crítico e criativo. Foram estabelecidas regras a cumprir, de forma a criar um bom ambiente de aula e fazer a transferência dessas regras para a vida em geral. Sempre ajudámos os alunos a ultrapassar os seus problemas e colocámo-nos sempre na nossa posição de professor, não em cima de um pedestal, mas ao lado como um amigo em quem os alunos sabiam que podiam confiar. Procurámos sempre o desenvolvimento da autonomia e da formação integral dos alunos.

Quando desempenhámos cargos de liderança, adotámos um estilo democrático e participativo, mas também determinado para que todos se sentissem integrados e participassem de forma desinibida. Sempre destacámos e apoiámos as ideias dos outros colegas, que nos pareciam uma mais-valia. Conseguimos desenvolver um estilo de liderança democrático em que as ideias eram apresentadas e debatidas, procurando entre todos um consenso final. Procurámos ser sempre um exemplo para ter o respeito e a colaboração dos nossos colegas. Apoiámos os professores que em algum momento necessitavam de apoio, tentando motiva-los, com incentivos e realçando o que de positivo faziam em detrimento de algo menos conseguido. Não obstante o cargo de chefia, sempre nos colocámos ao lado dos nossos colegas, mostrando apreço pelo trabalho desenvolvido por eles.

Durante estas duas décadas de trabalho escolar, como se pode constatar, sempre procuramos criar as bases de futuro das crianças e jovens que conosco trabalharam. O percurso realizado, não se restringiu à sala de aula, mas a muitas outras atividades realizadas e ao acompanhamento dos alunos. O trabalho direto das aulas é importantíssimo para alicerçar e fundamentar as aprendizagens mas, por si só, parece-nos insuficiente.

As atividades extracurriculares em que os alunos participam, fora do contexto formal da aula permitem conhecê-los de outra forma. Fazem também com que haja uma relação de maior proximidade entre alunos e professores. Possibilita ainda, que alunos que têm mais dificuldade em sala de aula, e se sintam inibidos, possam realizar ações que desempenham com grande correção e qualidade e desta forma melhorem a sua autoconfiança.

Nestes vinte anos desenvolvemos um conjunto elevado de atividades, com incidência na primeira década comparativamente à segunda. Este fato não é devido á alteração da nossa atitude ou sinal de relaxamento. Trata-se de uma alteração de perspectiva pedagógica promovida pela atual direção pedagógica que valoriza mais o trabalho na aula, não privilegiando tanto como anteriormente as atividades extracurriculares.

O fato de praticamente todos os alunos, iniciarem o seu percurso escolar no 1º ano, no colégio, e o corpo docente ser estável, facilita muito a nossa atividade profissional se comparada com as condições que frequentemente ocorrem no ensino público.

Desde muito cedo os alunos, habituam-se às regras e exigências e todo o seu percurso é alicerçado nestas bases o que facilita o seu desempenho escolar tanto a nível comportamental como em termos de rendimento académico.

Como balanço final e marca mais expressiva deste relatório que visa dar uma ideia tão precisa quanto possível sobre o nosso percurso ao longo dos últimos vinte anos de trabalho finalizamos com o nosso testemunho verdadeiro e sentido sobre o nosso empenho em colaborarmos na formação de futuros adultos, participantes ativos na vida cidadã, sem anularem as suas convicções e diferenças defendendo a importância para a sociedade dos valores familiares cristãos respeitando ao mesmo tempo as opções particulares por outros modelos de família. Norteados por estes valores procurámos que a nossa vida profissional tivesse sempre em conta o valor da competência técnica, mas acima disso colocámos o empenho e valorizamos ainda mais os valores do humanismo, da integridade e da honestidade.

Volvidos todos estes anos, várias vezes, somos surpreendidos por antigos alunos, que por vezes, já não reconhecemos, em função das suas mudanças físicas, e que nos encontram nos mais diversos locais e nos abordam, relembrando com entusiasmo os anos em que trabalharam connosco. Muitas vezes eles próprios agradecem um conselho, uma constatação, uma orientação, uma palavra amiga, um tempo que tivemos para os escutar quando tinham algum problema. É este tipo de abordagem que nos faz pensar que todo o esforço e dedicação à causa do ensino é gratificante e reconhecida, e acima de tudo serve para preparar e ajudar os jovens no seu futuro.

A Educação Física e o desporto são o nosso domínio, a nossa especialidade em termos de conhecimentos. Como refere Sérgio (1981), não é o desporto como técnica desportiva que me preocupa, mas o desporto como conhecimento. Também nós nos revemos nesta afirmação e terminamos com a afirmação de uma convicção. Nós somos professores de Educação Física, mas somos muito mais do que isso, somos Professores e servimo-nos da Educação Física e do desporto para tentar provocar nos alunos a vontade de escolherem o seu caminho para atingirem o sucesso.

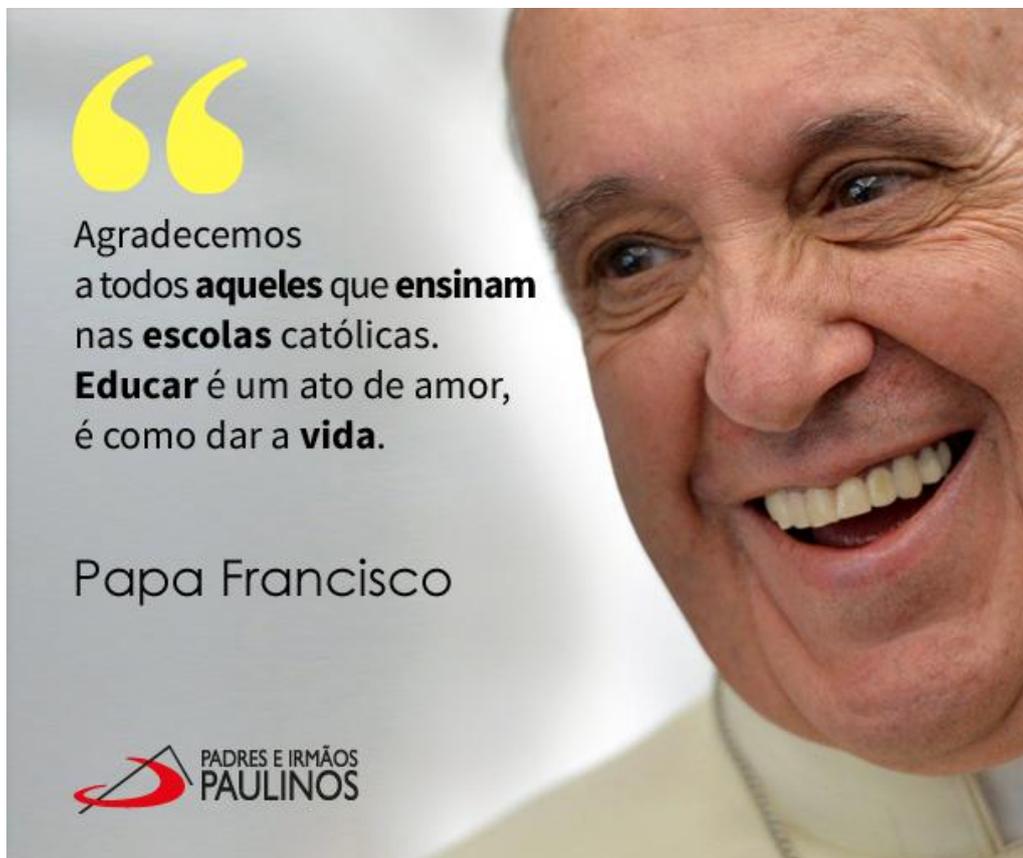


Figura 98. O agradecimento do Papa Francisco

Secção 6: Bibliografia

Alarcão, I. (1996). Reflexão sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores. In I. Alarcão (Ed.), *Formação reflexiva de professores: Estratégia de supervisão* (p.9-39). Porto. Porto Editora.

Araújo, J. (1994). *Ser Treinador*. Lisboa. Editorial Caminho.

Auduc, G. (2012). *Ana Maria Javouhey. 1779-1851. Um Coração Sem Fronteiras*. Província Portuguesa da Congregação de São José de Cluny.

Bronfenbrenner, U. (1996) A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas.

Carlson, J. (2015). Implementing classroom physical activity breaks: Associations with student physical activity and classroom behavior. *PrevMed*.

Campos, A. (1903). *Analfabetismo e Educação*. Lisboa. Diário Ilustrado.

Campos, A. (1911). *Educação e ensino*. Lisboa.

Colégio Nossa Senhora da Assunção (2013/14). *Plano Anual de atividades*. Documento interno não publicado.

Colégio Nossa Senhora da Assunção (2014). *Projeto Curricular de Escola*. Documento interno não publicado.

Colégio Nossa Senhora da Assunção (2013/14). *Regulamento Interno*. Documento interno não publicado.

Correia, L. (2010). *Centenário da República: O ensino primário na primeira república - O homem vale, sobretudo, pela educação que possui*. Seara Nova. Edição número 1713.

Correia, L. (2010). *Centenário da República: O ensino e a primeira república (conclusão)*. Seara Nova. Edição número 1714.

Ferreira, P. (2015). *70 dias com o Papa Francisco*. Porto. Cavaleiro da Imaculada.

Ferreira, P. (2014). *Papa Francisco dia-a-dia*. Porto. Cavaleiro da Imaculada.

Januário, C. (1996). *Do pensamento do professor à sala de aula*. Coimbra. Livraria Almedina.

Kemmis, S. (1985). Action research and politics of reflection. In D. Boud, R. Keogh & D. Walker (Orgs.), *Reflection: Turning experience into learning* (p.139-163). London. Kogan Page.

Magalhães, J (2012). *Republica e Regimentação Escolar: O Estatuto Fundante da I Reforma Republicana do Ensino*. Lisboa. Instituto da Educação da Universidade de Lisboa.

Nóvoa, A. (1992). *A Educação Nacional*. In F Rosas (Coord.). *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)* (pp. 455-519). Lisboa. Editorial Presença.

Nóvoa, A. (1992). Os professores e as suas histórias de vida. In A. Nóvoa (Ed). *Vidas de professores* (p.31-61). Coleção Ciências da Educação, Vol.4. Porto: Porto Editora.

Pintassilgo, J. (2010). *Igreja, Estado e família no debate sobre o ensino particular em Portugal (meados do século XX)* – Campinas, 2010, (p.181-198).

Pintassilgo, J. (2011) *O Ensino e a pesquisa da História da Educação* – Universidade Federal Alagoas, 2011, (p.219-241).

Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da Aprendizagem*. Lisboa. Texto Editora.

Richome, A. (2005). *Ana Maria Javouhey. História de uma grande Missionária*. Província Portuguesa de São José de Cluny.

Rosado, A. (1998). *Desenvolvimento Sócio Afetivo em Educação Física*. Millenium, 10.

Segonzac, M. *Ana Maria Javouhey. Correspondência. Cartas III 530 a 913. 4 de agosto de 1843 a 3 de outubro de 1849*.

Sérgio M. (1981). *Filosofia das Actividades Corporais*, Lisboa. Compendium.

Serrazina, L. (1998). *Desenvolvimento Profissional de Professores: Contributos para a reflexão*. Trabalho apresentado em IX Seminário de Investigação em Educação Matemática, In Actas do IX SIEM, Guimarães.

Schön, D. (1987). *Educating the reflective practioner*. São Francisco, CA. Jossey-Bass.

Tornielli, A. (2015). *Francisco. O nome de Deus é Misericórdia*. Lisboa. Planeta.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias práticas*. Lisboa. Educa.

Referências Legislativas

Constituição: Decreto 22241/1933 de 22 de fevereiro. *Diário do Governo N° 43 – 1ª série*.

Concordata (1940). De 7 de Maio. Artigo 42º

Decreto – Lei nº 23447/1934, de 5 de Janeiro. *Diário do Governo*.

Decreto-Lei nº 21207/41, de 5 de Abril. *Diário do Governo*.

Decreto - Lei nº 2033/1949, de 27 de Junho. *Diário do Governo*.

Decreto – Lei nº 553/1980, de 21 de Novembro. *Diário da Republica N° 270 – 2ª serie*. Ministério da Educação e da Ciência. Conselho de Ministros. Lisboa.

Lei nº 46/1986, de 14 de Outubro. *Diário da Republica N° 237 – 1ª Série*.

Anexo A

Alunos Matriculados No Ensino Público de 1961 a 2014			
Anos	Total	Ensino Básico	Ensino Secundário
1961	1.074.831	1.066.471	8.360
1962	1.091.831	1.082.665	9.166
1963	1.111.073	1.100.471	10.602
1964	1.123.034	1.110.577	12.457
1965	1.155.470	1.141.982	13.488
1966	1.167.658	1.152.799	14.859
1967	1.181.652	1.165.415	16.237
1968	1.199.136	1.182.345	16.791
1969	1.280.211	1.262.285	17.926
1970	1.337.499	1.316.279	21.220
1971	1.373.613	1.347.887	25.726
1972	1.407.076	1.378.582	28.494
1973	1.448.201	1.412.768	35.433
1974	1.483.781	1.444.883	38.898
1975	1.530.952	1.466.815	64.137
1976	1.602.729	1.519.725	83.004
1977	1.628.366	1.533.351	95.015
1978	1.689.824	1.560.791	129.033
1979	1.687.950	1.547.467	140.483
1980	1.702.218	1.538.389	163.829
1981	1.746.748	1.574.568	172.180
1982	1.744.935	1.583.910	161.025
1983	1.794.773	1.617.450	177.323
1984	1.797.047	1.615.312	181.735
1985	1.833.059	1.636.458	196.601
1986	1.848.638	1.639.405	209.233
1987	1.837.330	1.606.932	230.398
1988	1.841.399	1.583.661	257.738
1989	1.812.353	1.555.573	256.780
1990	1.816.727	1.531.114	285.613
1991	1.802.495	1.484.256	318.239
1992	1.870.106	1.509.182	360.924
1993	1.808.972	1.441.889	367.083
1994	1.815.172	1.429.824	385.348
1995	1.808.551	1.408.449	400.102
1996	1.756.058	1.339.749	416.309
1997	1.703.889	1.305.723	398.166
1998	1.658.637	1.276.376	382.261
1999	1.621.616	1.259.473	362.143
2000	1.595.668	1.240.836	354.832
2001	1.567.286	1.223.151	344.135
2002	1.518.976	1.192.931	326.045
2003	1.491.260	1.174.412	316.848
2004	1.481.343	1.166.277	315.066
2005	1.463.819	1.153.057	310.762
2006	1.427.658	1.145.234	282.424
2007	1.444.895	1.155.181	289.714
2008	1.467.470	1.187.184	280.286
2009	1.661.174	1.283.193	377.981
2010	1.626.441	1.256.462	369.979
2011	1.550.057	1.206.716	343.341
2012	1.477.353	1.157.811	319.542
2013	1.408.537	1.093.523	315.014
2014	1.363.072	1.057.459	305.613

Anos	Alunos Matriculados no Ensino Privado de 1961 a 2014				
	Ensino Básico				Ensino Secundário
	Total	1º Ciclo	2º Ciclo	3º Ciclo	
1961	95.513	41.211	22.112	27.424	4.756
1962	96.292	40.442	22.165	28.993	4.692
1963	99.417	41.255	23.357	30.550	4.255
1964	103.316	42.367	24.207	32.279	4.463
1965	113.983	44.090	28.749	36.092	5.052
1966	118.564	45.495	30.615	37.412	5.042
1967	123.403	47.156	33.798	37.280	5.169
1968	130.871	47.006	39.606	39.314	4.945
1969	140.630	49.061	46.588	38.968	6.013
1970	146.779	51.772	47.987	41.212	5.808
1971	149.937	52.315	49.022	42.332	6.268
1972	149.265	52.992	47.220	43.745	5.308
1973	140.601	57.017	38.630	43.084	4.870
1974	139.926	59.776	34.270	41.125	4.755
1975	120.180	57.187	25.363	33.914	3.716
1976	91.988	39.293	19.054	30.266	3.375
1977	98.581	46.186	19.790	28.064	4.541
1978	108.332	57.635	20.338	25.986	4.373
1979	113.924	59.534	23.982	25.631	4.777
1980	117.065	63.335	23.999	24.044	5.687
1981	111.962	64.779	23.000	20.279	3.904
1982	117.272	65.308	24.403	18.158	9.403
1983	118.003	65.455	23.544	18.569	10.435
1984	122.945	64.977	28.999	19.484	9.485
1985	113.551	61.611	24.471	17.921	9.548
1986	143.349	56.281	34.630	39.720	12.718
1987	137.874	51.470	36.783	36.991	12.630
1988	144.086	49.469	40.288	35.662	18.667
1989	126.139	47.454	24.024	35.219	19.442
1990	134.544	45.440	27.415	37.734	23.955
1991	147.512	53.115	26.043	38.682	29.672
1992	165.652	52.699	27.391	45.223	40.339
1993	167.817	46.498	27.515	45.026	48.778
1994	168.221	44.647	28.254	42.368	52.952
1995	171.635	47.570	25.160	41.813	57.092
1996	175.847	47.210	25.727	41.998	60.912
1997	177.484	46.033	27.233	44.152	60.066
1998	175.090	45.412	26.831	42.325	60.522
1999	177.531	49.080	27.584	42.005	58.862
2000	184.004	50.894	28.165	42.076	62.873
2001	192.863	52.251	28.058	42.941	69.613
2002	195.553	51.970	29.188	42.908	71.487
2003	193.800	49.788	30.923	44.348	68.741
2004	191.458	49.396	30.473	44.443	67.146
2005	190.018	49.954	29.620	44.310	66.134
2006	192.843	51.722	29.764	46.381	64.976
2007	198.369	53.296	30.340	47.736	66.997
2008	204.991	52.824	30.052	52.924	69.191
2009	309.271	54.826	35.750	98.349	120.346
2010	300.439	54.932	37.225	94.279	114.003
2011	262.886	54.580	36.611	74.141	97.554
2012	246.218	53.564	35.134	65.824	91.696
2013	217.014	51.720	31.000	50.861	83.433
2014	208.515	50.640	30.751	47.527	79.597

Anexo B

MOVIMENTO ESCOLAR - 2014 / 2015

	ANO/TURMA	Nº ALUNOS/TURMA	Nº ALUNOS/ANO	Nº ALUNOS/CICLO	Nº TOTAL DE ALUNOS
1	1º A	21	43	1º Ciclo 219	S/1º Ciclo: 630
2	1º B	22			
3	2º A	26	52		
4	2º B	26			
5	3º A	23	58		
6	3º B	16			
7	3º C	19			
8	4º A	21	66		
9	4º B	22			
10	4º C	23			
11	5º A	29	88	2º Ciclo 177	
12	5º B	30			
13	5º C	29			
14	6º A	30	89		
15	6º B	30			
16	6º C	29			
17	7º A	31	93	C/1º Ciclo: 849	
18	7º B	31			
19	7º C	31			
20	8º A	31	94		
21	8º B	31			
22	8º C	32			
23	9º A	30	85		
24	9º B	28			
25	9º C	27			
26	10º A	31	62	Secundário 181	
27	10º B	31			
28	11º A	30	59		
29	11º B	29			
30	12º A	30	60		
31	12º B	30			

atualizado em: 05-01-2015

Anexo C



CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE AVALIAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO

Domínios do <i>Saber</i> e do <i>Saber Fazer</i>	
COMPETÊNCIAS	<ul style="list-style-type: none">• Expressa conhecimento declarado sobre a origem histórica, regras das atividades físicas e desportivas e os sistemas orgânicos inerentes ao movimento humano,• Compreende as relações de causalidade que se estabelecem entre as variáveis de processo (capacidades físico-motoras) e de produto (movimento),• Aplica no contexto específico das atividades físicas e desportivas, as competências (de compreensão e expressão) de língua portuguesa escrita e oral.• Comporta-se em conformidade com as regras de higiene, segurança e boa utilização dos equipamentos e material inerente às várias atividades do programa curricular (inclui-se neste ponto o equipamento desportivo)• Realiza ações motoras globais de longa duração com intensidade moderada a vigorosa, sem diminuição nítida de eficácia, controlando o esforço, resistindo à fadiga e recuperando a prontidão fisiológica para a atividade física com relativa rapidez após o esforço,• Revela esforço individual e comprometimento com a prossecução dos objetivos estabelecidos, demonstrando progressos desde a avaliação inicial até à avaliação final,• Executa com critérios de proficiência motora os elementos técnicos (contidos nas atividades programáticas em contexto de tarefa estandardizada (exercícios critério),• Em situação de incerteza contextual (situações de jogo), aplica corretamente os elementos técnicos, táticos e regulamentares que foram objeto de ensino-aprendizagem na unidade didática,• Colabora com os colegas em todas as situações, de exercício e jogo, demonstrando princípios e atitudes de cordialidade e respeito.
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	
<ul style="list-style-type: none">• Observação direta (em contexto de aula e através da realização de exercícios critério e de incerteza contextual em situação de avaliação formal)• Trabalhos orais/escritos e/ou testes	
MATERIAL INDISPENSÁVEL PARA A DISCIPLINA	
Equipamento desportivo (tênis desportivos, meias, fato de treino/calções, T' shirt do colégio); toalha/produtos de higiene	
Nota 1 – Na classificação final de cada período, será sempre tida em consideração a progressão ou regressão do aluno	

A nota a atribuir na **Observação Direta**, relativa aos domínios do *Saber* e do *Saber Fazer*, no final de cada um dos períodos, será calculada de acordo com a seguinte escala:

DESEMPENHO DO ALUNO	ENSINO BÁSICO (em percentagem)	ENSINO SECUNDÁRIO (em valores)
Nunca	0	0
Muito raramente e sem qualidade	30	6
Raramente, ou apenas quando solicitado, mas com pouca qualidade	40	8
Irregularmente, quer na frequência quer na qualidade	60	12
Regularmente, quando solicitado ou espontaneamente, mas com qualidade	80	16
Frequentemente, de modo espontâneo ou quando solicitado, mas com boa qualidade	90	18
Sempre e com excelente qualidade	100	20

DOMÍNIOS	PONDERAÇÃO
Saber e Saber Fazer	80%
Saber Ser e Saber Estar	20%